IMPRESSO NA GRAFICA Alves Pereira Ltda.
REDATORES
JOÃO ALVES PEREIRA e
ROLANDO GUZZONI

Tapejara

ORGAO DO CENTRO CULTURAL "Euclides da Cunha"
DIRETOR
FARIS ANTONIO S. MICHAELE
SECRETARIO
DAILY LUIZ WAMBIER

ANO V • PONTA GROSSA, DEZEMBRO DE 1955 • N.º 16

"ELITES"

Daily Luiz Wambier

A cada impacto de nova crise aparecida no Brasil, fala-se da falta de uma "elite" capaz, realmente, de exercer o papel que os agrupamentos humanos lhe impõem, a fim de que a sociedade e a família, que se aviltam e se degradam dia a dia, possam receber o sangue novo das recuperações.

Essa falta é por demais evidente, se a gente tomar o galicismo como outros povos o entendem, isto é, como sendo "a minoria prestigiada e dominante" ou "aquilo que há de melhor numa sociedade".

Temos uma falsa "elite", não há negar. E os seus componentes vieram para a crista dos acontecimentos, como classe dominante e dirigente, não por possuírem o indispensável patrimônio moral e cultural, mas por estarem na posse do poder econômico, que domina a sociedade brasileira.

A pecúnia formou essa "elite", que passou a tilintar as suas moedas, ao modo da besta-guia de tropa, a qual conduz os animais, que seguem, de cabeça baixa e vazia, o ruído do cincerro prêso ao seu pescoço. A maioria dos homens vem acompanhando, ao longo dos tortuosos caminhos da vida moderna, aquêle barulho de dinheiro que se escuta bem de longe.

É essa a "elite" que o País possui. Que a maioria prestigia e por ela se deixa dominar, dando-lhe um prestígio tão falso como ela é.

É natural que nada se possa exigir dessa classe de dirigentes, cujos fundamentos se encontram repousados em bases tão frágeis e inconsistentes.

Os outros povos dispõem de uma "elite" autêntica, embora o dinheiro, não raro, procure nela se infiltrar, provocando situações delicadas, inteiramente contrárias aos interêsses da respetiva sociedade. A reação, porém, se opera dentro da própria "elite", de modo que ela sempre procura se conservar como é preciso, isto é, como a cúpula moral e cultural do agrupamento.

O dinheiro nem sempre combina com a moral, embora quase sempre, ou mais frequentemente, se case com a cultura. Não é suficiente, contudo, êsse conúbio, porque os elementos de ordem moral representam o mais essencial. "Élite" apenas com dinheiro e cultura, por conseguinte, também é considerada incompleta, uma vez que lhe falta o material primeiro para a sua composição.

Tenta-se, em nossa terra, um largo, amplo e profundo movimento no sentido de repor as coisas nos seus devidos lugares, ensejando o estabelecimento de uma classe que disponha de moral e cultura, embora esteja desprovida das coisas que o poder econômico detém. Muito difícil a consecução dos altos e meritórios propósitos colimados, eis que, infelizmente, a pecúnia não cede lugar com facilidade, não recua nem se conhece como elemento negativo na composição de uma verdadeira "elite". Basta que o indivíduo esteja bem situado na vida, pelos seus haveres nem sempre bem adquiridos, para que se julgue habilitado a dominar e ter crédito de prestígio da maioria das gentes. Não importa que, via de regra, seja vazio de cultura e alérgico às normas de moral mais primárias. A êle parece que a abastança dá cultura e proporciona moral aos que não as têm. E é dêsse jeito, feitas as clássicas e honrosas exceções, que vimos formando e mantendo essa "elite" de papelão que aí está, desservindo a sociedade e a Pátria, e provocando revoltas justas e mal reprimidas no seio da grande maioria dos dominados e conduzidos.

Assim, urge um reexame da atual situação, de maneira a que as qualidades de espírito possam exercer o seu natural papel de formar as "elites" brasileiras, sem que o poder econômico interfira na sua ação, pois essa intervenção está se tornando francamente nociva ao bem-estar geral e sobretudo um mal incalculável à Nação.

Ao invés de uma "elite", está se formando, no País, uma classe indesejável de gozadores da vida, uma casta de privilegiados da fortuna, uma camada de indivíduos fúteis, vaidosos e egoístas, para quem os bens terrenos, de ordem material, foram postos no mundo só para si e se movimentam só para acrescentar maiores cabedais aos seus haveres.

O talão de cheque deve ceder o lugar que ocupa, individuamente, em nosso meio, às virtudes morais e espirituais que valorizam o homem e elevam os seus agrupamentos.

Enquanto as riquezas bancárias forem consideradas mais valiosas que as riquezas morais e espirituais do indivíduo, não teremos a referida "minoria prestigiada e dominante" formada por "aquilo que há de melhor numa sociedade".

POEMA "GOIOBANG"

O movimento de cultura literária, comemorativo ao Centenário do Paraná, constituiu, também uma jornada brilhante e de admirável repercussão em todo o país.

Entretanto, eu não fui dos mais felizes. Não pude participar, como devia, dessa repercussão, solvendo dos ideais cristalinos, que a jorros e com arte se fizeram páginas adoráveis, cantando ou contando os fatos do nosso Paraná. Li poucas das aludidas obras. Mas pretendo ler tôdas as que me vierem às mãos.

Entre as que me foi dado o prazer de sua leitura, quero salientar "Goiobang", de autoria do poeta, Professor O. Martins Gomes, um dos laureados da Academia Paranaense de Letras.

O enamorado da natureza desta terra fica extasiado ante as magestosas paisagens descritas pelo engenho de um mestre. Fica enlevado vendo em cada página a pintura viva e real da flora e acidentes topográficos do relêvo. Assim, também, dos nomes das coisas de usos e da natura ambiente emergindo em ritmos poéticos.

Eis como o poeta sonhou a visão dos primitivos visitantes ao primeiro planalto:

Pinheiral a perder de vista...
Mêses a fio para atravessá-lo
em marcha sedutora rumo a oeste,
subindo outros chapadões,
o segundo, o terceiro,
até "los pueblos" de Espanha,
até os saltos formidolosos,
onde o condor largando-se dos píncaros
dos Andes,
entendiado da neve,
e transpondo a amplidão,
vem variar de emoção...

Oh a magia do desconhecido,
a atração pelo ouro dos grotões e das gruparas!
Para a louca aventura do homem branco,
na cata das pepitas cintilantes,
que importava a temida hostilidade
dos bronzeados senhores do sertão,
com suas clavas e seus arcos?
Mas os caingangues eram pacíficos e acolhedores.
Prenunciavam a hospitalidade brasileira
E si o velho cacique não fêz nheengaçu,
apontou entretanto aos invasores
o lugar do pouso e da morada.
Foi lá, para as bandas do Atuba,
que êle, com a dextra possante,
fincou no chão sua invicta uruguru,
exclamando resoluto "Taki-keva!"

Sinceramente, o autor destas linhas, conhecedor da coletânea de Leonardo Motta e Luiz Câmara Cascudo, apaixonados investigadores dos repentistas do folclore brasileiro, conceitua "Goiobang" em contribuição regional, no gênero, das mais preciosas.

Uma obra como esta soma justificado orgulho à gente de nossa terra, isto por constatar, possuir o Paraná alguém que sente e comunica, com arte, a natureza que o cerca. O orgulho se explica. É que, sem difusão de trabalho dêsse gênero, era de julgar ser privilégio, além dos autores citados, de Euclides da Cunha, Alberto Rangel, Catulo, Gonçalves Dias — viverem a "sociedade das montanhas, dos rios, das estrelas", da odisséia dos bandeirantes, cenário e vida do sertão, da taba, do indígena do Brasil, conhecendo tôda sua original nomenclação.

É essa descrição e nominação que identifica a brasilidade daqueles autores e que opulenta o valor de "Goiobang". Pois, já afirmavam os doutos que, tudo quanto é próprio de um povo é que o identifica como tal. É opinião também de Mário da Silva Brito no "Informe sôbre o homem

o poeta Gonçalves Dias", na apresentação das "Poesias Completas" em sua última edição. Ele afirma, se Gonçalves Dias escreyesse as poesias de seus cantos em pura linguagem da Metrópole, e não criasse figuras brasilicas, vivendo a sua natureza, com os nomes indígenas consagrados pelos seus habitantes, daí não era poesia do Brasil, era uma fantasia como outra qualquer.

Pelo visto, o ilustre autor de "Goiobang" inspirou-se em tôdas as realidades de nossa terra. O "Poema alusivo às origens e à formação do Paraná", retrata tôda a terra dos pinheirais, sua evolução desde Gabriel de Lara até os bandeirantes destemidos que estenderam nossos limites ao goiobang magestoso. O poema vive a emoção do cenário, que pintando a quadro deslumbrante da subida da serra do mar, quer na planície, descortinando "pinheiros, pinheiros e pinheiros!", ainda no descrever o "habitat assustador para o homem branco", e por fim, na recepção do advena com "as vozes da floresta".

Todos os passos que assinalam a trajetória do Paraná, vencendo obstáculos telúricos, sociais, políticos, materiais e humanos, são cantados com fidelidade e arte em "Goiobang", entremeando-se o vocabulário suntuoso do autor com o folclórico muxirão, fandango, tarimba, tiguera, nomes êstes só familiares aos que se enraizam no conhecimento dos simples da nacionalidade, e que, já por isso, se sublimam como bons brasileiros.

Finalmente, o progresso, resultante do esfôrço dos paranaenses de todos os tempos e em todos os recantos do Paraná, refulge na poesia do Dr. Oscar Martins Gomes, como a melhor dádiva de um bom filho àquele que festeja seu 1.º Centenário de emancipação política.

JOÃO ALVES PEREIRA
(Do Centro Cultural Euclides da Cunha)

TELA INCOMPREENDIDA

Manoel Grott.
Ao Professor **José Daros.**

A arte não tem pátria, nem idade.

É, apenas, a expressão do belo, em qualquer tempo e em todo lugar. O Ontem, o hoje ou o amanhã não lhe restringem ou ampliam os caracteres de beleza. **Qu'est-ce que le temps?** Foi uma pergunta de Descartes que, êle próprio, não pôde responder. Duração das coisas, diz o dicionário. Afinal, duração é tempo, também. Caimos, assim, num círculo vicioso: definir um fenômeno com o próprio fenômeno. Com a mesma lógica, diríamos que eletricidade é eletricidade. Einsteim afirma que tempo não tem existência real, assinala, apenas, os eventos que representa. De outra parte, as coisas têm existência eterna, sujeitas, apenas, às leis da evolução. Derivamos, sem o querer, do nosso tema: a descrição de uma tela. De outra parte, sabemos que nêda há absolutamente isolado dentro do universo.

De outro conceito, a arte se entretém de todos os conhecimentos do espírito humano. Daí, o emaranhado de conjecturas que anomala um desvio lógico do pensamento, numa aparente desconexão do raciocínio.

Além do mais, ouvimos, a tôda hora, a desconcertante classificação de arte anga, arte moderna e arte futurista, como se a curva do tempo e do espaço pudesse assinalar um ponto inicial e específico para cada espécie de arte.

Afora os caracteres gerais, a arte tem qualquer coisa do homem e do meio. Não há uma perfeita identidade entre as pinturas do mesmo motivo. A própria igualdade matemática é uma simples relação. A igualdade absoluta só existe nos domínios da abstração. Adstrita ao temperamento do artista, a arte diferencia-se ao infinito. Outra vez estes conceitos afastam-nos do nosso objetivo: a história de uma tela.

Certo pintor, laureado em tôdas as escolas, premiado em várias exposições, devêra concorrer a um certame artístico, onde se inscreveriam, também, colegas seus de fama internacional.

Velho, já cansado das alegrias e tristezas desta vida, pensou, pintaria o seu último quadro. Imbuido dos faustos e glórias do passado, queria-o uma obra-prima, acima do que já fizera nos tempos de fastígio.

Pintarei, foi a sua primeira sugestão, um tipo de beleza, perfeito em linhas, traços, côres e proporções. Não, pensou, que a beleza plástica é passageira e, às vezes, até pecaminosa. Há assuntos mais elevados no âmbito da espiritualidade. Procurou motivos em todos os recantos da natureza. Perscrutou a profundeza glauca dos oceanos, dos mares e dos rios.

Percorreu o seio escuro das florestas, os campos verdes; os lagos e os pantanos onde há lírios e há cárdos. Cismou nos mistérios dos berços e no segredo dos ninhos, nos bosques e nas flores. De repente, sorriu. Achara o motivo de sua tela... Desenhou um pedaço azul do céu, azul e profundo e, sôbre êle, escreveu, com raios de sol, a palavra Deus.

O seu trabalho não figurara na exposição, fôra recusado. Um pedaço do céu bem pintado e uma palavra bem escrita, só, disseram os julgadores, não é tela de um mestre. Além do mais, pensaram, o ateu pode ser um grande artista. A arte é um pedaço da natureza e não uma religião.

Sabedor da recusa, pegou da sua tela e, sobraçando-a, levou-a para casa. Aquela negativa valeu-lhe uma glorificação. Não foi compreendido. É nisto está a grandeza do artista.

A arte não é, apenas, uma impressão sensacional, tem alguma coisa subjetiva, divina, espiritual. Vem do Céu, vem de Deus.

Aquela tela teve a glória eterna de uma definição.

(Ordem Cronológica, a partir da sua fundação)

SÓCIOS DO ESTRANGEIRO

Snr. Arnaldo Cruz — Catamarca, 237 — Paraná, República Argentina.

Dr. Rafael Larco Herrera — Hacienda Chiclin — Trujillo — Perú

Snr. Fortino Ibarra de Anda — Apartado, 8.407 — México

Snr. Carmelo R. Hernández — s/c Sarandi, 869 — San José de Mayo, Uruguay

Snr. Eudaldo G. Montes — s/c Cerrito, 726 (Ap. 252) — Montevideo.

Snr. G. Humberto Mata — Apartado, 277 — Cuenca, Equador

Prof. Raul Vallejos — Salta, 2.960 — Santa Fé — Argentina

Prof. Juan Marín — Apart. 2.302 (Habana — Cuba)

Dr. Eduardo Valdivia Ponce — Mollendo, Perú

Prof. Joshua Hochstein — Evander — Childs High School — East Gun Hill Road, 800 — New York

Da. Clotilde C. de Perés — "El Hogar Infantil" — 18 de Julio, 1958 — Montevideo, Uruguay

Snr. Gonzalez Barbé — Idem — Idem

Snr. Pastor del Rio — Apartado de Correos, 1.969 — Havana (Cuba)

Snr. Oscar Ponce de Leon — Casilla de Correo, 1.331 — Lima — Perú

Prof. Eugen Relgis — Uruguay, 1772 (apartado, 16) — Montevideo, Uruguay.

Prof. George Nicolai — Idem — Idem

Dr. Ariel Bouchaton Martini. J. M. Blanes, 1.323 — Montevideo, Uruguay

Profa. Filomena Ulloa — Idem — Idem

Snr. Daniel D. Vidart — Idem — Idem

Snr. Carlos de Arboleda → Idem — Idem

Don Afonso Godoy — Idem — Idem

Prof. Lynn Smith — University of Florida — Gainesville — Florida

Prof. Alexander Marchant — Vanderbilt University — Nashville — Tennessee, Estados Unidos

Prof. Alberto Palumbo — Via Arenaccia, 283ª — Napoli — Itália

Dr. Santiago Gastaldi → Solano Garcia, 2387 —Montevideo — Uruguay

Prof. Francisco Pablo Labombarda — Instituto de Cultura Americana — (Calle 31 n.º 435) — La Plata — Argentina

Prof. Melvin G. Nydegger — Mississipi Southern College — Hattiesburg, Mississipi — E. Unidos

Dr. Raul Borruat — San Lorenzo, 44, Paraná — Argentina

Dr. Duilio Edmundo Vadela → Avenida Mayo, 1276 — 3.º Derecha — Buenos Ayres — Argentina

Dr. Constancio C. Vigil — Editorial Atlantida, Buenos Aires (Falecido)

Dr. Luis Monsalve — Pozo — Universidade de Cuenca — Cuenca — Equador

Dr. Victor N. Romero del Prado — Paso, 6 — Cordoba — Argentina

Dr. Luis de Gásperi → 25 de Mayo, 441 — Asunción — Paraguay

Prof. Dr. Philip k. Hitti — Princeton University — Princeton, New Jersey — Estados Unidos

Snr. Carlos Alberto Fonseca — Casilla de Correo, 1331 — Lima — Perú

Snr. Juan Antonio González — Colonia — Uruguay

Prof. Francisco Romero — Eduardo Costa, 2.660 → Martinez (F.C.C.A.) Buenos Aires

Prof. Emilio Gonzáles Lopez — Park Avenue, 695 — New York, 21 — Estados Unidos

QUADRO SOCIAL DO CENTRO CULTURAL "EUCLIDES DA CUNHA"

Snr. José Rotundo Campoflores — s/c. Ruiz Huidobro, 2.213 — Buenos Aires

Snr. J. Roman Pérez — Sénac — La Estanzuela — Depart. de Colonia — Uruguay

Dr. Enrique de Gandia — Calle Elflein, 3.567 — La Lucila → Gran Buenos Aires

Dr. Federico de Onís — Park Avenue, 695 (New York 21) — E. Unidos

Dr. Antonio S. de Bustamante - Aguacate, 502 (Apart. 134) — Havana — Cuba — (Falecido)

Sñra. Concha Roméro James (Panamerican Union) — Washington — Estados Unidos

(Continua)

SÓCIOS DO BRASIL
(Excluindo o Paraná)

Dr. Claudio de Souza — Praia do Flamengo, 172 (10.º andar) — Rio de Janeiro (Falecido)

Prof. Plínio Ayrosa → Faculdade de Filosofia — São Paulo

Prof. Fernando de Azevedo — Faculdade de Filosofia — São Paulo

Dr. Afonso de Taunay — Museu Ipiranga — São Paulo

Dr. Altino Arantes → Frei Caneca, 1.282 — São Paulo

Prof. J. C. de Melo e Souza — Rua Artur Araripe, 43 — Rio de Janeiro

Prof. Levi Carneiro — Rua Gustavo Sampaio, 92 — Rio de Janeiro

General João Pereira de Oliveira — Rua Pompeu Loureiro, 134 (Copacabana) Rio de Janeiro

General Mário Travassos → Rua Guaxupé, 11-A — Rio de Janeiro

General Tristão Alencar Araripe — Rua Saboia Lima, 83 (Tijuca) → Rio de Janeiro

Dr. Mário Lins — Rua Anchieta, 5 (Apartamento 701) — Rio de Janeiro

Prof. Djacir Menezes — Rua Medeiros Passaro, 64 (Tijuca) — Rio de Janeiro

Prof. Alcântara Nogueira — Rua Santo Cristo, 181 (Saúde) — Rio de Janeiro

Snr. Raymundo Maranhão Ayres — Avenida General Rondon → Guiratinga, Mato Grosso

Prof. João de Souza Ferraz — "Letras da Provincia" — Praça da Liberdade, 291 — Limeira — São Paulo

Dr. Francis Townsend — Consulado Americano — Recife

Dr. Maurício Medeiros — Rua Gustavo Sampaio, 107 (Apartamento 505) Rio de Janeiro

Dr. Hélio Chaves — Rua Alberto Torres, 67-A — Petrópolis — Rio de Janeiro

Dr. Oswaldo Galloti → Casa de Euclides — São José do Rio Pardo — Estado de São Paulo

Dr. Francisco Teive Almeida Magalhães — Idem — Idem — São Paulo

Prof. Odacir Beltrão — Avenida Taquara, 141 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul

Snr. Álvaro Pôrto Alegre — Rua Marcílio Dias, 1.507 — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul

Dr. Erico Veríssimo → Livraria do Globo — Porto Alegre — Rio Grande do Sul

Dr. Norberto Bachmann — Rua 15 de Novembro, 538 — Joinville, Santa Catarina

Dr. Arnaldo S. Thiago — Rua da Universidade, 53 (Apartamento 102) Rio de Janeiro

General José Rodrigues da Silva — Rua Diógenes Sampaio, 136 (Botafogo) Rio de Janeiro

Prof. Taufik Kurban — Alameda Jaú, 337 — São Paulo

Prof. Donald Pierson — Escola de Sociologia e Política — São Paulo

Dr. Nuto Sant'Ana — Rua da Cantareira, 216 → São Paulo

Snr. Alberto Isaias Ramires — D.C.A. Cx. Postal, 91 — Guaçuí — Espírito Santo

Madame Sereth Neu — Pax Hotel, Rua do Russell, 108 — Rio de Janeiro

Snr. Luiz Otavio — Rua Barão de Itaipú, 36 — Vila Isabel — Rio de Janeiro

Dr. Luiz de Campos Mello — Rua México, 31 — 3.º andar — Rio de Janeiro

Snrta. Fanny Luiz Dupré → Rua Consolação, 940 — São Paulo

Prof. Pinto Ferreira — Faculdade de Direito — Recife — Pernambuco

Cel. Amilcar Botelho de Magalhães — Serviço de Proteção aos Indios — Rio de Janeiro

Snr. Augusto Mário Vieira — Folha Literária — Cuiabá — Mato Grosso

Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon — Serviço Nacional de Proteção aos Indios — Rio de Janeiro

Prof. Gláucio Veiga — Rua do Hospício, 51 — Recife — Pernambuco

General Luiz Agapito da Veiga — Rua Senador Vergueiro, 147 (Apartamento 201) — Rio de Janeiro.

Dr. Francisco Pati — Rua da Cantareira, 216 — São Paulo

Prof. Dr. Herbert Baldus — Faculdade de Filosofia — São Paulo

Snr. J. Davi Jorge — Rua da Cantareira, 216 — São Paulo

Prof. Dr. Egon Schaden — Faculdade de Filosofia → São Paulo

Dr. Meira Penna — Avenida Oswaldo Cruz, 135 — Rio de Janeiro (Falecido)

Prof. Miguel Osório de Almeida — Estrada do Açude, 66 — Rio (Falecido)

Snr. João Luso — Rio (Falecido)

Dr. Rone Amorim — União Cultural Brasil-Estados Unidos — São Paulo

Dr. Ernani Fornari — Barão de Icaraí, 38 — Rio de Janeiro

(Continua)

SÓCIOS CORRESPONDENTES NO PARANÁ

Prof. Rosário Farani Mansur Guérios — Rua 15 de Novembro, 1.004 — Curitiba

Prof. Arion D. Rodrigues → Idem — Idem

Rodrigo Júnior — Rua Marechal Deodoro, 37 — Curitiba

Dr. Valfrido Piloto — Rua José Loureiro, 147 — Curitiba

Snr. Epaminondas Holzmann — Caixa Postal, 752 — Curitiba

Snr. José Cleto — Avenida Manoel Ribas — União da Vitória—

Snr. Elias Domit — União da Vitória

Prof. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho — Rua Voluntários da Pátria, 50 — Curitiba

Dr. Vasco Taborda Ribas — Rua 15 de Novembro, 36 — Curitiba

Snr. Cid Cercal — Alameda D. Pedro II, 317 — Curitiba

Dr. Durval Borges — Rua Marechal Deodoro, 714 — Curitiba

Dr. Felizardo Gomes da Costa — Assembléia Legislativa — Curitiba

Da. Leonor Castellano — Avenida 7 de Setembro, 3.484 — Curitiba

Prof. Loureiro Fernandes, Rua José Loureiro, 320 — Curitiba

Snr. Leonardo Henke — Rua General Carneiro, 1.321 — Curitiba

Dr. Sotero Angelo — Idem — Idem

Dr. Sertório da Rosa — Idem — Idem

Dr. Rosala Garzuze — Caixa Postal, 1.047 — Curitiba

Dr. Fredericindo Marés de Souza — Avenida Munhoz da Rocha, 1.006 — Curitiba

Desembargador Edison Nobre de Lacerda — Superior Tribunal do Estado — Curitiba

Desembargador Lauro Fabrício de Melo Pinto — Faculdade de Direito — Curitiba

Prof. Nilo Brandão — Rua 24 de Maio, 26 — Curitiba

Snr. José Augusto — "O Dia" — Curitiba

Dr. De Plácido e Silva — Gráfica Paranaense — Rua 15 — Curitiba

Dr. Ciro Silva — Rua Visconde de Nacar, 1.499 — Curitiba

Prof. Elias Domingos — Pinhalão — Paraná

Prof. Milton Carneiro — Rua Bento Viana, 765 — Curitiba

Prof. João Xavier Viana — Faculdade de Medicina — Curitiba

Dr. Raul Gomez — Rua Clotário Portugal, 244 — Curitiba.

Dr. Lázaro Nini de Campos — Rua 15 de Novembro, 526 — 4.º andar — Curitiba

Deputado Guataçara Borba Carneiro — Assembléia Legislativa — Curitiba

Prof. Erasmo Pilotto — Instituto de Educação — Curitiba

— João Marenda — "O Tibagi" — Monte Alegre

Dr. Horacio Klabin — Idem — Idem

Jornalista Barros Cassal — "O Dia" Curitiba

Dr. Francisco Accioli — Rua 15 de Novembro, 526 — 4.º andar. → Curitiba

Dr. De Sá Barreto — Av. 7 de Setembro, 5.388 — Curitiba

J. de Souza Ferreira — Edifício Wendler — 4.º andar — Apartamento, 41 — Curitiba.

Dr. David Carneiro — Rua Brigadeiro Franco, 1.828 — Curitiba.

(Continua)

(OO)

O PINHEIRO

Rosy Pinheiro Lima

M A N H A

Paisagem brasileira. Aquarela. Tons fortes
Verde-Laranja-Azul-Nuvens brancas. Cortes
Brusucos do rio e do lajeado.
Relvas tenras e novas, cêu doirado
Como uma tela que tivesse pintado
Um Deus artista e bom.

A manhã de ouro e luz recorta solitário
O vulto magestoso do pinho centenário.

Ergue-se reto e esguío o pinheiro cismando
Tronco nodoso e altivo, barbas grises bailando
A brisa matinal.
Há pela terra em flôr melodias suaves
Murmúrios de riachos. Clarinadas de aves
Dedos leves de vento acariciando todo
Transparências de gazes. Opulências de sedas e veludos.

Mas, de repente, por sôbre os ruídos velados
E o murmúrio contente dos regatos gelados
Pelo chão verde em flôr
Pelas asas frementes, irisadas de côr
Perpassam sons extranhos, de divina harmonia
E o sol que fere acordes de alegria.

E como se tivesse orgias de luz contidas na garganta
O pinheiro sacode as verdes frontes e ao som do vento

CANTA

LETRAS JURÍDICAS

"Lei de **Falências Interpretada**", pelo Dr. Tito Galvão Filho, Livraria do Povo, Curitiba — 1955.

O Dr. Tito Galvão Filho, nome sobejamente conhecido entre os eucliadinos, um batalhador incansável.

Tanto no terreno das letras históricas como nas jurídicas, quer revolvendo alfarrábios, quer respigando acórdãos ou pareceres, seu brilhante espírito sempre tem o que nos dizer, dentro de um inedilismo admirável.

E que, dominado pelo nobilíssimo afã de restabelecer a verdade que se denuncia no desenrolar dos fatos e acontecimentos, tanto quanto pelo desejo de facilitar a aplicação dos princípios jurídicos, a sua curiosidade assombrosa parece não ter limites.

Prova do que afirmamos está nos numerosos trabalhos e artigos, em que estuda, de maneira exemplar, a vida de mais de um estadista ou parlamentar tanto da monarquia como da república, ou, ainda, nesses magníficos "Código de Processo Civil Interpretado" e "Código de Processo Penal Interpretado", a respeito dos quais se manifestaram, entusiásticamente, os nossos abalisados cultores do Direito.

Agora, mais uma obra de transcendental importância nos surge de sua criteriosa pena. É a "Lei de Falências Interpretada", edição da Livraria do Povo, de Curitiba. Livro de paciência beneditina, reune, nas suas 350 páginas, o que de essencial se pode exigir a respeito de tão complexa matéria, que é disposta em ordem alfabética, de maneira a facilitar a consulta. Mas, não se limita ele a enumerar os elementos constitutivos da utilíssima obra, senão que, também, reproduz, de maneira agradável, definições, pareceres, opiniões preciosíssimas dos mais renomados tratadistas, enfim, tudo quanto se faça necessário para orientação do advogado no terreno das falências.

"Lei de Falências Interpretada" não deve faltar na estante de nenhum advogado.

(OO)

BIBLIOGRAFIA

A partir do próximo número, faremos apreciações sôbre os livros que os nossos ilustres sócios correspondentes nos têm enviado. Será uma secção exclusivamente para divulgar êsses trabalhos, relacionados com os mais variados setores da atividade intelectual.

— o O O o —

REVISTAS E JORNAIS

Outra secção que se iniciará, no próximo número 17. Serão registados todos os jornais e revistas com que os nossos prezados sócios correspondentes nos têm honrado.

"TAPEJARA"

Órgão do Centro Cultural "EUCLIDES DA CUNHA"

(Apolítico e Independente)

Diretor **Farís Antonio S. Michaele**
Secretário: **Daily Luiz Wambier**
Redatores: **João Alves Pereira**
Rolando Guzzoni
Manoel Grott
Alvaro Augusto Rocha
Luiz Noviski
Eno Theodoro Wanke
Pedro Pereira Martins
Raul Gomes
Cyro Ehlke
Ottokar Haans
Guaracy Paraná Vieira
Thiago Gomes de Oliveira
Ovídio Gasparetto

Redação: Cx. Postal, 337 — P. GROSSA PARANÁ — BRASIL

Quando Vasco da Gama voltava a Lisbôa com a boa nova de ter alcançado a Índia, contornando a África, apressou-se o rei de Portugal, D. Manuel o Venturoso, em mandar ao Oriente uma grande esquadra, sob o comando de Pedro Alvares Cabral. Teve êste, ordem de afastar-se quanto puderse da costa da África para Sudoeste, já a fim de evitar as calmarias, que tanto dificultavam a navegação à vela, já porque parecia provável que encontrasse uma nova terra naquela direção.

Saiu Cabral de Lisbôa a 9 de Março de 1500, e no dia 22 de Abril avistou a Oeste uma costa desconhecida, culminando num monte de bastante altura. Era a costa do Brasil, entre as atuais cidades de Caravelas e Pôrto Seguro, no Estado da Baía. Em atenção à festa da Pascoa deu-se o nome de Pascoal ao monte, nome que ainda conserva. No dia imediato foram alguns tripulantes, em um batel, à terra, os primeiros Portugueses que pisaram solo brasileiro. Chegaram à praia alguns indígenas, e os Portugueses, que iam no batel, tentaram em vão fazer-se entender. Como o lugar não fôsse muito próprio para abrigar uma frota de doze navios, que precisava tomar provisões de água e de lenha, resolveu Cabral no dia 24 de Abril procurar um bom porto. Encontrou, a dez léguas mais ao Norte, uma enseada bem abrigada, que ainda hoje conserva o nome — Porto-Seguro, — que lhe deu Cabral.

Alí demorou-se a frota até o dia 2 de Maio. Os tripulantes cortaram árvores para lenha, encheram os barrís de água e trocaram presentes com os indígenas. Estes mostraram-se muito amigos, visitaram os navios e permitiram que os Portugueses visitassem a sua aldeia. No dia 1.º de maio, quando Cabral tomou posse da terra para o rei de Portugal, assistiram muitos deles à missa solene, que nauela ocasião foi celebrada. Em um morro vizinho mandou Cabral levantar grande cruz de madeira, com as armas do rei Dom Manuel, em sinal da posse. Deu êle à terra o nome de ilha de Vera-Cruz, pois ilha se afigurava aos navegantes aquela terra sem animais domesticados e com rios de pequeno curso. O nome — "Vera-Cruz" — e "Santa-Cruz" — foi mais tarde substituido por — Brasil — porque o primeiro produto, que do nosso país levaram para a Europa em grandes carregamentos, foi uma madeira vermelha muito procurada para a tinturaria e que se chama páu-brasil.

No mesmo dia da posse, 1.º de Maio, fechou o escrivão Pero Vaz de Caminha uma longa carta ao rei, em que dava conta de tudo o que tinha acontecido e o que haviam observado. Agradou a terra aos Portugueses, embora não tivessem encontrado ouro nem pedras preciosas. Dizia Pero Vaz no fim de sua carta: Nesta ilha "até agora não podemos saber que haja ouro nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro, nem lh'o vimos. Porém, a terra em si é de muito bons ares, frios e temperados como os de Entre Douro e Minho (provincia do Norte de Portugal). Águas são muito infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem".

Esta carta, e mais outras informações sôbre o descobrimento foram, no dia 2 de Maio, mandadas a Lisbôa por um dos navios da Armada, enquanto os outros seguiam viagem para a Índia. No Brasil ficaram dois degradados que deviam aprender a língua dos indígenas e servir de intérpretes e guias a futuras expedições.

(Comemoramos, erroneamente, o descobrimento do Brasil no dia 3 de Maio, que é na Igreja Católica o dia da festa da invenção da Vera Cruz pela imperatriz Helena, em Jerusalem.)

Os Europeus acostumaram-se a apelidar de "Índios" os selvagens da América. Explica-se êste apelido pelo engano de Christóvão Colombo sôbre a situação da terra que descobriria no dia 12 de Outubro de 1.492. Partira êle de Espanha com o intuito de procurar um caminho à Índia por mar, em direção Oeste; e quando naquele dia aportava à pequena ilha de Guanahani, estava convencido de ter chegado a uma das ilhas da Ásia. Por êste motivo falou Colombo, em suas cartas, dos habitantes da ilha como de "Índios", o que quer dizer habitantes da Índia, denominação errônea, mas que se tem conservado até hoje.

Os aborígenes mesmo não usaram de denominação comum a todos êles, o que era muito natural, pois pertenciam a povos bastante diferentes entre si e falavam muitas línguas, algumas tão diversas entre si, como o são o português e o alemão, o inglês e o russo.

Eis como Pero Vaz Caminha, na sua carta ao rei de Portugal, sôbre o descobrimento do Brasil, descreve os primeiros encontros com os indígenas e as impressões, que deles tiveram os descobridores:

"E o capitão (Pedro Alvares Cabral) mandou no batel em terra Nicolão Coelho para ver aquele rio (perto do Monte Pascoal); e tanto que êle começou para lá de ir, acudiram pela praia homens, quando dois, quando três, de maneira que quando o batel chegou à boca do rio, eram ali dezoito ou vinte homens pardos todos nús. Traziam arcos nas mãos e suas setas. Vinham todos rijos para o batel, e Nicolao Coelho lhes fez sinal que pusessem os arcos, e êles os puseram. Alí nem pode deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, pelo mar quebrar na costa. Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho, que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deels lhe deu um sombreiro de penas de aves compridas com uma copezinha pequena de penas vermelhas e pardas como de papagaio. E outro lhe dêu um ramal grande de continhas brancas miúdas, que querem parecer de aljaveira".

Isto foi no dia 23 de Abril de 1500. No dia seguinte, quando a esquadra de Cabral já estava ancorada em frente ao Pôrto-Seguro, foram trazidos a bordo da náu capitanea dois mancebos índios, que alguns Portugueses tinham surpreendido escando. Descreve-os minuciosamente o bom Pe Vaz Caminha: "A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes bem feitos. Andam nús, sem nenhuma cobertura; nem estimam nenhuma cousa cobrir. Traziam ambos os beiços de baixo furados, e metidos neles ossos de osso branco, de compridão de uma mão travessa e de grossura de um fuso de algodão e agudo na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço; e o que lhes fica entre o beiço e os dentes, é feito como roque de enxadrez. E em tal maneira o trazem alí encaixado que lhes nem paixam (incomodam), nem lhes torva a fala, nem comer, nem beber. Os cabelos seus são corredios, e andavam tosquiados de tosquia mais alta de que sobre pente de bôa grandura, e raspados até por cima das orelhas".

A bordo mostraram-lhes objetos de ouro e de prata, e êles fizeram sinal de que conheciam tais metais. O mesmo aconteceu com um papagaio. Quando viram um carneiro, que havia a bordo, deram sinal de não conhecer êste animal, e uma galinha até lhes causou medo. Naturalmente, pois em tôda a América não existiam na época do descobrimento nem cavalos e vacas, nem ovelhas, nem galinhas e gansos. E os Índios do Brasil não tinham domesticado nenhum dos animais do país, que a isto se prestavam, como por exemplo o porco do mato, o marreco a galinha mutum ou a pomba juriti. Apenas papagaios mansos havia, para divertimento.

Explica-se êste fato pelo modo de vida dos Índios brasileiros: eram êles nomades, isto é, não tinham domicílio certo, mas vagavam pelas matas e pelos campos, à procura de caça e de pesca, a cata de frutas e raizes silvestres. Algumas tribus, não tôdas, cultivavam também o milho e a mandioca, mas nem por isso ficavam no lugar das roças por mais tempo do que o necessário para a colheita. Estas tribus eram as mais adiantadas do Brasil Ao número delas pertenciam também os Índios que Cabral na região do Pôrto-Seguro encontrou.

Dividem-se os Índios do Brasil em quatro grandes grupos de povos, e os visitados por Cabral eram tribus do grupo dos Tupís. Estes Tupís não ocupavam sòmente grande parte do Brasil oriental, mas um ramo deles, que se chamava Guaranís, também regiões, que hoje pertencem às repúblicas nossas vizinhas: ao Uruguay, à Argentina e ao Paraguay. Por serem tribus tupís os que primeiro receberam a visita dos missionários Jesuitas, tornou-se a língua dos mesmos melhor conhecida. Isto junto com a vasta distribuição dos Tupís por tôda a parte Este da América do Sul fez com que a língua tupí ou guaraní servisse como meio de entendimento entre os diversos grupos de Índios e entre Índios e Europeus: daí a sua denominação de "lingua geral".

Os inimigos dos Tupís foram por estes designados pelo nome de Tapuias, o que quer, na língua tupí, dizer "inimigos". Os Tapuias pertenciam, na sua maioria, ao grupo dos Gés. Os mais conhecidos e mais temidos deles eram os Botocudos ou Aimorés, cujos restos ainda hoje vivem na região do Rio Doce (nos Estados do Espírito Santo e das Minas Gerais). E os colonos de Santa Catarina e Paraná tinham, até há bem pouco tempo, que lutar com os Bugres ou Schokengs e com os Kaingangs ou Kamés, que parecem ser também tribus Gés.

Não existiam entre os Índios do Brasil grandes Estados ou reinos, mas sòmente pequenos agrupamentos de poucas famílias, que eram dirigidas por maiores (moruxibabas). Geralmente construiam cabanas, de palmitos e taquara, havendo, porém, tribus, que não usavam de tais abrigos. Alguns dormiam em redes, outros sôbre esteiras, outros ainda em uma camada de fôlhas no chão. Uns eram excelentes nadadores e canoeiros, outros não entravam na água. Havia tribus, que eram artistas em tecidos, outras em olaria, terceiras na fabricação de redes. Faziam comércio dêstes produtos com os seus vizinhos menos adiantados. Não tinham templos nem deuses. Todos tinham medo das almas dos defuntos, que os feiticeiros ("pagés") conjuravam.

Parte dos Índios da costa do Brasil sucumbiu nas lutas com os Portugueses ou perecem na escravidão. Grande parte, entretanto, desapareceu de outro modo: pelo cruzamento com os brancos. Os antigos mamelucos de São Paulo e os cabocolos, caipiras, tabaréos, mulatos do nosso interior provêm daquele casamento de Portugueses com Índias. São estes mestiços os homens que mais têm contribuido para o desbravamento do sertão.

Pagés

No vasto interior do nosso país ainda existem centenas de milhares de Índios, especialmente nos Estados do Norte e Oeste: Pará, Amazonas, Território do Acre, Goiaz e Mato Grosso. Há tribus que vivem tão afastadas do contacto com os outros habitantes do país que nem o uso de instrumentos e armas de ferro conhecem, como por exemplo até há muito tempo os Parecís do Mato Grosso, cujos machados, pontas de seta, etc., eram feitos de pedra.

Antigamente os civilizados perseguiam aos aborígenes, mataram-nos ou constringiram-nos como escravos para as suas fazendas e cidades. Os Índios opuseram resistência, agrediram até, por sua vez, aos Portugueses, e houve muitas atrocidades de parte a parte. As ordens religiosas, especialmente os Jesuitas e os Carmelitas, cuidaram sempre da defesa e da instrução dos Índios, sendo em tão louvável emprêsa auxiliados pelos reis de Portugal, mas obstados pelos colonos. Quando o Brasil se tornou independente, a Constituição reconheceu também a liberdade e os direitos dos primitivos donos do país. O imperador D. Pedro II, o Magnânimo, foi tão grande amigo e protetor dos Índios que aprendeu não sòmente a "lingua geral", mas ainda outras línguas indígenas, de modo que, quando deputações de Índios vinham à Capital, podia conversar com estes Brasileiros no idioma deles.

Atualmente possuimos um Serviço Federal de Proteção aos Indios, que já relevantes serviços tem prestado, pacificando muitas tribus até então hostis aos civilizados, e iniciando a transformação dos nomades em úteis membros da comunidade brasileira. Devemos quasi tudo que o Govêrno Federal tem feito pelos aborígenes, à abnegação, coragem e habilidade de oficiais do nosso exército, principalmente ao instalador da linha telegráfica de Mato Grosso ao Amazonas, general

Dr. Clemente Brandenburger

OS NOSSOS ÍNDIOS

GÊNESIS

Diego Pires de Campos

Vem do fundo do sertão
— na voz pausada do vento —
o soluço irreprimido da raça do Brasil-corumin.

Na fuga precipitada,
no recuo violento,
ficou a tortura, um mêdo,
correndo nervoso pelo sangue.

— OOO —

LA ESTAMPA DE HOY

EDGAR ALLAN POE

Estremecido por los vendavales de su espíritu que alcanzaba las alturas ignotas del pensamiento, fuése sacudiendo el polvo que levantó su época y quedando limpio de maldiciones iracundas que pusieron brillo en sus ojos, luz en sus pensamientos, fuego en sus palabras y vibraciones estupendas en sus conceptos.

Fué el loco sublime, el neurótico de ensueños, el arpa de nota aguda que hizo temblar una época cuando dió de sus sones, y que deleitó con sus armonías rítmicas de projecciones luminicas las hondduras almáticas en los festines diabólicos de la incomprensión y la persecución de la luz esplendente de su lira.

Dió entrada a su alcoba, aquella noche triste y fria, al cuervo que, encaramado en el busto, su pico negro en su pecho hundirá y que no sacó "!Nunca mas!"

Fué el **"sublime apasionado, un nervioso, uno de esos divinos semilocos necesarios para e lprogreso humano, lamentables cristos del arte, que por amor al eterno ideal tienen su calle de la amargura, sus espinos y su cruz"**, como dijera Ruben Darío.

Edgar Allan Poe que fuera de los malditos, de aquella legión sublime de lanzeros de la pluma, que, no sabiendo jamás de derrotas, no obstante la rudeza de las tremendas batallas que debían librar contra la mediocridad de un espacio y un tiempo, supo, con su faz triste pero sonriente, su mano suave y delicada, su dolor profundo y su sensibilidad sin limites, entronizarse, sin pensarlo y sin quererlo tal vez, en la gloria de los tiempos, en la coronación del espacio sin limites.

Antonio Balboa

Uma saudade longínqua do planalto
povoado de caças, de mendobí, de aipim.
Uma saudade macia do velho Anhembi
trançado de peixes cativos.
A lembrança comovedora da voz áspera
de Tibiriçá.

Ao pé indeciso do sertão
no clarão das lareiras santas
nas danças batidas no chão
rodopiando ao ritmo tonto
dos instrumentos úmidos de suor
Tupan chora. Esquecido. E distante...

Êle — o deus todo poderoso —
odeia a relatividade dos deuses...

Ficou calado no fundo da lembrança
pela cruz-santa do Cristo redentor
levada pelos abarés...
Como um pagé varrido ergue
a vestimenta negra da noite sobre a terra
vencida.

Ulula pela voz acirrada do vento
destruidor.
Queima pela esponja ardente
dos raios do sol esturricando.

Agita as águas dos rios.

Levando a carne das barrancas nuas
em linhas flutuantes.
Espalha a febre nos charcos estereis.

Semeia cupins. Como tumores
brotados do sol enfeiando
os campos abertos.

Esconde peixes no fundo das grotas
dos rios arredios.
Mata o aipim, o milharal. Afugenta caças.

Põe feitiços e mandingas no coração
da gente incrédula do sertão.

Levanta cruzes nas estradas.
Martiriza os crentes que o relegaram
e a raça impetuosa que vence o sertão:

piraquaras, nhambiquaras, matutos,
jagunços, guascas, caiçaras...

Trágico, infernal, não é mais um deus...

Contenta-te em ser a gênesis da terra.
E chora. Comovidamente. Tôda noite.

Derramando dos olhos do céu as lágrimas
trêmulas de penas de prata
do cocar aberto das estrelas zodiacais...

— AS MOEDAS DE OURO —

Ribas Silveira

Percorrendo a cavalo as extensas coxilhas gaúchas, em direção à Fazenda das Torres, propriedade do Coronel Bernardino Sant'Ana, do qual eu pretendia comprar uma tropa de mulas, apeei-me num boteco do velho Fagundes, a fim de pedir-lhe informações a respeito do caminho que deveria seguir.

Daí a instantes, entraram na venda dois cavaleiros vestidos tipicamente à gaúcha: usavam largas bombachas, chapéu grande, esporas e o inseparável pala creme de seda, que os protegia da poeira e do sol.

"O Fagundes, veja se êste dinheiro é bom" — disse um dos recem-chegados, desatando um lenço que continha cêrca de cincoenta moedas de ouro uruguaio, novinhas em folha. Recebi-o há pouco, dêste tropeiro.

"— Amigo, seu dinheiro parece que saiu hoje da Casa da Moeda..." — exclamou maliciosamente o bodegueiro.

"— É verdade" — contestou o tropeiro — "êsse dinheiro saiu há dois dias do Tesouro, em Montevideu. Vendi ao govêrno uruguaio um lote de cavalos, recebendo em pagamento essas moedas."

"Já pesei o dinheiro, e examinei-o com ácido, sem encontrar nenhum defeito nas moças" — asseverou o fazendeiro.

O bodegueiro virava e revirava as moedas, murmurando: Hum... Hum!... com ar enojado. Finalmente, colocou uma na fresta do balcão e, dando fortíssimo empurrão, dobrou-a ao meio.

"— São falsas!" — exclamou triunfante.

"— É mentira!" — protestou energicamente o tropeiro. Dê-me as tuas moedas, que eu farei o mesmo, dobrarei uma por uma!

"— Não tenho dinheiro de ouro"... resmungou o negociante.

"— Não fazemos negócio, não me serve êsse dinheiro" — sentenciou o fazendeiro. Perguntei a Seu Jeronimo (assim se chamava o dono das moedas) si sabia o caminho que ia à Fazenda das Torres. O tropeiro disse-me que o acompanhasse, que êle ia pernoitar lá."

Reunimos as nossas comitivas e demos ordens aos peões que se puzessem em marcha, enquanto ficávamos saboreando uma cerveja. Jeronimo lamentou o fracasso do negócio que havia entabolado, e me cientificou que resolvera ir a Corrientes, onde se compram animais bem mais baratos. Depois, mudando de tom, informou-me que o Coronel Bernardino tinha duas filhas lindíssimas, chamadas Iracema e Djnorá. A última contava vinte e dois anos, e a segunda apenas dezenove e o cativara de um modo especial. Falou-me com entusiasmo dos encantos de Iracema, revelando suas intenções de "jogar uma laçada"... Si apanhar a filha do Sant'Ana, terei realizado o melhor negócio de minha vida" segredou. Iamos margeando um extenso bosque de eucaliptos, que nos protegia dos ardentes raios do sol. A pouca distância da estrada, à margem esquerda, verdejava um imenso horto de acácia negra, pertencente ao Coronel Mariano, abastado fazendeiro.

Ao cair da tarde, divisamos a aprazível estância das Torres, cuja sede ficava engolfada num extenso bosque, formado de essências de várias qualidades, desde a imbuia e o pinho até o eucalipto. Rente à casa frondejava um belo laranjal, do qual o dono exportava centenas de sacos de laranjas para Montevideo e Buenos Aires. A sede achava-se instalada num belo prédio assombrado, dotado de um terraço e de amplo jardim.

O Coronel Sant'Ana veiu receber-nos ao portão, com a tradicional hospitalidade gaúcha, recolhendo-nos imediatamente ao avarandado que protegia sua encantadora residência. Entregui-lhe a carta de apresentação que meu pai lhe enviara, e, tão logo que a leu, o fazendeiro exclamou arrebatado de alegria, abraçando-me novamente:

"— Sê benvindo a esta casa, meu filho! Quero retribuir, embora tardiamente, a imensa dívida de gratidão que contraí para com teus estimados pais. Há oito anos, regressando a cavalo de Sorocaba, hospedei-me na Fazenda do senhor teu pai e lá estive retido mais de um mês, tratando-me da terrível varíola que me atacara. Graças ao infinito zêlo de teus bondosos pais, pude recuperar a saúde, depois de ter-me visto às portas da morte."

— "Não fizeram mais do que o seu dever de cristãos", atalhei, emocionado.

"Por favor, meu amigo, não digas tal coisa. Agora, faça de conta que estás na casa de teus pais, ou antes, na tua... Todos terão prazer em servir-te. E faço questão que permaneças aqui uma longa temporada. Quando partires, has-de levar um presentinho ao senhor teu pai".

"— Poderei saber qual é o presente ?" — perguntou Jeronimo, indiscretamente.

"— Pois não: — É aquele lote de reprodutores Jersei que estão vendo ali na mangueira".

"— Um régio presente ! Meia dúzia de touros !" — exclamou o tropeiro, admirado.

Nesse momento fomos conduzidos à sala de jantar e apresentados à família Sant'Ana. Fiquei encantado com a gentileza das filhas do Coronel, e não saberia escolher o ídolo de minhas homenagens, si de antemão o Jeronimo não me tivesse avisado a respeito de suas preferências... Dinorá tinha a cútis levemente morena, olhos negros e ardentes, o dorso escultural e a voz aveludada capaz de enlouquecer o mais exigente conquistador.

Terminado o jantar, encaminhamo-nos para a sala de visitas, dirigindo-se Iracema ao piano, onde executou alguns trechos de óperas e valsas em voga. Jeronimo escutava-a embevecido, dirigindo-lhe delicados galanteios. Dinorá sobraçou um violão e conduziu-me a um canto da sala, onde ficamos palestrando em voz baixa, fingindo que estávamos afinando o instrumento. O serão se prolongou até às 23 horas, proporcionando momentos de inesquecível prazer.

No dia seguinte, Jeronimo ensaiou-se para prosseguir a viagem, mas foi contido pela amabilidade do fazendeiro, alegando que ia ter necessidade do seu auxílio para os trabalhos pastoris, na marcação e castração do gado. Depois do almôço, Bernardino convidou-nos para irmos dar uma "volteada" nas invernadas, em companhia de suas filhas, que cavalgavam admiràvelmente. Foi um magnífico passeio.

Durante um mês o fazendeiro nos entreteve em sua estância com trabalhos leves e divertidos, nos quais as moças tomavam parte. Enquanto isso nossas tropilhas engordavam rápidamente, graças à excelência daquelas pastagens. Nesse interim, Jeronimo contratou casamento com Iracema, prodigalizando muita satisfação à família do fazendeiro, que nos ofereceu uma grande festa em sinal de regozijo.

Por uma fatalidade do destino, não me animei a imitar o gesto elegante de meu companheiro, embora estivesse encantado pela beleza de Dinorá. Certo dia em que andávamos a sós pelo campo, Bernardino perguntou-me quais eram minhas intenções para com sua filha. Desculpei-me dizendo que ainda me julgava muito novo e pobre para casar-me...

O fazendeiro respondeu que me daria em sociedade uma excelente estância que possuia em Corrientes, donde emigrara há cêrca de dez anos, povoada com duas mil cabeças de gado. Diante de tão sedutores argumentos, contratei o noivado com Dinorá, ficando estipulado o prazo de seis meses para a realização do casamento.

Um belo dia eu e Jeronimo acordamos de nossos devaneios, e deliberamos ir comprar a tropa em Corrientes, pois o dinheiro estava embolorando em nossas cartucheiras. Enquanto esperávamos o almôço, os peões do Coronel Bernardino recolheram às mangueiras cêrca de mil mulas, cuja existência naquelas redondezas — nos ignorávamos.

"— A tropa que vocês pretendem comprar, já está à tua mangueira; vocês escolham e façam o preço" — disse Bernardino, com a maior naturalidade.

Ficamos apalermados com aquele milagre... que nos poupara muito trabalho. Bernardino tinha mandado vir de Corrientes aquela tropa, e conservou-a secretamente nas imediações de sua propriedade, a fim de dar-nos uma agradável surpresa. O Coronel relutou em aceitar o preço razoável que pretendiamos pagar pelas bestas, pois já nos considerava como filhos, não querendo ganhar nada à nossa custa. Contentou-se com o custo real da tropa, na Argentina.

Repartimos a tropa ao meio, e marchamos para "cima da serra" com destino ao Paraná. Em viagem, perguntei a Jeronimo o segrêdo de suas moedas de ouro.

"— Nunca estive em Montevideu, nem fiz negócio com o governo Uruguaio" — respondeu o tropeiro. "Recebi aquelas "onças" de um dentista, morador em Bagé, num negócio de animais. Foram pesadas numa balança viciada. Pouco depois verifiquei que não tinham pêso legal. Dirigi-me a um ourives, pedindo que me desse um jeito nas moedas. O joalheiro limou-as e verificou que cada uma tinha três ou quatro cunhas ou cravinhos embutidos, no lugar do ouro que se lhes furtara. O artífice arrancou essas cunhas e encheu as cavidades com ouro derretido. As moedas perfeitas sob todos os pontos de vista, porém brandas... Depois daquela encrenca na bodega do Fagundes, mergulhei as onças numa lata cheia de carvão em pó, a fim de amortecer o seu brilho comprometedor. Troquei-as em Livramento, sem a menor dificuldade."

Chegando à Cruz Alta, Jeronimo vendeu sua tropa e regressou à Fronteira a fim de casar-se com Iracema, cujas bôdas se realizaram com grande pompa.

Continuei o meu itinerário, e, chegando a Ponta Grossa, telegrafei ao Coronel Bernardino avisando-o de que não podia casar-me com sua filha, por "motivo de doença". E a minha "doença" era do coração...

Renunciei à riqueza, e talvez à felicidade! Mas... ninguém pode torcer o destino...

———OOO———

TUPÃ

José Bernardino dos Santos

Tupã já volve à terra a luz dos olhos...
Cresce do bosque a sombra no ocidente...
E o orvalho da manhã cereja os prados
Onde serpeia a trépida corrente.

Selvagem trovador, saudando a aurora
O bosque acorda ao som de seus cantares,
E do universo o cântico de graças
Entôa a brisa na lira dos palmares.

E eu acordo também, salto da rêde
Tendo o riso no lábio, e a esperança n'alma,
E busco no clarão que dos céus marca
Da liberdade a luz, confôrto e calma.

Qual a flecha sutil traspassa o fruto,
Eu, tão velozes, perpasso entre a ramagem
Do trançado do sertão, galgo os outeiros,
Cruzo a verde colina e a extensa voragem

Fermo do aduncо peito breve igara
E rasgo a meio o límpido cristal
Do caudaloso rio, e corro, e sempre,
Quer pise flores, relva ou bravo urzal.

Liberdade!... o iris não é da liberdade
Êsse brilhante prisma que seduz;
É, sim, o lampejar de flama efêmera
E não de redenção sagrada luz!

Nem é também da morte o gládio acêso
Que na voz do trovão fulmina os bravos...
E eu quisera os irmãos contar por crânios,
Do que os ver gemendo — vis e escravos.

Quisera vê-los todos, como hei visto,
Com honra, as gerações que já não são,
Mas que livres caíram qual nasceram,
Qual nasce e morre o cedro no sertão.

Mas fecha a noite... O céu se torna negro.
Depois... Inflama-se o oriente à luz da aurora.
— É um dia que nasce, e outro que morre.
Ali — há riso, há festa... Aqui — se chora!

Nem o dia que passou, levou consigo
Essa dor tão cruel que me pungia
E nem êsse que desponta, traz-me a esperança
De ser mais do que ontem — melhor dia.

E qual fôlha a fôlha as árvores despem,
No pôrto as ilusões que alimento,
Uma por uma vão mirrando tôdas
Ao soprar da descrença... ao desalento!

E assim passa outra vez a grande treva
Sem vir o manitô falar-me ao sonho...
Êsse dia que ressurge é noite e treva
— Inda o urutáu se carpe em pio medonho.

Oh! não despertes, guerreiro, antes da aurora,
Em que deve o magó sol da liberdade
Brilhar na vasta taba americana,
Sem ver da escravidão a potestade!

O CONSELHO LUSO-BRASILEIRO, — EM LONDRES

O acadêmico Silva Araujo disse que tivera ocasião de visitar em Londres, na Canning House, o Conselho Luso-Brasileiro, que ali funciona ao lado do Hispânico, de mesma origem e antiga criação.

O Conselho, que se interessa pela conservação das relações históricas e culturais com os países de língua portuguêsa, está bem instalado, na aristocrática praça de Belgrave Square, que empenha por um maior estreitamento de relações com a nossa vida intelectual. Eie dispõe de uma biblioteca bem organizada, na qual se encontram, ao lado de livros contemporâneos, obras antigas e preciosas sôbre o Brasil e Portugal. Semestralmente, e para atender sugestão que lhe foi feita pelo Instituto Panamericano de Geografia e História, do México, a **Canning House Library** está editando um boletim das publicações britânicas — livros, ensaios e artigos — concernentes à America Latina, Indias Ocidentais, Portugal e Espanha. Êsse boletim poderá ser recebido por quantos se ocupam e se interessam de assuntos históricos, políticos e econômicos nos países mencionados.

Da Canning House recebi solicitação para lhe enviar notícias de livros e outras publicações que entre nós apareçessem na esfera das cogitações da instituição. Nêsse sentido, ouso fazer um apêlo, disse Silva Araujo, aos meus Confrades, apêlo que repetirei no P.E.N. Clube e na Federação das Academias, para que enviem à Biblioteca da Canning House seus trabalhos. Eles terão, quando for o caso, registro e comentário no Boletim, cuja recepção poderá ser solicitada pelos interessados.

O endereço é êste: The Hispanic and Luso-Brasilian Councils, Canning House 2, Belgrave Square, London, S.W. 1 - Inglaterra.

(Da resenha da Academia Carioca de Letras publicada no Jornal do Comercio de 23-10-1955).

(OO)

GALPÃO

Paredes de pau a pique,
Esteios de guajuvira,
e o santa fé da coberta
passado em cordas de imbira.

Esteira, feita de varas,
— Um pouco adobado, não,
— o serigote, um pelego.
— Isto é cama de galpão

Porta aberta, que nem sempre
dá segurança a tranqüila...
— Bomba e cuia, cuia e erva,
água pra rosto em gaméla.

Lonca, sêbo, lenha e sal;
— facão de mato — espingarda,
Um ou dois "cuscos" a postos,
de ronda, montando guarda!

Arado, grade, pilão,
— a ferramenta encostada...
Um laço, a trempe de arame
e a chaleira encascurrada!

Arreios, cangas, tamoeiros,
ferros de marca — espigão,
carne, espêto, fogo grande
aceso inverno e verão.

Eis aí ligeiramente,
o que se chama galpão
— Esse pedaço de gente,
— Remendos da tradição!

CHICO RIBEIRO

EL DIVORCIO VINCULAR DE MATRIMONIOS BRASILEÑOS EN ARGENTINA BAJO EL RÉGIMEN DE LA RECIENTE LEY N.º 14.394. Y CONVERSIÓN DE LAS SENTENCIAS BRASILEÑAS DE SEPARACIÓN PERSONAL EN DIVORCIO VINCULAR EN ARGENTINA

Por **Victor N. Romero del Prado**

(Ex-profesor titular de la Universidad de Córdoba y ex-juez de la Cámara de Apelaciones en lo Civil y en lo Comercial de la misma Ciudad. Argentina).

En circunstancias que me deleitaba con la lectura de interesantes trabajos, entre otros: "Historia do casamento no Brasil", "La mujer ante la humanidad"; "El divorcio", de distinguidos autores, publicados en el prestigioso periódico "Tapejara", órgano del Centro Cultural "Euclides da Cunha" de Ponta Grossa, Paraná, de la República hemana, la gran Nación vecina del Brasil, periódico que llega a mis manos por una gentileza del fino y culto espíritu de su Director, el talentoso amigo Faris Antonio S. Mattar, de Curitiba, evocaba una consulta que me formulaba un matrimonio brasileño: ambos cónyuges de nacionalidad brasileña y casados en su patria, Brasil. Una síntesis de mi opinión dada a este matrimonio la considerado útil darla a conocer y por los motivos apuntados y teniendo el honor de ser "Miembro Correspondiente" de aquel acreditado Centro Cultural desde Marzo de 1949, he buscado precisamente la hospitalidad de las columnas del gran diario "Tapejara" para su publicación y dada la reconocida amabilidad de su digno Director.

Dicho matrimonio celebrado en el Brasil de conformidad a la ley brasileña, es decir, cumpliendo todos los requisitos exigidos por ésta, puede encontrar-se en las distintas situaciones que analizamos a continuación, debiendo advertir de antemano ,que entre Argentina y Brasil, no existe ningún tratado o convención internacional que prevea soluciones para los posibles conflictos de sus leyes o normas de derecho internacional privado, pues el Código de derecho internacional privado de Antonio Sánchez de Bustamante y Sirvén o "Código Panamericano" vigente en el Brasil desde el año 1929, no lo está en la Argentina, como a su vez, tampoco están vigentes en el Brasil los Tratados de Derecho Civil Internacional y Derecho Procesal Internacional sancionados en el Primer Congreso Sudamericano de derecho internacional privado de Montevideo de 1889, aunque sí lo están en Argentina, de modo que las soluciones a darse tendrán en cuenta tan solo, las disposiciones en lo pertinente de sus respectivas legislaciones o derecho interno. Veamos los casos que pueden presentarse:

A). — El matrimonio de que se trata ha traladado su domicilio de Brasil a la Argentina, sea que los dos cónyuges se encuentren en adelante domiciliados en Argentina o que sólo el marido haya constituido **bona fide** su domicilio en dicho país, pues en este último caso, la mujer casada tiene por domicilio el del marido (Artículos 36, parágrafo III del Código civil Brasileño y 90 inciso 9 del Código civil Argentino). El domicilio conyugal o matrimonial está ahora constituido en Argentina y por consiguiente es el juez argentino el competente para entender en la acción de divorcio que quisiera entablar cualquiera de esos cónyuges ya que la competencia del juez del domicilio está unánimente admitida para conocer de esa acción por tratarse de una acción personal y entonces: **actor sequitur forum rei.** — Es también la solución de la ley argentina al disponer el art. 104 de la Ley de Matrimonio Civil que "las acciones de divorcio y nulidad de matrimonio deben intentarse en el domicilio de los cónyuges". De modo que ese marido que tiene el derecho de fijar el domicilio de la familia en la Argentina, (artículo 233, párrafo III, concordante con el ya citado artículo 36 del Codigo civil Brasileño), habiéndolo así realizado, ha hecho nacer la competencia del juez argentino para conocer en la acción de divorcio que quiere ejercitar. ?Cómo debe procederse ahora ?

Establecido lo anterior o sea resuelto el problema de la competencia, debemos investigar cómo y cuándo el juez argentino competente debe hacer lugar al divorcio **vincular** recientemente admitido por la ley argentina y no admitido por la ley brasileña, pues para ésta hasta la fecha sólo es procedente la separación de cuerpos, artículos 315 del Código civil Brasileño: el casamiento válido — dispone — únicamente se disuelve por la muerte de uno de los cónyuges.

El juez argentino tiene que aplicar su ley. ?Cuál es ésta ?. La ley numero . . . 14.394 de reciente sanción que admite la disolubilidad del matrimonio en la República Argentina, y que importa colocar a nuestro país en la corriente de los que aceptan el divorcio vincular y ya no vicamente la separación de cuerpos que establecía la legislación anterior y que se deroga por aquélla.

Para poder llegar a la rotura o disolución del vínculo matrimonial de modo que qualquiera de los ex-cónyuges pueda contraer nuevas nupcias, es menester previamente haber demandado y obtenido la separación de cuerpo o divorcio relativo, fundada en algunas de las causas fijadas por el artículo 67 de la Ley de Matrimonio Civil, pues sin haberse obtenido tal separación por alguna de dichas causales, no existe la posibilad de conseguir en la Argentina la disolución del vínculo matrimonial. (2). Y como otros requisitos a cumplirse (que: a) haya transcurrido un año desde la sentencia de separación o divorcio relativo, y b) que durante ese término de un año, ambos cónyuges no hayan manifestado por escrito al mismo juez, que se han reconciliado. Transcurrido este año sin existiendo esa manifestación de reconciliación, entonces cualquiera de los cónyges podrá presentarse al juez que declaró la separación, pidiendo que se declare disuelto el vínculo matrimonial, dando el cónyuge como el inocente, cualquiera de ellos, y el juez hará la declaración sin más trámite, ajustándose a las constancias de autos y tal declaración de disolución del vínculo matrimonial permite a los cónyuges a contraer nuevas nupcias. Es lo que dispone el artículo 31 de la ley citada 14.394. Sólo así podrá llegarse a la disolución del vínculo matrimonial. Queda por ello derogada el artículo 67 inciso 8 del artículo 82 última parte de la Ley de Matrimonio Civil en cuanto únicamente admiten como causal de disolución del vínculo matrimonial la muerte de uno de los cónyges.

B). — Pasemos ahora a analizar otra situación más compleja que puede presentarse: Esos dos esposos brasileños que han contraído matrimonio en el Brasil válidamente de conformidad a la ley brasileña y que tienen constituído el domicilio matrimonial en dicho país, obtienen del juez brasileño competente por ser el del domicilio, una sentencia de separación de cuerpos ,acción de desquite, art. 316 del Código civil brasileño) pero no fundada ésta en algunas de las causales admitidas por el art. 317 de dicho Código que están también admitidas por el artículo 67 de la Ley de mat. argentina, sino fundada en el mutuo consentimiento, causal autorizada por el art. 318 del mismo al disponer que: "Dar-se-á tambem o desquite, por mútuo consentimento dos conjuges, se forem casados por mais de doiś annos, manifestado perante o juiz e devidamente homologado"; causal esta del mutuo consetimiento no admitida por la ley argentina.

En base a esta sentencia de separación dictada por el juez brasileño, cabe preguntarse si uno de los cónyuges puede ocurrir ante el juez argentino y solicitar la conversión de la misma en cosa de divorcio vincular, cuando se invoquera el análisis de los siguientes puntos:

1). Ante todo es necesario que el juez argentino ante quien se recurre pretendiendo aquella declaración de conversión, sea el del domicilio de la persona contra quien se quiere obtenerla, contra quien se desea que dicha sentencia extranjera por tal conversión tenga por efecto la disolución del vínculo. El domicilio de ésta en Argentina es indispensable para determinar la competencia del juez. Se trata de obtener una declaración en tal sentido que por su naturaleza impone recurrir al juez del domicilio, de orden personal y por consiguiente: **actor sequitur forum rei.** La jurisdicción corresponde, en principio, a los jueces del domicilio real de las personas: arts. 100 y 102 del Código civil argentino. Concordante, artículo 104 de la Ley de Mat. citada.

De manera que es una cuestión previa a dilucidar si tiene o no en Argentina su domicilio, el cónyuge contra quien se pretende obtener aquella declaración de conversión, pues sólo en el primer caso podría ésta demandarse.

Como antecedentes ilustrativos concordantes — ya que la ley 14.394 silencia sobre el punto — podríamos citar lo proyectado por Bibiloni en su Anteproyecto y por la Comisión Codificadora de 1936. El art. 644 (primera redacción), o 575 (segunda redacción) del Anteproyecto, disponía: "Transcurridos tres años contados desde que fue ejecutoria la sentencia de separación personal, se convertirá en sentencia de divorcio absoluto, a pedido de cualquiera de los cónyuges, aunque fuese el culpable, si no hubiese mediado reconciliación"; y el artículo siguiente 645 (p.r) o 576 (s.r), establecía: "La convención será privativamente resuelta por el juez del domicilio del demandado si lo tuviese en la República aunque la sentencia de separación fuese dictada válidamente ante otro juez. Será juzgada por las leyes de este Código".

Y según el artículo 386 del Proyecto de Código de la Comisión Reformadora de 1936, segunda parte: "Cualquiera de los cónyuges, incluso el culpable, podrá también pedir que dicha sentencia de separación personal se convierta en disolución del vínculo matrimonial, transcurridos tres años desde la ejecutoria, siempre que los esposos no hubieran restablecido la vida común. La conversión debe ser resuelta en oportunidad por el juez del domicilio del demandado, con tal que éste lo tuviere en la República, debiendo aplicarse las leyes de este Código". Este artículo fue así proyectado por dicha Comisión con el agregado de que se admitiera en definitiva el divorcio absoluto y no ya la simple separación personal que también se proyectaba.

Bibiloni argumentaba que como por la mutua conversión los cónyuges ha podido constituir un domicilio distinto, no era forzoso que el juez del primitivo juicio de separación fuera el que conociera de la conversión y que ésta debía así ser juzgada por la autoridad o juez del domicilio y ley de éste.

2). Es necesario también que dicha sentencia de separación personal dictada por el juez extranjero y que ahora se invoca como el apoyo consiguiente debidamente legalizada de conformidad a la ley argentina. Al respecto, recordaremos que está vigente el decreto del Poder Ejecutivo Nacional de fecha 26 de Julio de 1918, que dispone: "Todo documento emanado o pasado por una autoridad extranjera que deba hacer fe en el territorio de la República, deberá ser legalizado en primer término, por el agente consular argentino acreditado en la jurisdicción de la autoridad extranjera de que el documento proviene o que lo ha certificado. En el caso de falta o ausencia de agente consular argentino, el documento deberá ser legalizado por la legación, y a falta de ésta, por el agente diplomático o consular de una nación amiga". Arts. 1 y 2).

La legalización consular o diplomática en la forma dispuesta en los artículos anteriores, no podrá en ningún caso ser suplida por la del agente diplomático o consular acreditado en la República por la nación de que el documento emana. La firma del agente consular, o en su caso diplomático, que legalice el documento extranjero, deberá a su vez ser legalizada en la República por el Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto. (Arts. 3 y 4).

La observancia de las disposiciones del tal decreto es obligatoria ya que debe recurrirse a lo que sobre el punto dispone el derecho interno argentino no existiendo un tratado que nos ligue con el Brasil, ni puede invocarse los de Montevideo ya que no los suscribió ni adhirió a ellos, ni tampoco el Código Panamericano de Bustamante y Sirvén, si bien vigente en dicha nación, no ratificado por Argentina, como ya lo expresamos anteriormente.

3). La causal admitida por esa sentencia extranjera que declaró la separación personal de los cónyuges (divórcio relativo) debe ser también una de las aceptadas por nuestra ley! La ley 14.394, permite la disolución del vínculo matrimonial en las condiciones ya indicadas, siempre a condición de que previamente se haya seguido el juicio de separación personal (divórcio relativo) y obtenida ésta por algunas de las causales taxativamente señaladas por el artículo 67 de la Ley de Matrimonio Civil, indicadas anteriormente en nota. Los motivos para pedir el divorcio relativo (separación personal) que dicho artículo de la citada ley establece, continúan subsistiendo y es previa la constatación o prueba de la existencia de alguno o algunos de ellos y la sentencia respectiva de separación que así lo declare. Luego, se obtendrá la disolución del vínculo al cumplirse los requisitos que la ley 14.394 exige. Y entre esos motivos o causales del citado artículo 67, no figura el acuerdo de parte o mutuo consentimiento para obtener esa separación y luego el divorcio. Al contrario, el artículo anterior, el 66, expressamente dispone que "No hay divorcio por mutuo consentimiento de los esposos".

Siendo limitativa la enumeración de las causas que para la separación personal (divorcio relativo) contiene el art. 67 Ley de Mat. Civil, que es previo solicitarlo, tramitarlo y obtenerlo para recién — transcurrido el año y no existiendo reconciliación del vínculo matrimonial (divorcio absoluto o vincular), pensamos entonces que no existe posibilidad alguna de invocarse entre nosotros aquella sentencia extranjera de separación personal fundada en el mutuo consentimiento, desde que esta causal no está admitida por nuestra ley para lo primero — al contrario expressamente la repudia, como hemos visto — y por consiguiente tampoco para lo segundo, para el divorcio vincular, desde que éste tiene para obtenerlo, como condición, que se haya conseguido el primero en base únicamente a esas causales limitativa e taxativamente aceptadas por el citado artículo 67.

Permitir que esa sentencia extranjera de separación personal fundada en una causal no admitida por la ley argentina mutuo consentimiento o voluntad unilateral de uno de los cónyuges por ejemplo), pueda ser invocada en nuestro ámbito territorial para alcanzar aquel efecto: la disolución del vínculo matrimonial, importaría colocarla en situación distinta, y hasta más ventajosa o de preferencia si se quiere, con respecto a la que también de separación personal puede dictar el juez argentino para lograrse después el mismo efecto disolutivo, dado que éste debe declararla únicamente por las causas expresadas por el artículo 67, entre las que no se incluyen aquellas. Tendría que consecuentemente a hacer lugar a ella solo por alguna de esas causas, aplicando y respetando su ley que desecha cualesquiera otra. De lo contrario se llegaría a alcanzar en definitiva aquel efecto disolutivo por un motivo o motivos que nuestra ley repudia.

No podrían ampliarse las causales que el legislador argentino ha considerado las únicas admisibles y que sólo permite el divorcio cuando se ha acreditado la existencia de alguna o algunas de ellas y no de otras; materia por otra parte relacionada con el orden público como lo es todo lo atinente a la institución matrimonial, que sería afectado o vencido,al admitirse que pueda invocarse entre nosotros una ley extranjera que incluyera otras causales distintas a las aceptadas por la nuestra y sobre la que se basa esa sentencia extranjera que se pretende que tenga efectos en nuestro país. Estaría bien invocar en este caso el artículo 14 del Código Civil que erige el orden público como barrera a la aplicación en nuestro territorio de la ley extranjera que lo afecte.

Recordemos aquí que bajo el régimen legal anterior de vínculo matrimonial indisoluble o permanente, exclusivamente, o de divorcio relativo o simple separación personal, se pretendió — cuando el matrimonio se celebró en nuestra República — hacer inscribir en el Registro Civil respectivo, la sentencia de divorcio absoluto obtenida en el extranjero y cualuesquiera fuera la causa de éste, pero con efectos entre nosotros de la separación personal que era lo único permitido entonces, haciendo lugar a ello algunos jueces; y lo mismo cuando celebrado el matrimonio en la República, se obtuvo en el extranjero una sentencia de separación personal fundada en una causal no admitida por nuestra ley como el mutuo consentimiento. Citaba el caso registrado en "Gaceta del Foro", tomo 107, pág. 343, de diciembre de 1933, en mi obra "Derecho Internacional Privado", tomo II, Editorial "La Ley", Buenos Aires, pág. 101, año 1944, en que tratábase de un matri-

(Conclue na página 16)

AS CONQUISTAS DO HOMEM

Hilário Gonçalves Costa — Aluno do Pré-Científico

Estamos vivendo uma éra de intenso movimento industrial e científico, que dá ao mundo acentuada aparência de suntuosidade.

As necessidades que se apresentaram com as últimas guerras acabaram por despertar no sêr humano o gênio da invenção que, há duas centenas de anos, mais ou menos, está se fazendo sentir mais fortemente.

Para encurtar as distâncias, para que pudesse ganhar tempo ao tempo, o homem mecanizou e motorizou tudo o que lhe foi possível; inventou máquinas prodigiosas, conseguiu coisas que a época, em geral, não imaginava.

Para o amanho da terra, substituiu o arado de tração animal, os velhos sistemas de semear, cortar e colhêr, por processos mecânicos eficientes. Para o transporte mais rápido, trocou as carretas de bois por enormes locomotivas, aviões, navios, automóveis...

Tudo isto, como se a varinha de condão de uma fada benfazeja tivesse tocado a terra onde apareceram estradas pavimentadas, túneis e pontes gigantescas, por onde transitam milhões de veículos motorizados, por tôda parte espalhando a seiva do progresso, pelas mais variadas formas

Viagens que há poucos séculos necessitavam de anos para serem feitas, agora precisam apenas de poucos dias.

Em matéria de comunicações, está o Homem aparelhado para as mais diversas necessidades, pois, conta com o rádio, o telefone, a televisão e outros maravilhosos instrumentos concretizados pela tendência criadora de sua própria natureza humana.

Os progressos a que atingiram êsses meios de transportes e comunicações, de que se utiliza a raça humana, não são notados pela maioria, porque de tantas invenções e novidades que surgem, perdemos a própria capacidade de admirar.

As maravilhas de nossos dias são coisas que nunca passaram pela mente de nossos antepassados, a não ser de alguns mais arrojados que, ao aventurar uma predição, eram sistemàticamente, taxados de loucos.

A Ciência avança a passos largos. O Homem já não encontra grande número de barreiras intransponíveis. Nos laboratórios, são desvendados os imensos segredos antes ocultos pela Mãe Natureza.

Transformando, examinando, inventando, vai êste sêr que nunca se cansa de descobrir coisas, descortinando novo sistema de vida, com inúmeras vantagens.

Com tantas vitórias no terreno material, continua o Homem a galgar a escada do progresso, sem olhar para trás, sem lembrar-se de que, um dia, poderá cair, acometido da vertigem das alturas, rolando no vácuo espiritual de suas titânicas conquistas!

— TRES PORTAIS PARA A GLORIA —

Bem Atticus — Aluno do Colégio Estadual Regente Feijó

De infinito a infinito nasciam e morriam os séculos; no oriente nascia o sol e no ocidente êle morria; movia-se a terra ora banhada por um mar de luz, ora banhada por um mar de trevas; um cálido verão cobria o norte e de frio tremia o sul; o plenilúnio lutava contra as trevas, o novilúnio lutava contra a luz; cansavam-se de cantar, as cigarras, cançavam-se de calar os sepulcros; então, alguém pergunta aos céus — terei que morrer com os séculos? estarei o eterno porvir nos crepúsculos? estarei o eterno porvir nas trevas? terei, nas imensidades, o frio por berço eterno? estarei o eterno porvir no silêncio? —.

E, de lá, onde brotam os séculos; de lá, onde jamais se esconde o sol; de lá, onde há sempre o mar de luz; de lá, onde o verão é eterno e sempre ameno; de lá, onde não há trevas contra o plenilúnio; de lá, onde as almas nos cânticos dos cânticos adormecem, Homero, o Homero da eterna Grécia responde — Em nome do amor e da divina beleza, os campos de Ilion, foram cobertos de sangue grego; também, em nome da divina beleza, narrando e descrevendo, desejei lançar outro sangue na língua ainda indeciza e titubiante da Helade; narrando e descrevendo, desejei eternizar o espírito de um povo que se deleitava no belo, no amor e no sublime; quizeram, assim, os habitantes do eterno Olimpo, que eu não morresse com os séculos, que eu não conhecesse sòmente os crepúsculos, que eu não conhecesse as trevas sem fim, que eu não conhecesse o eterno frio, que eu jamais visse os lances do novilúnio, que eu não conhecesse o silêncio eterno —.

Dante, o Dante da imortal Itália, a seguir fala — Vi almas desfrutando de eterna bemaventurança; vi, ao contrário, almas mergulhadas em profundo mar de dores; vi, também, almas procurando, de vários modos, libertarem-se de suas dores; a eternizadora de Roma dava à Itália, uma de suas belas filhas: era a língua italiana que nascia; se a mãe eternizava o Lácio, também a filha poderia eternizar a Itália; e, com essa sublime donzela, procurei descrever e narrar o gôzo dos bemaventurados, o sofrimento dos desesperados e a luta daqueles que procuravam escapar às dores; quizeram, assim, os habitantes do eterno Olimpo, que eu não morresse com os séculos, que eu não conhecesse sòmente os crepúsculos, que eu não conhecesse as trevas sem fim, que eu não conhecesse o eterno frio eterno, que eu jamais visse os lances do novilúnio, que eu não conhecesse o silêncio eterno — ; Copérnico, o Copérnico do Panteon polonês, também: responde — Há vários séculos o nosso planeta vinha sendo considerado o rei da família planetária; não obstante o verde de seus continentes e mares, o azul de seus céus, os quadros multicôres de seus jardins, era um falso rei; difícil seria provar ao mundo, diante de tanta beleza, magnificência e graça, que o cetro não era seu; além de belo, magnificente e gracioso, embora na falsidade, havia sòlidamente estabelecido seu poder. E, em nome da verdade, dissertando e descrevendo, desejei ardentemente, eternizando minha pátria, mostrar à humanidade que o cetro pertencia ao sol; êsse era o verdadeiro rei, sem êle os continentes e mares não seriam verdes; sem êle os céus não seriam azuis; sem êle desapareceriam as pétalas multicôres de seus jardins; quizeram, assim os habitantes do eterno Olimpo, que eu não morresse com os séculos, que eu não conhecesse sòmente os crepúsculos, que eu não conhecesse as trevas sem fim, que eu não conhecesse o frio eterno, que eu jamais visse os lances do novilúnio, que eu não conhecesse o silêncio eterno —.

Com um soluçante anhelo que ecoava no infinito, alguém pergunta — Mas para elevar-se à imortalidade só há três caminhos? —

E os imortais novamente respondem —

Bem, muitos são os mortais eleitos, muitas são as veredas que conduzem à eterna luz; mas, através das letras, três são os portais para a glória: narrar, descrever e dissertar; é possível que, através das letras, existam outros, todavia, quantos há, sòmente os habitantes do eterno Olimpo o sabem, pois, êles, dos infinitos, são os que conhecem o eterno porvir; vêm o sol nascer no oriente e morrer no ocidente..., vêm a terra ora banhar-se de luz, ora banhar-se de trevas..., vêm o norte mergulhar-se em cálido verão e o sul tremer de frio..., vêm o plenilúnio cortar a noite e o novilúnio perpetuar a escuridão..., vêm as cigarras cantarem até morrer e os sepulcros silenciarem-se pelos séculos sem fim...

SONG OF EXILY

My land has palm-trees
Where the sabiá sings
The birds that till here
Do not trill like there.

Our sky has more stars
Our fields have more flowers
Our forests have more life
Our lilts have more loves
Dreaming, lonely, at night
More pleasure I feel there
My land has palm trees
Where the sabiá sings

My country has many wonders
As such I don't find here
Dreaming, lonely, at night
More pleasure I feel there
My land has palm-trees
Where the sabiá sings.
God! Don't permit that I die
Unless I goback to my land
Unless I enjoy the marvels
That I don't find here
Unless I may see the palm-trees
Where the sabiá sings ...

by **Gonçalves Dias**

(TRANSLATED BY OLAVO V. CORREA)

"TAPEJARA" - 6 - DEZEMBRO 1955

— HEROES DE AMERICA —

JOSE DE SAN MARTIN

En Yapeyú, localidad situada en la provincia de Corrientes, el 25 de Febrero de 1778 abrió sus ojos a la luz una criatura tocada por el genio, que sería la máxima encarnación de la independencia de la República Argentina, la que, con su inteligencia y su esfuerzo guerrero contribuyó, en forma preponderante, a consolidar definitivamente. Fogueado contra las tropas napoleónicas, invasoras de España, batióse en primeras filas, con ardor y denuedo, ganando mención especial y ascenso, por Real Orden, al grado de Subteniente en el Regimiento de Infantería de Murcia. Poco tiempo después y por sus proezas en Bailén, alcanzó el grado de Teniente Coronel. Llegó a sus oídos la resonancia de la Revolución de Mayo, y de inmediato inició sus pasos para poner su arrojo y su temple al servicio de la causa de su Patria. En el año 1812 pisó la tierra de su origen y de su sangre para continuar en ella su luchas por la emancipación, cuyo principio triunfal pelígraba constantemente. El 25 de Enero de 1817, por el camino de los Patos, inició su marcha hacia Chile.

Por otra parte, entre ida y regreso — traspuso las nevadas cumbres de los Andes, en el lapso que comprende 1817 a 1823, sin cesar en sus temerarias y arriesgadas empresas hasta no ver su misión liberadora cumplida. Vino, después, la brillante victoria de Chacabuco el 12 de Febrero de 1817, y, posteriormente, en los llanos de Maipú, el 5 de Abril de 1818, fragorosas batallas ganadas por su bravura y capacidad estratégica y táctica.

El 28 de Julio de 1821 logró la independencia del Perú, y el 20 de Setiembre de 1822, en sesión plenaria del Primer Congreso peruano se le honró merecidamente, destacándose, por varios oradores parlamentarios, sus grandes y extraordinarios servicios. Abrió el camino que llevaría al combate de Ayacucho, victoria obtenida por Antonio José de Sucre el 9 de Diciembre de 1824, que al asegurar la libertad del pueblo incaico, con la caída definitiva del virreinato, consolidó la independencia Sud-americana.

La personalidad histórica del Héroe se proyecta en sus actos, en su trayectoria, en sus obras y en su doctrina hacia todos los confines de la tierra. — ! Desde las cumbres nevada sde los Andes, el fulgor de su genio irradia a los cuatro puntos cardinales de América!

Su figura excelsa surge del pasado con relieves que exceden el molde de la Historia porque, con su prestancia de Libertador, quiebra la estructura humana, infima a su imagem, para situarse en planos de no superada grandeza. Recogido voluntariamente el las playas de Boulogne-Sur-Mer-Francia —!, reclinó su venerable y talentosa cabeza que, fatigada para la vida, empezó a moldearse en bronce para la Inmortalidad. Se fué extinguiendo el lampo radiante de su frente, el 17 de Agosto de 1850, se incorporó entre los inmortales, situándo-se en el plinto de los auténticos creadores de nacionalidades!

Thomás Carlyle le habría ubicado sin vacilar entre los principales de sus héroes porque, según su definido concepto, 'héroe es aquel que vive dentro de la esfera íntima de las cosas; en lo verdadero, en lo divino, en lo eterno, en lo invisible a los más; su vida es un pedazo del inmortal corazón de la Naturaleza, de la misma vida de todos los hombres, por más que la ignara muchedumbre, desconocedora de este hecho, le es ajena infinitas veces'.

¡De ahí pues que se pueda afirmar rotundamente que hombres como José de San Martín ostentan con nobleza y perpetua gloria el calificativo sublime!...

Juan Antonio González

ARGENTINA

POR FARIS ANTONIO S. MICHALEE

Hasta al pié de los Andes, atrevida,
De un Titán la voz de libertad suena.
Inflamée en su fin, de fervor llena,
Es Argentina que surge a la vida.

De Magalanes al Chaco, investida
De gran destino, toda una colmena
Se agita y vibra con la fe serena
De la gente vencer, más aguerrida.

Majestuoso y grave, el caudal de honor
Las barreras traspone, y-la amenaza
Destruye del tirano, en su furor.

Y, por los siglos, al progreso abraza
La nación más altiva, con fulgor,
Para gloria, Sarmiento, de esa Raza!

THE FLYING SAUCERS OR THE MODERN — MYTH —

By **Majeed Kardosh**

When I was invited by Dr. Faris Michalee, President of the «Centro Cultural Euclides da Cunha» in Pontal Grosa, to write an article for the «Tapejara», I couldn't possibly think of a subject that might interest the reader. Literature? This paper is full of it. Art? I am not good at that. History? I used to get a zero at school. So I was faced with a problem.

It wasn't until a few days after I have talked with Dr. Faris that I got the idea. Why not try and write something about the so called modern myth, or to be more explicit, the flying saucers.

Soon after the war ended, or rather in 1947, the columns of the newspapers in the whole world were full of reports about strange objects being seen in the skies. Some authorities, as I remember, explained the phenomena as cloud formation and high level crystaly or meteorological balloons, but almost nobody, at that time, paid much attention to the objects or considered them as possible spaceships coming from other planets.

The possibility that the flying saucers are of terrestrial origin is quite impossible for several reasons, one of them is that they travel incredibly fast, and another one is that those strange objects are not new to scientists, for such objects were seen in the skies ever since 1878, and the word «saucers» was then given to the objects on January 25th 1878, by the Denison Daily News, but the word did not become wildly used and accepted until 1947

Almost all the reports appear to agree that there is no sound accompanying the appearances. If the objects have a material existence, they have never been observed to start from the ground, or to fall or to alight from the ground. They either disappear over the sea or into the depths of the sky. If they are of terrestrial origin they must sooner or later come down somewhere. If they are mechanical devices something must sometimes go wrong and a crash occur. But this never happens with flying saucers.

Not because I am a believer that I am trying to defend the theory of the flying saucers, but because the arguments about this subjecte are so convincing that I myself became convinced.

No doubt that the readers still remember the recent Hollywood film based upon «The War Of The World» by H. G. Wells, and how he describes the horrors that come from the skies. This story made an important effect upon the minds of the people, however, I would like to quote from the opening of «THE WAR OF THE WORLDS» the following:

«No one would have believed, in the last years of the nineteenth century that human affairs were being watched carefully and keenly by intelligences greater than man's and yet as mortal as his own, that as men busied themselves about their affairs they were scrutinized and studied, perhaps almost as narrowly as a man with a microscope might scrutinize the transient creatures that swarm and multiply in a drop of water. With infinite complacency men went to and fro over this globe about their little affairs, serene in the assurance of their empire over matter. No one gave a thought to the other intense worlds of space as sources of human danger, or thought of them only as a place for the kind of life upon them as impossible or improbable. It is curious to recall some of the mental habits of those departed days. At most, terrestrial men fancied there might be other men upon Mars, perhaps inferior to themselves and ready to welcome a missionary enterprise. Yet, across the gulf of space, minds that are to our minds as ours are to those of the beasts that perish, intellect vast and cool and unsympathetic, regarded this earth with envious eyes, and slowly and surely drew their plans against And we imagine in the twentieth century came the great disillusionment.»

Comparing the prophecies of Wells with what is happening now the reader will find that the remarks of H.G. Wells have a truly prophetic ring. Flying saucers were seen in the skies all over the world, even here in Pontal Grosa, I once had the opportunity to see a glittering small object flying at a high altitude, it was noon time, and many people were watching the object curiously. Years ago, a certain man that actually lives in Pontal Grosa was subject to much ridicule just because he claimed to have seen strange object standing near a strange object. What did all those eyewitnesses want by their stories? Notoriety or gaining money? None I should say, all they gained was threats and ridicule.

Our world is suffering from the unknown, that's why the sceptics are innumerous, Anyhow . . . . . END . . .

Um fato, que a mim próprio muito surpreendeu, foi o da percentagem baixíssima de negros e mesmo de mulatos em tôda a região que percorri do Nordeste.

O tipo predominante é o do caboclo descendente do índio ou da mistura dêle com o branco, dando indivíduos ora mais aproximados do índio, ora mais do branco.

Parece que o elemento negro encaminhou-se mais para o sul, como demonstra a população da Bahia e mesmo dos Estados do Rio e Minas, como posso julgar pela minha própria observação. Em Recife, verifiquei que o sangue negro é muito mais abundante do que em Fortaleza e Natal, onde parece antes raro, assim como pelo interior da Paraíba e principalmente do Ceará. Trata-se de um problema demográfico de grande importância, cujo estudo poderá esclarecer muitas questões da nossa formação racial, assim como orientar quanto ao valor dos seus elementos constitutivos. Tem-se afirmado que, apesar do Brasil possuir índios altos, de estatura que se aproxima da dos brancos, como os bororós com 1m73, os carajás e os nahuquás com 1m68, pouco influiram êles nos cruzamentos que deram os nossos caboclos, que provêm antes de outras raças aborígenes, tôdas de pequena estatura. Por isso Roquette-Pinto conclúi que a estatura relativamente elevada dos nossos sertanejos deve correr por conta do cruzamento com os brancos. E procura confirmar tal opinião servindo-se do índice nasal do caboclo, que possui nariz mais fino e saliente que os índios, dos quais descende. Estarão certas essas conclusões ? De qualquer forma, parece que o sangue preto não teve grande participação na formação da população nordestina.

Sob êste ponto de vista, além dos decretos pombalinos, que visaram impedir a mistura de sangue preto às populações do Brasil, a ponto de ser considerado infamante tal caldeamento, precisamos dar atenções às consequências decorrentes das próprias sêcas, que levaram à venda de escravos e a sua emigração das regiões atingidas pela calamidade. Quando, em 1.872, a população do Ceará era aproximadamente de 720 mil habitantes, não atingia a de escravos 32 mil. "Estes desgraçados, depois que os senhores esgotaram os recursos do gado e das obras de ouro, começaram a despertar a ganância dos especuladores que percorriam os sertões, trocando um escravo por uma carga de farinha. Os mascates, e entre êles os italianos, que, nos tempos normais, viviam de vender quinquilharias no sertão, abandonaram a caixa de miçanças e se entregaram ao tráfico de escravos. Rara era a semana em que não entrassem bandos de cativos do interior, que os italianos compravam por pouco mais de nada, e tornavam a vender por altos preços às casas negreiras que os remetiam para os mercados do sul. Só pelo porto de Fortaleza saíram da província 1725 escravos durante o ano de 1.877". "Os pequenos negociantes empregavam daquele modo os seus capitais, ao passo que casas de maiores créditos se davam à especulação de carne humana. Abriram-se alguns escritórios de compra de escravos para se aproveitarem torpemente do último recurso que restava ao infeliz matuto. A mercadoria era comprada no interior por baixo preço; as peças custavam às vezes duas sacas de farinha ao magarefe italiano, que afrontava os perigos das longas travessias. Em todo o ano de 1.878, pelo pôrto de Fortaleza, 2.909 escravos para o sul do Império". "Era terrível a ganância de tais mercadores. Afrontavam os perigos das viagens aos sertões e lá arrancavam o escravo ao indigente matuto por pouco mais de nada".

Esses dados são fornecidos por Rodolfo Teófilo, certamente reproduzindo o que já acontecera em épocas anteriores. Mas, além dêsses fatores, que tiveram influência sôbre a percentagem de pretos na população nordestina, sobretudo na do Ceará, é preciso considerar ter sido essa a primeira província que libertou os escravos, já antão aí pouco numerosos.

Outras informações mostram que, por temor à abolição, os fazendeiros venderam também escravos para as zonas do sul, que assim mais se sobrecarregaram do elemento africano. Por tôda essas razões, a população sertaneja é quase tôda clara, sendo que os próprios índios tinham repugnância pelo cruzamento com preto.

Aliás, os jesuitas, que haviam impedido o cruzamento de portugueses com índios, tomaram mais tarde medidas opostas, havendo um alvará de 1.755 declarando que não ficariam com infâmia alguma quando se casassem com índios, ou viceversa. O cruzamento operou-se assim, no sertão, quase que exclusivamente entre portugueses e índios, havendo quase exclusão completa do preto. Se no sertão, porém, o mestiço é quase sempre mistura de branco com índio, o mesmo não acontece nos engenhos e na zona rural, onde é frequente o mulato. Nesse conjunto, tem-se procurado pôr em evidência, que o mulato do Nordeste raramente tem conseguido sair da subalternidade, o que tem sido atribuido, como opina José Américo de Almeida, ao fato de viver êle em condições inferiores de existência, "constituindo o rebotalho da miséria, exposto a todos os fatores patológicos". Pergunto eu: não será devido talvez à superioridade do mameluco, do mestiço do branco com índio, que tomou todos os lugares, que se impôs pela sua inteligência, pela sua capacidade de trabalho, pela sua resistência física, pelas suas qualidades de caráter, pela sua própria sobriedade ?

—ooo—

A CONSTITUIÇÃO ÉTNICA DO NORDESTE
— BRASILEIRO —

Pelo Prof. Dr. **Silva Mello**

—ooo—

Excerto do poema terra do Ouro Verde

Felix Aires

Terra do trabalho movimentado,
eu também sou garimpeiro
do teu ouro!
Trago à retina a beleza dêsse oceano verde
que dá passagem ao automóvel do visitante,
agitando-se de um e outro lado da estrada,
formando um panorama estupidamente lindo
para ser sòmente belo!
Já vi o Pico do Marumbí, Véu de Noiva,
Serra do Mar
e a arrojada via férrea do Paranaguá
com as suas gargantas e abismos,
uma das mais atrevidas do mundo,
no litoral!
Os imensos e verdes e ricos cafesais do Norte;
Vila Velha e as faixas dos pinheirais no Sul;
as Cataratas do Iguaçú
e a maior fábrica de papel da América Latina
com seu reflorestamento único!
Tive a honra de ver Didí Cailet
na sua expressão máxima do encanto!
Apertei a mão de Rocha Pombo,
privei da amizade de Leôncio Correia,
abracei Cesar Lates!
Sou amigo dos poetas,
decorei versos dos dois és:
Emílio e Ernillano;
escrevi uma página sôbre a Praça de Ouro
(a Tiradentes, quando os ipês florescem!)
Vi as poetisas mais lindas do Paraná,
recitei poesias à mulher desta terra,
troquei idéias com os intelectuais,
saudei a natureza,
beijei os pés de Nossa Senhora da Luz de Curitiba!

Trem do Norte do Paraná

Felix Aires

Piiíti!
O trenzinho chia, funga, estremece,
abalroa-se,
suando por todos os poros,
batendo seus ferros,
tinindo suas esporas!
Arrasta os pés,
fuma o seu cachimbo,
arrota grandeza,
levando gente e restos de safra,
café e toros de madeira...
Trenzinho que antigamente pedia
"Café cum pão manteiga não!"
"Café cum pão manteiga não!"
Hoje sabe se despedir à moderna:
— Tchau — tchau — tchau — tchau — tchau — tchau!
E passando o dedo na testa
para limpar o suór,
solta um suspiro de alívio:
— Eh — rôoo!
— Piiíti!...

A PECADORA

Entardecera. O Astro Rei derramara os seus últimos lampêjos sôbre a Terra; e, enrubescido e algo encoberto por nuvens negras, descambara lá no horizonte. E veio a noite triste, sem luar e imprimiu maior desalento no ambiente já desolado da meia-água de uma pobre anciã que tem os ombros macerados pelo pêso de longos anos de vida amargurada.

A aflição da velhinha é indizível. No seu desditoso lar escasseia o pão e cruel é o inverno.

Sob sua guarda vivem quatro netos, órfãos de pai e mãe. Dois deles, os de mais idade, desaços e andrajosos, ao invés de irem à escola, vendem jornais na rua, em concorrência a outros garotos, que, certamente, lutam com a adversidade, enquanto alguns petizes, briguentos e malcriados, empunhando setas, dão caça aos passarinhos e alvejam vidraças, garatujam as paredes e os muros dos edifícios, dando, assim, expansão às suas travessuras, consequentes, quiçá, da falta de uma educação sadia e inteligente.

Triste episódio da vida de muitas crianças. Quanta miséria entre os nossos semelhantes, ainda na manhã da existência!

A velhinha que é viuva, sempre acicatada pelo sofrimento, passa muitas noites em vigília, ora costurando para garantir o minguado alimento aos seus netos, ora remontando ao passado para encontrar o motivo de sua desdita martirizante.

Afinal, depois de constante exame de consciência, chega à conclusão de que a sua dívida para com o Senhor das Alturas é bastante elevada.

Recorda-se, então, da maldade que fizera aos seus irmãos em Jesus.

Daí, julga-se, não uma criatura marcada pelo destino e sim crente de que ela mesma, induzida pelo seu coração endurecido, construira o seu próprio inferno; que seu martírio é justo; que Deus não castiga seus filhos; que nós mesmos, inconcientemente, nos castigamos.

A anciã, um dia, já combalida e desesperada teve a visão de que havia ido à presença de Cristo e que debulhada em pranto prosternou-se aos Seus pés e assim falou:

Senhor! será possível que Deus me perdôe a mim, a criatura mais pecadora que habita a Terra? Não, não creio que isso aconteça. Sou verdadeiramente uma desgraçada.

Jesus, então, fê-la levantar-se e disse: Minha filha, não se desespere. Nosso Pai é bom e misericordioso.

E, perguntando:

"Nunca viste uma árvore florida estender seus galhos sôbre uma casa em ruina?"

Fidelis Alves

—ooo—

VOU RECITAR...

Vou recitar. Mas uma confissão
Fazer-vos quero antes de começar:
Inda não pude, com fiel expressão,
Por mais que queira e que faça, externar

Os pensamentos que do poeta a mão
Em versos límpidos quis enfeixar.
E desde já vos espero o perdão
Por mal sentidas palavras falar.

(pausa)

A recitar não me animo porém:
Temo que o vosso tédio eu multiplique
Dando à poesia expressão que não tem.

E antes que vossos ouvidos caustique,
Declamando-a em tom que não convem.
Certo, melhor é que bem quieto eu fique...

Eurico Branco Ribeiro

—ooo—

- Saudade Extranha -

Ao Professor FARIS MICHAELLE

Os anos,
os anos que o corpo,
e o espírito da gente,
vão ganhando no andar da vida...

Neste perambular de ter que ir,
de ter que ir...
que ir... ir sem destino,
para o destino doloroso de ficar.
Um dia...
quanto nos pesam!...

É quando,
então, na solitude,
no intramuros de nós,
sentimos a tragédia do Cham que somos todos,
todos nós...
os orfanados da vida.

Todos nós...
Os que viemos para andar.
os que viemos,
para a solidão das metrópoles,
para o deserto,
das balbúrnias de mil falas,
para os comícios silenciosos dos compêndios.

Neste perambular,
tão doloroso por monótono
e tão enexpressivo por igual,
o drama de sermos homem,
nos aguilhôa...
nos queima...

? ...
Teria havido sol n'alma do Poverelo ?...
E noite...
escuridão...
n'alma de Macbeth ?...

Monotonia milenar!...
Sucessão de degrêdo!...
Longuras de d'aqui!...
Pequenez de distâncias!...

Nem esperanças...
Nem sonhos.
Perspectivas de adeus...
Vazio púmbleo.

E o corpo,
o corpo e o espírito da gente,
que vão ganhando,
no andar da vida os anos...
impregnam-se...
então...
dessa saudade extranha,
dêsse desejo extranho,
de extranhas coisas de ACOLÁ!...

Pguá, Julho-1955 **Anthero Regis**

Pescando e Caçando...

LUIZ NOVISKI
Posta Grossa

Poucos sabem o verdadeiro sentido de uma boa pescaria ou caçada nos rios nada piscosos de nossa terra ou em matas cobertas de capoeiras ou bracatingas em que nossa gente teima em chamar de mato cerrado e chegam até a afirmar a existência de jaguar e leões reais... mas que a gente só encontra raros inambús ou feroses cobras perseguidas por lagartos esfomeados e magricelas. O surto de progresso que invade a mente de nossos grandes mentores da economia privada, debelou essa grande reserva de riquezas da pátria, exilando para lugares distantes os infelizes habitantes animais que outrora eram motivos de lendas e histórias fantásticas de nosso humilde povo.

Hoje, ao penetrarmos num bosque qualquer, não devemos levar em mente o sentido esportivo de devaneio ao encontrar malta de animais que, por si só, satisfazia e tornava a jornada esportiva, num motivo de descanso espiritual e verdadeiro elixir para recuperar as fôrças a fim de enfrentar a labuta numa outra semana da vida. Hoje entra-se nas matas com sentido de ver logo adiante uma cobra feroz ou tocos de pinho camuflados, o que torna o nosso devaneio em uma verdadeira prova de coragem e desprendimento. Já não é mais vantagem arriscar o "couro" numa aventura dessa...

Outrora, banhava-se em cachoeiras cristalinas, entroncadas nas grotas a jorrar água, transformadas num verdadeiro chuveiro natural. Hoje, as mesmas cachoeiras não passam de um foco pestilento devido a constante devastação do patrimônio florestal e desleixo do proprietário em permitir que uma riqueza dessa fôsse abandonada e sujeita ao desaparecimento.

Tempo virá em que muitos compreenderão que estavam errados ao permitir tamanha monstruosidade, mas então já será tarde. E não viveremos da saudade dos tempos idos, em que as matas eram as nossas maiores amigas.

Se o sedentarismo é condição sine qua non do progresso de tôdas as sociedades; e se tem mesmo as aquisições e obtenções culturais de índole mais empírica se lhe podem subtrair ao imperativo; nenhuma explicação razoável encontraremos, então, para o desenvolvido conhecimento que os brasis tinham dos astros em geral.

Por êles orientavam as suas marchas e expedições guerreiras; através dêles controlavam as suas relativamente adeantadas lavouras; e com êles regulavam tôda uma cronologia, sem falar nos mitos e crendices que, ainda, os mesmos lhes inspiravam.

Realmente ,inúmeras têm sido, em todos os tempos, as observações, entre êles feitas pelos mais variados pesquisadores nacionais e estrangeiros. Assim, já, nos conêcos do século XVII, dizia Yves d'Evreux : "não há estrêlas no céu que êles não conheçam, e calculam, pouco mais ou menos, a vinda das chuvas e as outras estações do ano". (Apud E. Pinto "Indígenas do Nordeste, 2.° volume, pág. 352).

E Claude D'Abbeville, outro maravilhoso pintor dos tupis e seus costumes, não fica atrás, como veremos.

Por sua vez, Ambrósio Fernandes Brandão, em seu "Diálogos das Grandezas do Brasil", também escrito nos princípios do aludido século, não deixa dúvida quanto ao elevado grau de discernimento dos nossos antepassados das selvas. "Pois com tôda ella sabem muito bem dividir os tempos do anno, sem grande conformidade, regulando-se para isso com os frutos de certas arvores, quando amadurecem; porque então sabem que é o tempo chegado de suas sementeiras, e outros exercícios em que se ocupam, e também conhecem case todas as estrêlas dos céos, que nós conhecemos, posto que lhes applicam nomes differentes". (Página 289).

Mais tarde, Ch. M. de la Condamine, o grande geógrafo do motim de Cuenca (imortalizado pelo talento de G. Humberto Mata em "Cusinga : Capuli em Flor"), ainda, igualmente, descrever a menor faceta da curiosidade do espírito selvagem : "Note, também que êles conheciam diversas estrêlas fixas, e que davam nomes de animais e diversas constelações. Êles chamam as Hiades, ou cabeça de Touro "Tapiira Raiuba", dum nome que significa hoje em sua língua "queixada de boi", (Viagem na América Meridional, pág. 36).

Agora, o depoimento incontesto dum conspícuo sertanista, conhecedor profundo das línguas brasílicas : o General Couto de Magalhães.

São dêle estas palavras, extraídas do precioso "O Selvagem": "Viajei desenas, talvez centenas de noites, pelo Araguaya com guarnições de selvagens carajás — e sempre elles conheciam a hora da noite por meio das estrellas, com precisão que bastava perfeitamente para regular as marchas. Não me envergonho de dizer que, n'esse tempo, eu conhecia muito menor numero de constellações do que elles. Uma noite êles me fizeram observar que uma das manchas do céu (que fica junta a constellação do cruzeiro), figurava uma cabeça de avestruz, e que, ao passo que a noite se adiantava, apparecia na via lactea a continuação da mancha como pescoço e depois como o corpo dessa ave. Entre os tupis o planeta Venus, que chama-se **iaci-tatá-naçú** e a constellação das **pleiades (ceúcú)** figuram frequentemente na conversa do tempo durante a noite". (Páginas 78 e 79 do "Curso de lingua geral", do referido livro).

Cremos ser, o que fica dito, suficiente para convencer o mais caturra e estulto ariansita.

Podemos, por conseguinte, reservar umas poucas linhas à terminologia que o indígena tão significativamente soube aplicar aos corpos sideraís.

Antes, vejamos como chamavam ao Universo. Ara era o têrmo, que, por outro lado, ainda, queria dizer **mundo, dia e tempo.** Mas, tal aparente deficiência vocabular não nos deve causar espanto, pois que o próprio português, que é língua culta, tem apenas uma palavra — tempo — para expressar o seguinte dos ingleses : **tense** (sentido gramatical), **tempo** (acepção musical) **weather** (meteorologicamente falando), **time** (sucessão de instantes) e **while** (curto espaço de tempo). E, no entanto, ninguém ousará asseverar que a nossa língua materna seja pobre.

A abóboda celeste é **ibaka, ibak** ou **eivac**, ao passo que **Terra** é **Ivi** ou **Ibi**. Mar é **iara**; eclipse do sol, **anhemoptun** ou **Guaracipitun**; e o da lua, **Jacibachiú** ou **Jacipitun.**

O planeta Mercúrio é **Pirapanema** ou **Pirapanem**, enquanto que Vênus tem os seguintes nomes : **Jaciatitúguaçú, Jupitun, Jaguar** (vespertina) e **Cauaanon**, entre os Macuchis, segundo Barbosa Rodrigues (V. "Antologia do Folclore Brasileiro", página 182, de Câmara Cascudo).

Dos grupos estelares, constelações e estrelas, as seguintes são as que contam com maior número de sinônimos : **Ciuce, Seiuú** para as Pléiades; **Nhanduú, Guiraítupiá**, para os Gêmeos; **Suanran**, entre a tupinambás, e **Ienlá**, entre os macuchis, para a estrêla Sirius; a constelação do Cruzeiro do Sul, de tanta importância para os brasileiros, é **Crassá**, no Maranhão; **Iuarauá**, no Amazonas e **Joaçaba**, na região sul do país; **Guinuaú**, de acôrdo com alguns autores, é a mesma Poti, que quer dizer camarão e deve ser interpretada como o do Câncer.

Alguns dêsses nomes se originaram de qualquer má influência que os Indios atribuissem ao astro, ou qualquer forma de animal que esta ou aquela constelação aparentasse ter. Destarte, Pirapanema é devido à ocorrência de pois com determinadas incrições, como bem lembra Rodolfo Garcia.

Por outro lado, não poucos são os contos, mitos, crendices e lendas, relacionados com os astros. Entre outras lendas, mencionemos a da origem das pléiades, narrada por Barbosa Rodrigues; a da Tapera da Lua, em que se pinta o aparecimento da Lua, pelo produto da imaginação amerindia, vulgarizado por Afonso Arinos em "Lendas e Tradições Brasileiras; e, finalmente, a de como surgiu a noite, esta de caráter cosmogônico mais geral que as anteriores, pois que vale por uma verdadeira Genesis. Devemoia ao incomparável Couto de Magalhães, que a divulgou através de "O Selvagem".

A Astronomia entre os Indios do Maranhão (Claude d'Abbeville, 1612) e Amazônia (Temistocles de Souza Brasil, século XX)

Das muitas estrêlas e constelações, descritas pelo acima mencionado D'Abbeville, em seu preciosíssimo livro "História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão", apenas as seguintes foram mais ou menos identificadas pelo grande Rodolfo Garcia : 1.° — Constelação **Urubú**, que crê ser a do Corvo. 2.° — a **Scichú ou Eichú** (enxú), que interpreta como a das Pléiades ou Setestrelo. 3.° — a estrêla **Souanran ou Uam-ranã**, isto é, igual ao piriilampo, que exatamente liz corresponder à resplandecente Sirius. 4.° — a estrêla **Iauuare ou Jaguar**, que reconhece como Vésper ou o planeta Vênus vespertino. 5.° — a estrêla **Pirapanem** ou **Pirapanema**, peixe escasso, que não é mais que o planeta Mercúrio, como se viu acima. 6.° **Yapouykan** ou estrêla que sempre aparece antes do nascer do Sol. Pensa ser o planeta Vênus matutino. 7.° — A Constelação **Crussa** ou **Curaçá**, Cruzeiro, que, noutros pontos do Brasil, tem a denominação de **Joaçaba** ou **Iuarauá** (Peixe-boi), como veremos adeante. E a única constelação indígena com têrmo de origem portuguesa. Sem dúvida, influência jesuítica. 8.° — **Potin** ou Poti, camarão; mas que D'Abbeville dá como caranguejo. Garcia diz que deve ser tomada como a constelação Câncer. 9.° — A constelação **Vanhuhin** ou **Jenhanhum**, isto é, avestruz. O ilustre etnólogo e historiador patrício julga ser a dos Gêmeos. 10.° — **Guyra cupiu** ou Guira-rupiú, ovos de pássaro. São as estrelas Cástor e Pólux da constelação anterior. 11.° — **Tupiti**, lebre provàvelmente a constelação da lebre, segundo o referido mestre.

Mas, a lista é bem maior, se bem que muitas das estrelas e constelações tenham sido sem identificação (V. notas ao livro de Claude D'Abbeville, páginas 246 a 249, por R. Garcia). São elas : **Simbiare Rajebore**, constelação semelhante a uma queixada; **Sechú-jurá**, jirau de abelha (enxú); constelação com 9 estrelas; **Tingassú**, estrêla com nome tirado de ave; **Cenhomuã, Guaiamum** ou **Guanhumi, Iaguata**, que, com mais razão, poderíamos supor ser constelação do Cruzeiro do Sul; **Cor, Jandaia**, estrêla que se denomina de acôrdo com célebre palrador alado; **Yassatin** ou **Jaçatin**, constelação de 7 estrelas, em forma de pássaro; **Tuivaé**, homem velho, Constelação que, jirau de vários astrelas, dispostas de modo a lembrarem um ancião apoiado numa bengala; **Consimi Manipocre Uare**, isto é, **Curumim** mapuera-guara capaz que come manipuru. D'Abbeville diz ser uma estrêla muito luzente; **Eire apuã** ou Irapuã, mel redondo, designação de certa abelha que nidifica no alto das árvores, formando verdadeiras bolas. A estrêla, que assim se chamava entre os Indios maranhenses, é grande e brilhante; **Panacon** ou **Panacú**, cesto grande, é o nome de outra constelação; **Jaci-Tatá-uã**, estrêla, cuja fulgência é contínua como a lareira dos indígenas; **Caí**, constelação parecida com macaco; **Tucon-ive**, estrêla que se assemelha à fruto da palmeira Tucum ou Tucama; **Tatá-cindel** ou **Tatá-rendi**, estrêla que é um facho. **Nhum-apuã**, constelação parecida com uma frigideira redonda.

Isto quanto aos Indios tupinambás ou outros que tais, do Maranhão. Vejamos, agora, os da Amazônia (Alto Rio Negro e afluentes) igualmente estudados in loco em pleno século XX, pelo saudoso astrônomo da Comissão de Limites, Coronel Temistocles Pais de Souza Brasil (testemunha tanto mais insuspeito quanto é certo não ter êle nunca tido em grande conta os nossos selvícolas, pois que, paradoxalmente, via neles inferioridades ontológicas).

Em seu "Incolas Selvícolas" (separata do Relatório apresentado ao Ministério das Relações Exteriores, 1935), encontramos suas estrelas e constelações (págs. 61 a 64):

Iauareté ou Jaguaretê, onça verdadeira, corresponde a constelação da Ursa Maior ou Grande Ursa; **Siucú**, que é a Sebiú de Claude D'Abbeville, equivale às Pléiades, grupo de estrelas da Constelação Taurus; **Miuquentaua**, jirau para fazer moqueado, é outro grupo de estrelas (em forma de A) pertencente à mesma constelação; **Ararapuri**, armadilha de arara, não é mais que a constelação de Orion; **Boiaussú**, cobra grande, representa a nossa Scorpio, cuja estrêla alfa é **Ararapuia**, nome de arara; **Iuiú** vem a ser a constelação Corvus, que, com mais propriedade, deverá chamar-se Urubú.

O nosso incomparável Cruzeiro do Sul, **Iuá**, não é Crussá ou Jaçaba, como, duas palavras que traduzem cruz, mas, **Iuarauá**, peixe-boi; e as estrelas alfa e beta de Centaurus, que lhe são vizinhas, têm entre os brasis a designação de Purucaçaras, isto é, pescadores. Pois ou Itiun, que Garcia pensou ser Câncer, é melhor identificada por Temistocles de Souza Brasil, que a descreve como constituida pela constelação Lôbo e parte de Centaurus.

Há, ainda, no mesmo trabalho, um grupo de pequenas estrelas, **Iacundá**, (peixe da família Cíclidas), que escapou ao poder recognitivo do brioso militar.

Do exposto é lícito concluirmos o seguinte :

1.° — Os Indios do Brasil, principalmente, os da família tupi-guarani, já tinham um bom conhecimento empírico dos corpos celestes. 2.° — Tal conhecimento pode ser considerado superior ao de qualquer outro povo do mesmo estágio cultural, antigo ou moderno, sem excluir os próprios lusitanos, antes da conquista romana. 3.° — Com êsse produto da observação pura e simples, o amerindio se orientava e regulava as suas mais variadas atividades. 4.° — Como facilmente se deverá, essa avançada cultura astronômica serviu de fundamento a notável ciclo de contos e lendas e condicionou o surgimento de inúmeros mitos e crendices. 5.° — Finalmente, através do mistiçamento, que, no Brasil, se tem processado, muitos dêsses contos, mitos, crendices e lendas, se incorporaram ao acervo folclórico nacional, constituindo, hoje, um dos nossos patrimônios culturais mais conhecidos.

OS CONHECIMENTOS ASTRONÔMICOS DO INDIO BRASILEIRO

Por FARIS ANTONIO S. MICHAELE

LA HISTÓRIA Y EL ESPIRITU DE LOS VASCOS

Por el Dr. Enrique de Gandía

"Tapejara" tem a honra de, mais uma vez, ver estampada em suas páginas uma das preciosas colaborações do querido Mestre platino.

La historia de los vascos tiene dos grandes características: una es su antigüedad racial, y la otra es su expansión fuera de su territorio. El misterio milenario de los vascos ha entrado en una zona de luz al considerárseles como isla de un pueblo inmenso que cubría Europa y norte de Africa antes de las invasiones de los ários; es decir : al ser reconocidos como un pueblo pre-ario, el más antiguo del mundo. Su expansión fuera de su territorio es típica. Pueblo de pastores, se ha dado en América, ha llegado a tener una influencia extraordinaria en muchas páginas de la historia americana. En otros tiempos se estudiaba la acción de los vascos en la conquista del Nuevo Mundo y en la fundación de ciudades. Ahora ha comenzado a comprenderse la transcendencia de los vascos en los preliminares de la independencia americana, como precursores y, sobre todo, como defensores del sistema liberal que terminó por triunfar sobre el sistema absolutista y llevar directamente a la independencia. La historia de los vascos es, por tanto, una historia ineludible en la historia de América. Hay muchos capítulos que no pueden emprenderse si no se tiene conocimientos amplios de no pocos problemas puramente vascos.

En cuanto al espíritu de los vascos no vamos a caer en la sensibilería o lugar común de hablar de su constancia, de su honradez, de su alegría, etcétera, y caer en psicologías de carácter folklórico. Estos estudios son importantes e interesantes; pero a nosotros, ahora, interesa otro espíritu: el jurídico y político.

Francisco de Vitoria es el primer nombre que se nos ocurre en la imaginación cuando se habla del espíritu jurídico y político vasco. Vitoria es el creador — como todo el mundo sabe — del derecho internacional. Los fundamentos que él reconoció a los hombres, de cualquier parte de la tierra, sobre su libertad, sobre su derecho de hablar, sobre su posibilidad de viajar y comerciar, rigen a las naciones que adoptan el milenario derecho de gentes para regir su vida internacional. Los antiguos protecionismos tienen en si algo de antihumanos al aislar a los pueblos, cerrar sus fronteras para los intercambios benéficos y prohibir la propagación de las ideas, tanto para aceptarlas como para refutarlas. Vitoria, hombre educado en la tradición histórica vasca, en susliberttades políticas y en la teología tomista, dió al mundo unos principios individables y a los cuales habrá que volver todas las veces que se quiera, realmente, evitar las guerras y trabajar por la hermandad de los hombres. Pero Vitoria no es el único nombre que influyó, con sus ideas, en la historia de la humanidad y, en particular, en la historia de América. Debemos adelantar, para entendernos, rapidamente, algunas afirmaciones.

La historia de América ha entrado, gracias a la historia de las ideas, en un camino de donde no ha de volver. Ha dejado atrás los otros caminos, más que utilados, de las épocas que en vez de historia se hacía biografías o descripciones de batallas y en que se hablaba de odios de razas o de cuestiones comerciales. La historia de América hoy se sabe que es una historia de hechos y que esos hechos, tidos, han sido movidos por ideas. Se ha comenzado, por tanto, a buscar esas ideas, a entenderlas y a hacer su historia. Este trabajo, que hemos encarado unos pocos estudiosos en el Continente, tiene un significado transcendental. La vieja historia queda un tanto olvidada y los jóvenes deben comenzar a estudiar una nueva historia que les muestra un panorama desconocido. En primer término, la conquista es una empresa teológica: todo se hizo en nombre, primero, de Dios y luego, de acuerdo con opiniones de teólogos que resolvían si era lícito o ilícito atacar a los indígenas, explorar una región, fundar una ciudad. Estas ideas escilaban entre las de Vitoria y demás teólogos de la Escuela de Salamanca, y las absolutistas. El propio Carlos V estuvo tan perplejo y temeroso ante el hecho inmenso de la conquista que se mostró dispuesto a abandonar a América para salvar su alma. Fué Vitoria quien mostró las razones por las cuales no era justo dominar en América y por las cuales era muy justo predicar buenas obras a los indígenas y extender la cultura europea sobre pueblos antropófagos y salvajes. Un vasco impidió que un emperador dejara el Nuevo Mundo aban-

(Conclue na página 14)

- UMA CURIOSIDADE BIBLIOGRÁFICA -

Por João Alves dos Reis
(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

No dia 15 de Julho do corrente ano, tivemos um grande prazer. O nosso Centro Cultural "Euclides da Cunha" nos deu o privilégio de ouvir um de seus sócios em palestra que agradou a todos quantos a ouviram.

O conferencista foi o professor Pedro Pereira Martins, intelectual conterrâneo, que, em palavras candentes, exaltou a vida e a obra do grande escritor português Eça de Queiróz.

Foi nesse dia que alguém, na reduzida assistência, nos chamou a atenção para uma curiosidade bibliográfica, uma História da Guerra do Paraguai, editada em 1870, pertencente à Biblioteca do Clube Pontagrossense.

Mas, nossa surpresa foi ainda maior quando, por mais que procurássemos o nome do autor, não pudemos encontrar. Nomes de doadores, carimbo de um padre Gmena, desconhecido de todos, e a quem na ficha do Clube era atribuida a autoria do livro.

Tanta coisa extranha aguçou nossa curiosidade em descobrir o autor de livro tão precioso. Por isso, puzemo-nos a campo, estabelecendo os planos precisos para um trabalho desta natureza. Pensamos em nos dirigir ao Instituto Histórico Brasileiro, à Biblioteca Nacional, enfim, aos órgãos orientadores do ensino de História Pátria, os quais, certamente, estariam interessados em nos informar a respeito.

Entretanto, não ficámos inativos. Iniciámos uma busca em regra em nossa pequena Biblioteca onde, pela graça de Deus, temos um regular repositório de obras históricas. Examinámos a bibliografia de várias "Histórias do Brasil", incluida a do grande conterrâneo Rocha Pombo. Examinámos, também, várias obras sôbre as guerras do Prata e Paraguai.

E, para nossa grande surpresa e, maior satisfação, ao termos em mãos o livro "Capítulos da História Militar do Brasil — Ii — Os antecedentes da guerra contra o Paraguai — Políticos, Diplomáticos e Militares — de autoria de Aliatar Lorêto, obra editada pela Biblioteca Militar, em 1933, encontramos, ao pé de uma de suas páginas, a seguinte citação:

"Sobre a missão do Chefe de esquadra Pedro Ferreira de Oliveira, vide "Relações do Brasil com o Paraguai", na "História da Guerra do Brasil com as repúblicas do Uruguai e Paraguai", de autoria de Francisco Felix Pereira da Costa — 1.ª Edição — Livraria A. G. Guimarães & Cia. — 1870 — Rio de Janeiro".

Certo de que estávamos em bom caminho, procurámos fazer uma verificação no exemplar do Clube Pontagrossense, o que veio confirmar nossas suposições.

Restava, porém, esclarecer algo sôbre o autor do livro tão raro e precioso. Não se tratava de um autor sobejamente conhecido, dêsses que são citados em tôdas as nossas histórias da Guerra do Paraguai, para que nossa curiosidade ficasse satisfeita com a simples descoberta de sua autoria, por isso, continuámos a pesquisar e achamos o seguinte:

FRANCISCO FELIX PEREIRA DA COSTA foi um médico fluminense, nascido em 1802 e falecido no Rio de Janeiro em 1872.

Estudou e foi diplomado pela Faculdade de Medicina desta última cidade. Servia no Corpo de Saúde da Armada, onde chegou ao pôsto de Cirurgião da esquadra, com a patente de Capitão de Mar e Guerra, em que foi reformado. Pelos relevantes serviços que prestou, o govêrno imperial o agraciou como oficial da Ordem da Rosa, Cavalheiro de Cristo e da Ordem de São Bento de Aviz. Foi membro honorário da Academia Imperial de Medicina.

Escreveu muitos livros sôbre medicina e alguns históricos, entre os quais a "História da Guerra do Brasil contra as Repúblicas do Uruguai e Paraguai", objeto do presente artigo.

Era sòmente isso que nos competia fazer. Esperamos que essa nossa contribuição sirva para que o Bibliotecário do Clube Pontagrossense complete a ficha do precioso livro, de que é depositário, e ficamos satisfeitos em poder prestar êsse pequeno serviço à cultura de nossa cidade.

oo

ZULEIKA

"Tapejara", como homenagem ao erudito e brilhante Prof. Major Manoel Grott, tem a honra de reproduzir esta bela poesia, escrita pelo mesmo, quando ainda mal contava 20 anos de idade.

Era, uma vez, um Sultão
Da Turquia o soberano
E que tinha uma porção
De concubinas por ano.

Do serralho, a mais formosa,
A quem nessa noite atirou
o seu lenço, desdenhosa,
Aceitá-lo recusou.

Era Zuleika, a odalisca,
Que, assim, a noite afrontou.

Aceso, em ira, o sultão,
Por essa audácia fatal,
Arranca da cinta o punhal
E, mais feroz que um leão,
Crava-o no peito da moça,
Na altura do coração.

Mas, de repente, aterrado,
Recúa, cheio de espanto:
O punhal fôra quebrado
Por um misterioso encanto.

E Zuleika, triunfante,
Mostrando-lhe o seio puro,
"Bem vês, lhe disse, é mais duro
Do que o próprio diamante.

LETRAS - ARTES - IDÉIAS GERAIS

ALVARO AUGUSTO CUNHA ROCHA

CRÍTICA LITERÁRIA E DESABAFOS

Evidentemente, a crítica literária vem conquistando importância cada vez mais acentuada como fator de um conhecimento racional da literatura por parte do público. Mas, como se sabe, nem sempre foi assim, pois a evolução da crítica entre nós começou há pouco tempo, com um atraso bastante superior ao que nos era lícito esperar das possibilidades da própria crítica. As dúvidas sôbre essa evolução foram desaparecendo lentamente, a partir de quando, menos "polêmica pela polêmica", menos personalista, laudatória ou acrimoniosa do que se apresentava em sua fase diguamos emocional, veja a crítica literária a ser feita em têrmos de um estôrço, tanto quanto possível autônomo e objetivo, de interpretação e pesquisa. Tal linha de conduta intelectual nos assegurou a maturidade da crítica; hoje, entre outras particularidades, podemos considerá-la quase que satisfatòriamente caracterizada em sua função pedagógica de orientar leitores e estudiosos, conferindo a cada obra estudada aquela fisionomia própria, aquêle "tonus" pelo qual um livro pode fornecer algo de novo ou de inconfundível como contribuição, mensagem ou simples experiência estética. Por esta nova maneira de equacionar os problemas, que, por sinal, é ponto pacífico da moderna crítica literária, a função do crítico vem romper de vez os acanhados limites da disputa pessoal, da cidadela intranquila do "quase panfleto", para situá-lo, necessàriamente, no domínio das indagações de ordem científica: os defeitos que possam ocorrer agora, nesta fase de maior seriedade da crítica, já não serão originàriamente dela ou de seus métodos, mas dos críticos. Outra consequência da crítica assim entendida e praticada foi ultrapassarmos historicamente o intruso mundanismo literário que, numa feliz observação de Afrânio Coutinho, fazia com que predominassem, pelos rodapés de crítica, os interêsses da "VIDA LITERÁRIA sôbre os da VIDA DA LITERATURA".

Ao lado da crítica, porém, desenvolve-se vigorosamente um fato curioso que pretendo assinalar aqui. Eis que, vez por outra, nas páginas internas e menos favorecidas dêste ou daquele suplemento dominical, surge um artigo assinado por pessoa que não é crítico de profissão., que, quando muito, é ficcionista ou poeta pouco conhecido do público, ou, como se verifica, ainda, na quase totalidade dos casos, é qualquer amante incompreendido, qualquer desconhecido estudioso da coisa literária. Tais artigos vêm sempre vasados num estilo veemente, — impróprio, bem se vê, à crítica — falando-nos no idioma direto e emotivo dos chamados pontos de honra, dos reptos, dos desabafos. Muito embora não se dirijam êles particularmente a quem quer que seja, a pessoas ou a grupos determinados, os seus autores nos deixam a viva impressão de que escreveram atentos às manobras de um poderoso, anônimo mas aguerrido exército de opositores.

Certo é que a crítica tem valores assentes, a par de uma linguagem própria e pontos de partida mais ou menos convencionais para os seus raciocínios em profundidade: tem o seu mundo, o seu "metier", cujas fronteiras permitem acesso apenas aos iniciados. Decorre daí uma das causas da diferença abismal entre a obra, quando considerada pelo grande público como simples "divertissement" e o sentido social atuante e humanista, conferido à literatura pela crítica. Pois o grande público dificilmente assimilará a importância real, a verdadeira função da literatura, pelo caminho da crítica. Assim é, que para a maioria das pessoas dêste nosso país a literatura ainda constitui um luxo, um pássatempo que substitui, com vantagem, para o leitor comum, o que seria um enfadonho estudo de gramática, ensinando-o enquanto o deleita, a falar e a escrever corretamente. Continua-se vivendo a fase gramatical da literatura; se ela não existisse, se os fatos de ficção desaparecessem sùbitamente da face da terra, restaria, embora com menor ênfase, a gramática. Entendida dêsse modo, a literatura é uma extravagância desta sociedade infinitamente caprichosa, a mania um tanto mórbida mas inofensiva de alguns produtores, para o desfastio geral dos seus consumidores. Sob êste prisma, aliás, é que pese a desigualdade das oportunidades, pouco se diferencia a classe média do proletariado, para o qual os livros ainda representam, e por sinal que com muita razão, o produto, não o meio de trabalho, o símbolo, da disponibilidade dos doutores.

Não é apenas em seu aspecto formal que os desabafos se distinguem da crítica. Antes de tudo, são êles as manifestações, cada vez mais frequentes, da insatisfação dos que não escrevem oficialmente mas entendem de literatura e acompanham de perto a marcha da sua evolução, dos que se encontram perigosamente situados entre a crítica e o público, e se sentem deprimidos, nesse meio vago e opressivo, em que o fenômeno literário é vítima habitual das mais grosseiras simplificações. Daí o fato de os desabafos muitas vezes resultarem dos louvores fáceis do público a esta ou àquela obra, a êste ou àquele autor, quando êsses mesmos elogios, numa apostasia bem intencionada, vêm deformar ostensivamente a própria literatura no que tem ela de mais valioso e característico. Por outro lado, enquanto a crítica volta as costas a problemas ditos ultrapassados, os desabafos se ocupam precisamente dêles, isto é, das questões gerais e rudimentares para uma compreensão inteligente da literatura, que a crítica menciona, apenas, como simples pontos de partida, mas que não foram ainda convenientemente assimilados pelo público. Por essas razões, os desabafos que pretendem provar, com extraordinária fôrça de sinceridade, a função social da literatura de nossos dias; o conhecimento do homem pelo homem através dela ou a qualidade de determinadas leituras, havidas como doses inestimáveis de experiência humana; o esfôrço de recuperação, por meio dos grandes livros da atualidade, dos valores substantivos da criatura humana sôbre as contingências econômicas, sociais e políticas que tanto a têm avilitado históricamente, como instrumento da irresponsabilidade das minorias dominantes. Questões desta ordem — tímidas elementares na crítica — constituem o móvel seríssimo dos desabafos.

É preciso que se estudem os desabafos como sintomas de uma reação que aos poucos está se fazendo sentir. Reação de alguns contra o reacionarismo de muitos; reação à ignorância intransigente, ao atraso em face da literatura. Porque, hoje, como em nenhuma outra época, ignorar é antes "saber mal" do que "não saber". Evidentemente, o problema da evolução não está na simples extinção de tímidos equívocos ou de ingênuos mistérios, mas em romper tôda uma espêssa malha de convicções que subvertem a realidade, que a esquecem, que a escondem e temem, alimentadas com o sufocar paulatino da inteligência crítica, pelo hábito de se espantar as dúvidas como se enxotam môscas. Ora, a auto-suficiência do público é de origem individualista e por certo não lhe permitirá conhecer, sem repulsa, essa efervescência de soluções não raro desencontradas que é a crítica literária. Como não poderia deixar de ser, tal distância entre a crítica e o público resulta nas duas escalas de valores estéticos que estamos vivendo, totalmente diversas, às vezes, incompatíveis entre si, que constituem, para os desabafos, a antítese dramática que lhes dá origem, o seu estopim e a sua pólvora.

O que, sobretudo, nos anima e encanta nos desabafos é a sua natureza sugestivamente popular. Note-se que a crítica, tantas vezes esotérica e bizantina, não conta com elementos de persuasividade capazes de supri-los, mòrmente na espontaneidade inexcedível, que lhes empresta o sentido de verdadeiras tomadas de consciência. Por essa minoria esclarecida, que, escrevendo os seus desabafos, se projeta do próprio seio do povo, e não exatamente pelos mandos da crítica, poderá o público ledor evoluir, inicialmente ao menos, do conceito primário e fútil de literatura em que vem marcando passo. Por ela poderá o público compreender que os grandes livros não estão obrigatòriamente no passado, circunscritos à heróica formação dos idiomas pelo gênio dos clássicos, nas estantes onde os especialistas vão catar a pinça as suas sutilezas filológicas, nem tão sòmente no adjetivo precioso, na "frase pela frase" da retórica em letra de fôrma, mas que, também, estão êles no presente, vivos, atuantes, profundos, compondo hoje, para o homem de nossos dias, um acervo de verdades substanciais a respeito dêle, que se encontram aliás mais próximas da realidade humana do que nós mesmos. Com efeito, estamos vivendo apenas uma parcela da nossa autenticidade, onde quer estejamos, repetimos as mesmas atitudes convencionais já repetidas por outros que as repetirão novamente e sempre, com a mesma ridícula austeridade, quando, embora sabendo, como nós próprios, que êsses gestos mecânicos, infinitamente reproduzidos sob o império do temor e do melindre, são os tristes elos de uma constante mentira... Contra êsse todo pétrido de coisas e que se levantou a literatura contemporânea, procurando demonstrar, genèricamente, o que somos em essência e até que ponto o desuso da liberdade, conservando-nos como que encerrados numa imensa redoma de ar rarefeito, nos afastou de nós mesmos, de nossas melhores reservas, da nossa própria realidade intrínseca. Meio século de literatura, vivido em meio aos impactos das duas grandes guerras, instaurou um processo de recuperação da dignidade do homem. Mas tal odisséia parece não ter encontrado a devida ressonância nesta ainda República, em que, convenhamos, ainda raramente se pode afirmar meia dúzia de verdades autônomas sem que nos acusem, "ipso fato", da negação de outras tantas. Os desabafos são uma advertência nesse sentido. Advertência renovada com tenacidade, principalmente em tôrno da importância capital das obras de Hemingway, Steinbeck, Lorca, Joyce, Thomas Mann, Aldous Huxley, Faulkner, Camus, Malraux e tantos outros, da mesma falange, pouco frequentados entre nós, cujos esforços se converteram em todo um patrimônio de conquistas, dedicadas ao esclarecimento e à afirmação, na história, do homem dêste século. E sejam quais forem os resultados obtidos, os desabafos, cada vez mais numerosos, são insopitáveis: os seus autores estão vivendo a própria marcha do tempo.

— BRASILEIRISMOS DO SUL —

A. Tenório D'Albuquerque

Cândido de Figueiredo, sem uma investigação mais detida, arrebanhou dos vocabulários riograndenses, centenas de palavras e as inseriu em seu **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, seguindo-as da designação de: **brasileirismos do Sul**.

É inexpressiva e falsa, a classificação de **brasileirismos do Sul**.

Seria aceitável, se empregada como indicativa de têrmo peculiar à Região do Sul do Brasil. Mas Cândido de Figueiredo pretendeu referir-se tão sòmente ao Rio Grande do Sul.

O mais estranhável, revelador de imperdoável incoerência, é haver, de alguns vocábulos, que classificou de **brasileirismos do Sul**, Cândido de Figueiredo apontado como étimo, um vocábulo.... castelhano!

Curioso! Classificou a palavra de **brasileirismo** e, logo a seguir, indica-lhe uma procedência estrangeira!

Outras incoerências, com facilidade, podem ser assinaladas no **Dicionário**, de Cândido de Figueiredo.

Disse A. Taunay: "No grande léxico figueiredeano abundam dislates e são freqüentes até as parvoices." (**Insuficiência dos Grandes Dicionários da Língua Portuguêsa**, pág. XIV).

Surpreende-nos o **Dicionário** de Cândido de Figueiredo, quando ali se nos deparam averbados como **brasileirismos**, vocábulos que não o são, ao passo que outros que realmente o são, lá não figuram. (1)

É incompreensível que um lexicógrafo como Cândido de Figueiredo, fôsse próprio em apontar... **brasileirismos**, sem procurar, mais detidamente, estudar os vocábulos, despreocupando-se mesmo de evitar classificar de **brasileirismo**, um vocábulo que êle mesmo indicou como um **estrangeirismo**.

É sobremodo lamentável que dicionaristas brasileiros houvessem descuidadosamente copiado as indicações de Cândido de Figueiredo, sem averiguar o seu acêrto ou desacêrto. Com facilidade, os nossos vocabularistas poderiam corrigir os deslizes do **Dicionário**, de Cândido de Figueiredo.

Em alguns casos, não lhes seria necessário mais que uma leitura atenta das palavras do lexicólogo português. Em outros casos, seria suficiente recorrer ao **Dicionário de a Academia Espanola**, ou aos livros sôbre americanismos, como fizemos.

Repulsa aos brasileirismos

Não atinamos com as razões determinantes da repulsa aos **brasileirismos**, por parte dos dicionaristas, sobretudo os portuguêses.

Palavras há, empregadas por milhões de patrícios nossos, que foram rechaçadas pelos vocabularistas de Portugal. A contrastar com isso, certos vocábulos, de uso em regiões exíguas de Portugal, por restrito número de pessoas, foram dicionarizados.

Nada justifica que os dicionários do nosso idioma não dêem guarida a palavras empregadas por milhões de brasileiros encontradas em nossos escritores e recolham vocábulos que são usados tão sòmente por alguns milhares de portuguêses.

Deplorávelmente ainda há filólogos e lexicólogos lusitanos, para os quais só merecem ser incorporados ao idioma, os vocábulos formados em Portugal.

Êles são os guardas aduaneiros de pretensos contrabandos léxicos. Igual atitude assumem os espanhois em relação aos argentinismos, chilenismos, peruanismos, etc.

O mais surpreendente é que dicionaristas patrícios incidiram na mesma deficiência, agravada de muito, porque eram brasileiros.

É de justiça enaltecer o **Pequeno Vocabulário da Língua Portuguêsa**, organizado por Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso, que acolheu milhares e milhares de brasileirismos, de vocábulos postos inexplicàvelmente à margem por outros dicionários.

Não compreendemos a razão dessa repulsa aos brasileirismos, sobretudo em se tratando de vocábulos correntios, empregados por centenas de brasileiros, necessários porque exprimem coisas nossas. Somos quase 52 milhões de brasileiros. O português é falado por muito maior número de pessoas aqui, que em Portugal.

Fizemos questão de documentar amplamente as nossas afirmativas. Por isso, apoiamo-nos em autorizados Mestres de renome, sobretudo do Rio Grande do Sul, da Argentina, do Uruguai e do Chile.

Felizmente, dispomos de abundante material, constituído de mais de 200 dicionários regionais de americanismos e mais de 2000 livros, que estamos pacientemente fichando, na tranquilidade de uma vida semiconventual, aqui em Belo Horizonte, para o nosso livro **AMERICANISMOS**.

São dias transcorridos sem outra diversão além de estudar e lecionar. Existência de quem não passeia, não vai a cafemas, nem a cassinos, porque deseja estudar e porque **necessita** produzir.

Repetidas vêzes, citaremos **Martin Fierro**, o grande e popularíssimo poema argentino de José Hernández (2). As nossas citações são colhidas na esplêndida edição dirigida pelo nosso erudito amigo, Dr. Eleuterio Tiscórnia (3), figura representativa, da cultura argentina.

Martin Fierro, que recebeu a carta de cidadania de Leopoldo Lugones, é o mais popular livro argentino e bem merece pois é o maior poema épico da Argentina.

O meu prezado amigo Pe. Luis Gorosito, dos mais fulgurantes poetas argentinos, autor de excelentes livros didáticos, escreveu a respeito:

"José Hernández, uno de nuestros más grandes poetas. Famoso autor de **Martin Fierro**, la obra capital de la poesia seudo-gauchesca". (**Tesoro del Idioma**, pág. 123)

Rodolfo Velozo (Historia de la Literatura, pág. 405), escreveu:

"Pero el gaucho evocado más acabadamente en nuestra literatura es el **Martin Fierro**, que dió campo a musa inspirada y azonadora de José Hernández para hacer un poema genuinamente popular y la obra arquítipo del genero a que pertence".

No centenário de nascimento de José Hernández (10 de novembro de 1839), Dr. Carlos Obligado, das mais ilustres figuras da Academia Argentina de Letras, iniciou uma conferência no Teatro Municipal de San Nicolás, com as seguintes palavras:

"Vamos a celebrar, señores en esta ocasión, al soberano poeta argentino que nació hace hoy cien años y que vive y vivirá tanto como la patria nuestra en ese bronce asoleado y firmísimo que es su creación del **Martin Fierro**, bronce de estatua en la inmortalidad de su heroe, bronce de campaña en la poderosa vibración de su canto". (**Discursos Académicos**, tomo III, pág. 21) — Publicação da Academia Argentina de Letras).

A conferência citada também está no livro **Temas Poéticos**. Mais adiante, declarou Dom Carlos Obligado:

"... podemos decir con franco orgullo nacional que en cuanto al género épico, José Hernández no reconoce poeta superior en nuestro idioma."

O grande Ricardo Rojas, em carta dirigida a José Hernández, em 14 de 1879, disse-lhe: "Martin Fierro es una obra y un tipo que há conquistado su titulo de ciudadania en la literatura y en la sociabilidad argentina."

Luis Alberto Sánchez, referindo-se a **Martin Fierro**, disse: "En realidad, Argentina, o mejor dicho, el gaucho argentino hay encontrado su auténtico cantor, su poema fundacional". (**Nueva Historia de la Literatura**, 4.ª edição, pág. 289).

Um pouco mais adiante, pág. 290, diz o mesmo autor: "Cree que el **Martin Fierro** es el poema más completo de toda la literatura americana. Constituye una epopeya al modo criollo sin citas grecolatinas ni italohispánica. Fruto directo del suelo, del genio de la tierra."

Menéndez Pelayo, à pág. 138 de **Historia de la Poesia Argentina** (Colección Austral) escreveu: "Referindose a la poesia popular o si quiere vulgar, y cierto grado indígena. Pero la obra maestra del género es, por confesión unánime de los argentinos, el poema de José Hernández, **Martin Fierro**."

Enrique Vedia (**Teoria Literaria**, pág. 229), assim se referiu ao livro de José Hernández:

"Por todo ello y mucho más, **Martin Fierro** es un poema puro, genuino, exclusivamente argentino e integerrimamente distinto de cuantos le precederan en la Historia de la Literatura Argentina."

Ernesto Morales, em **Literatura Argentina**, pág. 50, escreveu:

"Por esto, por ser fruto genuino de la tierra, el poema **Martin Fierro** se levanta como el monumento indiscutido del género." A página 88 de **El Sentimiento Popular en la Literatura Argentina**, declara Ernesto Morales.

"Con el autor de **Martin Fierro** el gauchismo llega a su época." O insigne filólogo e meu idoleo amigo, Padre Rodolfo Ragucci, escreveu sôbre **Martin Fierro**: "Acaso no haya en la literatura de América, producción más singular que **Martin Fierro**, cumbre indiscutido del género gauchesco. Se trata de un poeta de caracter lírico épico, de traza autobiográfica y intención revolucionaria." (**Letras Castellanas**, pág. 741).

O Professor chileno Arturo Torres Rioseco, às páginas 142, 143, 144 de **Expressão Literária do Novo Mundo** (Edição de Casa dos Estudantes Brasileiros) contesta que **Martin Fierro** seja um poema épico:

Herbert Smith, brilhante escritor argentino, residente em La Plata, de cujo amizade muito me prezo, escreveu:

"Martin Fierro, obra que ganó las cumbres de la literatura local, recoge verdadero sentido de una etapa esencial de la nacionalidade. De ahi que alcanzara los cimos de la gloria primero en el ambiente popular de onde habia nacido y luego en el medio intelectual.

El pueblo, como el Quijote en España, lo comprendió en seguida y lo sintió." (**Dom Segundo Sombra, Su Influencia en la Argentinidad**, págs. 45, 46).

Em seis anos, Martin Fierro teve onze edições, o que foi extraordinário para a época. (4)

Até o presente já saíram mais de 200 edições do popularíssimo livro de José Hernández, que foi traduzido para numerosas línguas entre as quais, alemão (2 traduções), francês (3 traduções), italiano, russo, árabe, japonês, tcheco, húngaro, etc.

Um dos maiores biógrafos de José Hernández é o meu estimadíssimo amigo Dr. José Rafael Hernández, em cuja companhia sempre passo horas agradabilíssimas em Buenos Aires.

José Hernández (5) começou a escrever **El Gaucho Martin Fierro**, em Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul e concluiu-o em Buenos Aires, no Hotel Argentino. Em 1872, saiu a 1.ª edição de **El Gaucho Martin Fierro** da tipografia La Pampa, calle Vitoria, em Buenos Aires.

Oxalá o nosso livro **Falsos Brasileirismos** possa ser uma contribuição para os estudos mais desenvolvidos, levado a cabo, por quem disponha de mais cabedal.

O nosso intuito é concretar para o estudo dos brasileirismos, dos têrmos que são próprios, expungindo de suas imperfeitas relações, os **Falsos Brasileirismos**.

. . . . . .

(1) "Notaram quão grande era o número de palavras correntíssimas no Brasil ou vulgares nas tecnologias científicas ausentes das colunas do **Novo Dicionário** de Cândido de Figueiredo". (A. Taunay). **Reparos ao Novo Dicionário**, pág. 10).

(2) Rodolfo Senet, figura grandiosa da intelectualidade argentina, cuja morte foi tão pranteada, escreveu: "Justo es reconocer que fué Leopoldo Lugones quien dió carta de ciudadania al **Martin Fierro** en nuestra literatura". (**La Psicologia Gauchesca en el Martin Fierro**, pág. 7).

Leopoldo Lugones, com a sua indiscutível autoridade declara que "el objeto de este libro es pues definir, bajo el mencionado aspecto, la poesia épica, demonstrar que nuestro Martin Fierro pertence a ella." (**El Payador**, pág. 15). Prológo). Lugones é uma das maiores das letras argentinas. Dele disse o meu amigo Roberto E. Giusti: "Todavia es una presencia viviente en nuestra poesia, Leopoldo Lugones. Su influencia poderosa sobre los poetas del siglo es algo más que el influyo de una obra multiforme de poeta y prosista genial. Es además un ejemplo duradero y un estimulo permanente. (**Siglos, Escuelas, Autores**, pág. 222).

Ricardo Rojas, o insigne Mestre argentino, contribuiu poderosamente para o prestigio extraordinário de **Martin Fierro**, com as brilhantes conferências realizadas na Faculdade de Filosofia e Letras em 1915. Elas provocaram ruidoso inquérito de revista **Nosotros**.

(3) Eleuterio Tiscornia, membro da Academia Argentina de Letras, escreveu soberbamente o livro **La Lengua de Martin Fierro**, em que, com brilhantismo da sua invulgar cultura, estuda a linguagem do poema de José Hernández. Estavamos concluindo êste livro, quando nos chegou a notícia da morte de insigne Sábio argentino, Dr. Eleuterio Tiscornia, de quem êramos amigos e admiradores.

(4) "Es este gran poema, la obra argentina, que há tenido mayor circulación y mas ediciones. Se vendia en la mas lejanas pulperias, a la par de la yerba y la ginebra." (Juan B. Selva, **Curso de Literatura**, para o 4.º ano pág. 112). D. Carlos Obligado, secretário da Academia Argentina de Letras, escreveu a pág. 179, de **Temas Poéticos**, referindo-se ao êxito do poema de **Martin Fierro**: "Su exito como saben, fué enorme: se agotaban los mies y muos de ejemplares successivos, en aquel cuardenito tosco que no faltaba mas en la pulperia mas analfabeta do campo. La protesion de cantor ambulante, de Martin Fierro, como en una resurrección ciertamente honrosa para el alma argentina, de los aedos de Grecia". "No han passado aun dos meses cuando ya esta agotada la primera edición, y lo mismo sucede con las que se imprimian sucesivamente, no obstante la reciente cantidad, de ejemplares de las mismas. El Martin Fierro passando de mano a mano se adentra en la campaña y sus versos son escuchados religiosamente a la lumbre de los fogones, en rueda de gauchos. El éxito de la obra es tal que en los siete años que median entre la aparecion de la primera, y la segunda parte del poema se consideran que se vendieron setenta y dos mil ejemplares, este bajo el control del autor, pues no podemos mencionar las ediciones clandestinas que, en su oportunidad, obligaron al poeta a recurrir a la ley en defensa de sus intereses. (**Vida de José Hernández**, pág. 26).

Em outro interessante livro **La Vida de Rafael José Hernández**, escreveu meu estimado amigo José Roberto del Rio:

"De su obra poética, **El Martin Fierro** — nuestra bibia gaucha — quiero solo mencionar que tal como dice un escritor español: "Al aparecer la segunda parte denominada **La Vuelta del poema** se habian vendido 72000 ejemplares de **El Gaucho Martin Fierro**, que de acuerdo a la poblacion de albaltos de la República y el Censo Oficial, correspondia, estadisticamente, a razon de un ejemplar por cada cinco habitantes". "Difusión no alcanzada por obra alguna."

(5) Apesar da extraordinária influência de José Hernández na literatura argentina, da incomparável popularidade de seu livro, pouco se sabe da vida do poeta. Ezequiel Martinez Estrada, em seu notabilíssimo livro **Muerte y Transfiguración de Martin Fierro** (2 volumes, edição do Fonde de Cultura Económica, México — Buenos Aires) escreveu, à página 5: "Existe un incompreensible secreto en torno da vida de este autor, de quien ignoramos muchisimo más que de cualquier personaje modesto de su tiempo."

—OOO—

PERFIS DA CIDADE

Crônica de **Vieira Filho**

Irradiada pela Rádio Clube Pontagrossense, dia 23.09.1963, das 19 às 23,00 horas.

Meus amigos, na beleza morna desta noite tropical, na delícia perfumada dêste pedaço de primavera que entra pela escuta noturna, cantando poemas de amor e ternura na alongada hora desta noite pontagrossense, mil ruídos, trazidos pela aragem dos campos gerais, formam uma sinfonia extuante de vida, no romance eterno da natureza quando ama para se renovar.

Tudo é vida e beleza neste minuto misterioso e perfeito. Desde a suavidade doente da música que a orquestra de Melaguinho executa num longínquo ponto, até o delicado gesto da ramagem verde escrevendo poemas de sombra ao luar. E nesta noite pontagrossense, tão cheia de encanto e tão plena de esperança e de vida, travo conhecimento com um poeta, converso com um artista das rimas, sondando sua alma na quietude dêste instante de recolhimento, Virgílio Moreira é o seu nome. "Meu coração" é o seu livro. Trovas, sonetos e poemas, revelam para o nosso sentimento a alma do vate e trazem à tona todo o conteúdo do seu coração amoroso e delicado.

Então, através das suas rimas vamos conhecendo o autor. Tida sua alma, todo o seu coração está contido na beleza colorida e suave dos seus versos. Neles há aquela doce nostalgia dos sonhos que não se realizaram. Corre na sua poesia aquele angústia do idealista, cujos pensamentos e inspiração atingiram regiões siderais no vôo largo do anseio de verdade e beleza, mas cujos pés ficaram chumbados à sofredora contingência do viver terreno. A marcha indelével dos anos e dos de-

(Conclue na página 11)

Escribe : JOSE BIEBERMAN

LETRAS AMERICANAS

ROMAN FONTAN LEMES
(Periodista, Poeta y Escritor Uruguayo)
(Semblanza bibliográfica : Envío : Arcístico)

"Delante de la verdad no hay más que un deber : proclamarla."
— VASCONCELOS

El que no teme pronunciarse como debe y corresponde, siempre saldrá airoso en la brega. — JOSÉ BIBERMAN

Rubrica, con su firma, sendos trabajos literarios. Pluma ágil, tajante, hecho estilete, por calar las más hondas capas; enemigo de la fraseología hueca; contundente, preciso cuando es menester, revelando, a la sazón, humorismo que raya en lo satírico, con cierto tinte especial, agradable gracejo...

Oficia su mision con altura. La vena periodística se nota a cada instante. Trabaja con material cotidiano, de ahí que, los brochazos — diseños atinados y superentes — tienen la fuerza normativa, por sistematizar el análisis, y en consecuencia, objetar los relieves de la napa humana andante...

Matiza sus acotaciones con ejemplos vivos — no es calco desfigurado, ni antojadizo protocolo — precisamente por la valentía de plantearlos. Corrobora lo manifestado sus "apuntes al natural" de "USTED SEÑOR... (registrados con el seudónimo "VEEDOR)". Como modesto colofón asignamos el Quinto Tomo, que sugerimos detenerse en las simulares páginas de "Distraído", "INSISTENTE", "Emponchada", "Desaliñada", "Elegante", "Picaflor", "Engreído", "Vampiresa", Etc.

Amante de la verdad, realiza su apostolado con amplio criterio, sin pedir prestado al cercado ajeno. Sus palabras, muchas veces, se truecan en campanas vibrantes, alcanzando sus sones a penetrar los espíritus más cerrados, para hacerlos estremecer y sentir la realidad de los hechos. Al efecto, acunsejamos leer su opúsculo "MEDITE, SEÑOR ESCRITOR", (que lo hizo conocer con el nombre de "MANGANGA"). He aquí un párrafo, que debería cincelarse, y ser colocado en todos los caminos, para que nadie lo desconozca :

"De aquel bohemio pulero y rebelde, de aquel muchacho nobre, nada quedó. De aquel que cantó la verdad a los cuatro vientos, tampoco nada. De águila, se convirtió en cuervo picoteador de piltrafa malolientes; el gallardo pensador libre se termina, para dejar paso al hombre-gusano, sin vértebras en parte alguna. Aprendió así la ley de hacer genuflexiones, con deleznables fines".

No cede terreno, ni ceja en sus propósitos. Equivale a que no se quebradizo, ni se entrega por una compacta talega, repleta de míseros mónises. Batalla de firme, sin amilanarse.

Fulmina, la peñola, en cientos encuentros. No como espada restellante, sino como égida civilizadora, en bien de la comunidad ciudadana. Sabe que la pluma, es una herramienta conducente y es necesario guiarla por efectivos senderos de realidades concomitantes. Con aplomo, serenidad, hombría.

Obliga a pensar. Ello denota, principio, causa, anhelo. No como vulgar moralista, ni empalagoso chapucero. Nada de hojarascas inútiles, sin ton ni son. Perfila la comprensión, afinidad, tolerancia, sentimiento real del sentido amor. Mirando de frente al sol, sin lentejuelas opacas, leáse anteojos obscuros. De hombre a hombre. Con personalidad; sin requiebros fastidiosos. Pleno é integralmente, como debe ser el que se titula "HOMBRE" en toda la extensión del vocablo. HOMBRE y no monigote, un vulgar resorte de la gente, un autómata veleidoso, llevado por la presunción y la vanidad estúpida.

Navega hacia todos los puertos, con mirada avizora, dejando en cada lugar sus ricas impresiones.

Traduce, virilmente, con estilo propio, sus apreciaciones. No ataca, sugiere, conduce. Es su forma, y es, por ende, la cabal revelación de sus inminentes puntos de vista. Si se quiere, diícamente, sin vanos portafolios. Lo admirable es que no manda a decir : piensa y dice lo que siente, sin "camouflage".

A puertas abiertas van sus disquisiciones. Algunos podrán argüir que no usa lenguaje académico. Nada de prosapia académica, rimbombante, superfluo; nada de elocuciones tribunicias. Roman Fontan Lemes, no tiene tiempo en hacer desmerecer florilegios. No le interesa. Escribe dictado por el anuncio de los pensamientos y los entraga, tal cual los acuna en la mente, liso, llanamente, sin más ropaje que la verdad. Austero, sin ser grave. Trazo agudo, sin melindros, verticalmente.

No transige con los tránsfugas. De ahí sus acerbas amonestaciones y su crítica terminante. Nadie puede negar que es un esforzado paladín de las causas justas, por sentir el Ideal entrañablemente. Ideal de bien y mejoramiento en todas las esferas: humanismo, sinceridad, control, justicia, versacidad.

Luminosa empresa la suya, por alejar nieblas de los caminos. Y más luminoso, aún, es por ilustrar con acopio de conocimientos, a la falange, de todo lo nuestro, conmemorando la tradición.

Enseñ en "TOLVANERAS CRIOLLAS", su último libro, la magnificencia del campo y sus atributos; donde aflora la belleza, dilatado horizonte de sabana verde. Ventana de luz, color, vida. La pampa con su cielo estrellado; el rancho, la aguada y el arroyo y el río con sus rumores; el diálogo del grillo y la cigarra, los pájaros cantores y vistosos; la leyenda y el recuerdo de la santa patriada. La sangre-crisella se vierte en cada exposición, entrelazado con la identificación del paisaje; parece uno asistir al eterno soliloquio del paisanaje, que vislumbra días dos, pero cercanos; el romance y la gloriosa epopeya, por la libertad e independencia del solar querido. Bien lo anuncia el distinguido periodista y escritor, hermano en causa, Mauricio G. Obelar, en el prólogo : "Con esta obra Fontan Lemes, ha hecho suyo el hombre-pulpa de la patria gaucha que le debe gratitud por inyectar savia vivificante a nuestras cosas nativas."

Motiva su obra justificada razón, fundado en la observación sagaz. Los artículos que encierran su libro, mencionado, — notas que nos permitimos llamar, por el acierto : PINCELADAS — están llevadas al papel con clara sutileza. Primo la agileza en todas las acotaciones, por ende, no sabríamos calificar, cual es la mejor página. Todas agradan por su fuero intrínsico.

Enfoca consabidamente sus tópicos. Ojalá que nunca desvíe la senda trazada y marche siempre en pos de sus inquietudes anímicas, en estrecho abrazo espiritual.

Saludamos a Roman Fontan Lemes, con toda cordialidad. Hemos recibido su mensaje, y se lo agradecemos de todo corazón, y lo único que nos resta manifestar, es que nos pongan un puesto en las letras de América Latina.

Buenos Aires.
REPUBLICA ARGENTINA.

— PERFÍS DA CIDADE —

(Conclusão da página 10)

sencantos, mistura-se com a chama entusiasta do ideal de perfeição que nunca morre. A ternura e a desilusão fundem-se na sgquência do seu canto rimado, contando ao cronista, distante pedaços da sua vida, trechos do seu coração.

Isto porque, Virgílio Moreira, no marco inicial do seu livro, canta assim :

"De fronte curva a alma prêsa
À mais fervente oração,
Aqui, longe da beleza,
Ao mundo abro o coração..."

E enquanto lemos nesse relicário uma nesga da sua história, quando sua alma ao seio por carinhos e ternuras que vagueiam incertas, seu livro e seus versos entram pelas portas a dentro dessa noite princesina e nos inspiram a traçar o seu perfil de artista das rimas delicadas e harmoniosas.

Então, na pobreza desta crônica inexpressiva, reunimos as belezas da noite suave, juntamos a orquestração maravilhosa da natureza em festa de primavera, congregamos o grito de vida e mocidade que vai por aí na estrada infinita, emprestamos a poesia deste minuto de ternura espiritual e com êles formamos a corbelha da nossa simpatia, enviando-a ao nosso amigo Virgílio Moreira, com nossa mensagem de agradecimento, dizendo-lhe que, neste instante, milhares de corações pontagrossenses pulsam em harmonia afetiva sintonizando com o seu coração de poeta e idealista...

TABU DO FOGO

R. F. Mansur Guérios

O fogo tem sido considerado não só um ser vivo, mas também uma divindade. Não são, pois, metafóricas, pelo menos na origem, expressões comuns a numerosíssimas línguas das mais variadas povos — **Alimentar o fogo, avivar o fogo** e talvez **lingua de fogo.**

Lembremos, em primeiro lugar, que consoante a concepção dos remotos Arianos, havia duas expressões referentes ao fogo — uma para o fogo sagrado e outra para o profano. Aquêle pertencia ao gênero animado e considerado ser superior ou masculino (corradical do sânscrito **agnih**, latim **ignis**, etc.), e outro pertencia ao gênero inanimado ou neutro (corradical do grego **pyr**, inglês **fire**, etc).

Essa concepção divina do fogo, das priscas eras áricas, vemo-la muito concreta principalmente nos descendentes helenos, romanos e hindús.

"A casa d'um Grego, ou d'um Romano, encerrava", assim inicia Foustel de Coulanges ("A Cidade Antiga", trad., I, 2.ª edição, Lisboa, 1900, pp. 118), encerrava um altar : neste altar devia haver sempre um pouco de cinza e de carvões acesos. Era uma obrigação sagrada para o dono da casa conservar o fogo de noite e de dia. Desgraçada a casa, em que o fogo se extinguisse !" E mais adiante : "Não era permitido alimentar êste fogo com qualquer espécie de madeira; a religião distinguia, entre as árvores, as espécies que podiam ser empregadas e as outras, as quais de que era impiedade servirem-se." Não resta dúvida que "êste fogo era alguma coisa de divino; adorava-se, prestava-se-lhe verdadeiro culto. Dava-se-lhe como oferenda tudo o que se imaginava poder ser agradável a um deus : flores, frutas, incenso e vinho". "Reclamava-se a sua proteção que se cria poderosa". "Ofereciam-se-lhe sacrifícios". Essência de todos os sacrifícios consistia em alimentar e reanimar o fogo sagrado, nutrir e desenvolver o corpo de deus. Era por isso que se lhe dava primeiro a lenha, e que em seguida se oferecia ao fogo o vinho ardente da Grécia, óleo, incenso e a gordura das vítimas..." "Ninguém duvidava que êle estivesse presente e comesse e bebesse; e o fato, não se via a chama elevar-se, como se se tivesse alimentado com as manjares oferecidos ?" Assim, pois, se explicam a quelas locuções acima, que nos parecem de origem metafórica.

Entre os Helenos, **Hestia** e, entre os Romanos, **Vesta** era a personificação do fogo sagrado.

Entre os Hindús, **Agnih** é essa divindade, cujo fogo o brâmane "deve conservar de noite e de dia; lêdas as manhãs e lêdas as noites lhe dá lenha para o alimentar; mas, como entre os Gregos, só pode ser lenha de certas árvores indicadas pela religião". "O fogo do lar era, como na Grécia, essencialmente puro; proibia-se severamente ao brâmane lançar nêle qualquer coisa salgada e até aquecer os pés ao seu calor. Como na Grécia, o homem culpado não podia aproximar-se do lar antes de ter purificado da mancha". (F. de Coulanges).

Na atualidade, mesmo entre povos civilizados, o fogo ainda tem, se não adoradores como de outrora, pelo menos seus veneradores ou superstiçosos.

Na Ucrânia, têm o fogo em muita veneração, como um sêr sagrado, e considerem pecado falar mal dêle. Não o denominam com o nome apropriado, que é irritá-lo; usam expressões substitutivas como **pust svit**, "brilho vazio, inútil" e é perigoso falar nêle à tarde e à noite.

Na Rússia, e também na Ucrânia, chamam **teplo**, ao fogo, isto é, "o quente", ou a "**riqueza**" (**bogatya, bagatce**) ou "a claridade" (**svetlo**) ou "o crépito, assobio (**sopot**) ou ainda "hóspede", "o pecado", "a ação do pecado".

Os Abcazos (Cáucazos) chamam-no **amka**, "o que não queima", e é proibido a palavra "queima", e para isso usam locuções como "Deus o preserva" ou, simplesmente, "acaso". Quando se verifica um incêndio, não se diz — "está queimando", mas "está umedecendo" ou "está úmido", ou, então, "isso é riqueza; alegre-se !"

Povos atrasados chamam ao deus do fogo — "o dedal" — e é perigosíssimo invocá-lo pelo nome verdadeiro.

Os Ilas, norte da Rodésia, por ocasião da fundição do ferro, não permitem citar o fogo com seu nome usual, porém "o quente"; do contrário não se realiza a tarefa.

Não resta dúvida que as neoformações nas línguas arianas são explicadas pelas interdições. Se os Hindús, os Romanos, os Eslavos conservaram a palavra sagrada (**agnih, ignis, ognji**), os Iranianos substituiram-na por **atar**, os Helenos por **hestia**, parte dos Germanos (nórdico ant., anglo-saxão, etc.) por **ailida**. A substituição prosseguiu nos tempos posteriores; o grego moderno, postergando **pyr**, criou **photia**, derivado de **phos, photós**, "luz"; e as línguas românicas abandonaram **ignis** em favor de **focus.**

Há uma oposição entre o fogo "brutal", a que pertence o raio, e o fogo doméstico. Está sujeito à morte aquêle, que montanhas da Romênia, em Hutani, fala em **foc**; usar-se-á **lúmina**. Aqui o derivado de **focus** teve o destino de tabu.

O respeito ao fogo, como um sêr vivente, manifesta-se lingüisticamente ainda sob outras formas.

Para "acender" há expressões como "avivar", que não são metafóricas como parecem, mas necessária consequência da concepção primitiva. O português **avivar o fogo** e expressão comum a muitos povos. Em nouregês, etc., "acender" é um verbo corradical do alemão e inglês **quick**, "vivo", e no russo — "fazer vivo o fogo".

O apagar o fogo, p. ex., entre os Mamaios — "morrer a tocha (ou o tição)", **como entre os lavradores da Baixa Saxônia — de Lampen is dot**, "a luz morreu". Mas, entre certos povos, como os Persas, extinguir o fogo era crime de assassinato, passível de castigos, e naquelas gentes em que se podia apagar o fogo, não se permitia, contudo, lazê-lo mediante água ou assoprar.

Entre os Armênios, não se tolera dizer — "Apague o fogo !" — mas "abençoe o fogo !" —, e tal se faz, em várias regiões, com as próprias cinzas. É sacrilégio apagá-lo com água. Popularmente, na Armênia, a expressão que usam para apagar é "fazer descansar o fogo", pois que essa divindade, assim o crêem, não morre, porém dorme como um sêr vivo, e que, no dia seguinte, desperta para perseguir os espíritos malígnos.

Muitos povos orientas mantêm o tabú de proferir expressões para a extinção do fogo com dizeres comuns. Deve-se usar, p. ex. — "encurtar o fogo", "agazigar a tocha", "ir sôbre a tocha" (porque não se assopra, mas aperta-se com os dedos).

Os Sêrvios, por ocasião de uma festa nacional, dizem "alegrar" ou "resfrescar" ("apagar o fogo").

No Tajiquistão, fronteira entre a Rússia, Afeganistão e China, evitam o verbo **kushtan** que, originàriamente, significa "bastar"; dizem "despatar" ou "acomodar" quem dissesse que o mesmo cumpriu o dever e já não se tem necessidade dêle.

As mulheres árabes da Argélia, que outrora eram guardiãs do fogo doméstico, conservam expressões do uso antigo para o fogo, as quais são, p. ex., "adormecê-lo" ou "alegrá-lo", em vez de "apagar o fogo" ou "acender o fogo" (corradical de **pax, pacis**, "paz") e, por sua vez, sinônimo de **incendia sedare.**

Da expressão latina **tutare ignem**, "proteger o fogo", isto é, "fazer ou deixar repousar o fogo", proveio o francês **tuer**, "matar", aplicado depois ao homem — "extinguí-lo como uma chama", mais ou menos como a locução da gíria **apaiser quelqu'un**, norueguês antigo **slockkva**, nórdico **stilla**, "deixá-lo quieto", isto é, "matá-lo".

A. Dauzat, p. ex., registra, no seu "Dict Etym. de la L. Française" (s. v. **tuer**), que o lat. **tutari** chegou ao sentido de "extinguir" através de locuções como **tutari sitim**, "extinguir a sêde", mas aqui, como em **tutari famem**, é conseqüência da mentalidade primitiva, que admitia igualmente o um demônio da sêde e da fome, o qual devia ser aplacado, pacificado. Não é sem razão, pois, a existência da locução francesa **tuer le ver**, correspondente, p. ex., ao português **matar o bicho**, o que se faz, lá e cá, mediante bebida alcoólica.

Do livro em preparo — "TABUS LINGUÍSTICOS"

- A VISITA DE UM ILUSTRE MÉDICO -

Quando fui morar em Vila Velha (Espírito Santo) arranjei uma casa nova que dava para um espaçoso quintal, repleto de relva, onde pastava o gado, o que causava a impressão do local ser uma fazenda do interior.

E completando a beleza do cenário, erguia-se ao fundo um gracioso perfil de serrania, conhecida pelo nome de Jaburuna, tendo na extrema direita um mirante alto, sôbre o qual está edificado o belo e original convento da Penha. Certa noite, Alcesira, fatigadíssima com o trabalho doméstico, depois de me fazer companhia na varanda, recolheu-se mais cêdo, deixando-me só.

E não tardou que a lua surgisse por trás do mirto do convento, dando umas tonalidades místicas à paisagem campestre, cheia de paz e doçura.

Mas nêsse momento bateu no portão um homem de estatura regular, meio gordo, e vestido com simplicidade e distinção. Não usava chapéu, e mostrava uma bela cabeleira branca, penteada para traz, parecendo um artista do tempo antigo.

Indo recebê-lo, percebi que o rosto, o porte e a fisionomia eram de alguém, que eu conhecia muito, mas que não me lembrava quem era. Êle percebeu êsse esfôrço pesquizador mal disfarçado e esclareceu-me com essas palavras:

— "Meu amigo, eu sou Osvaldo Cruz!"

Uma bomba que tivesse rebentado aos meus pés não teria me surpreendido tanto e meu espanto ter-se-ia eternizado se o grande cientista não me acudisse com um sorriso indulgente e com essas tranquilizadoras palavras:

— "Compreendo a sua surpresa. Aqui estou para conversar consigo. Há muito prazer de minha parte".

Estão recuperando a calma, observei que os traços do rosto do ilustre higienista eram iguais ao retrato que, por ordem do Ministro da Guerra, foi colocado em todos os quartéis e repartições do Exército.

Também percebi a fita vermelha da Legião de Honra que o notável visitante trazia na lapela e da corrente do relógio pendia a medalha de ouro que êle havia recebido das mãos da Imperatriz Augusta da Alemanha.

Entramos e sentamos na varanda.

O notável higienista, depois de contemplar a bela paisagem enluarada, exclamou emocionado:

— "Que recanto pitoresco e aprazível! Aqui se pode recuperar as fôrças gastas no trabalho. E como ficou lindo o original convento da Penha assim todo iluminado!"

Muito admirado perguntei: — "E quando foi que conheceu êsse convento?"

— "Na minha viagem para o norte, quando fui dirigir o saneamento da região Madeira-Mamoré. O navio tocou em Vitória, proporcionando me conhecer e visitar êsse monumento histórico da colonização portuguesa, no Brasil".

— "Ignoro, Dr. Osvaldo, êsse detalhe. Só sabia que êsse trabalho foi outra brilhante vitória de sua utilíssima existência. De 300 empregados da estrada de ferro Madeira-Mamoré que, anualmente adoeciam de impaludismo, devido aos seus esforços, foram reduzidos a 30, ou seja uma diminuição de 90%."

—"Pelo que vejo, conhece bem a história de minha vida."

— "Tôda vez que leio a sua biografia tenho orgulho em ser brasileiro".

O ilustre cientista replicou sorrindo:

— "Mas não era isso que diziam os meus contemporâneos. Da tribuna do mais alto órgão do Parlamento brasileiro fui chamado de malfeito. Minha casa foi certa vez depredada por uma multidão enfurecida. E se não fôsse a bondade de um visinho, que me escondeu, teria sido linchado nessa ocasião. O povo, por ignorância e malícia, criava as maiores dificuldades para combater a epidemia crônica da febre amarela, que dizimava impunemente a população carioca. E os políticos, tendo partido da irritação popular, uniram-se a um grupinho de militares, sugestionados pela teoria positivista de uma salvadora ditadura, tramaram contra a ordem pública, havendo um lamentável tumulto fratricida."

— "Mas, caro mestre, isso não é de causar admiração. Sòmente nêsse país paradoxal, faz-se uma revolução contra as medidas de higiene do govêrno e se considera uma grave ofensa à liberdade, quando esta é arranhada por um estilete de vacina. E felizmente, para o honra das instituições republicanas, ocupava a presidência um homem da "época do fio de barba", que lhe deu todo apôio moral e material, permitindo concluir uma tarefa, que tanto honra a medicina brasileira."

O grande higienista ouviu-me com agrado e acrescentou:

— "Mas, meu amigo, olhemos para a frente. Esses erros do passado não se repetem mais. Considero que já evoluímos muito. A medicina fez progressos surpreendentes. Hoje temos as sulfas, a penicilina, e as estreptomicinas. Há um grande número de laboratórios bem aparelhados. E o adiantamento da Ciência Médica já determinou a sua divisão em especialidades.

O nosso país também progrediu muito. Tem um Ministério da Saúde e o govêrno gasta somas enormes com o saneamento. E o Brasil, resolvendo o problema da saúde com os esplêndidos recursos da medicina, ficará habilitado a resolver também, os problemas econômicos, sociais e políticos."

E eu, fazendo um gesto de incredulidade, repliquei curiosamente:

— "Caríssimo mestre, pego vênia para discordar do Brasil ter muito que se envaidecer do mundo e o brasileiro, uma dos agentes progresso do Egito. Eis porque somos a terra das boas intenções e dos péssimas realizações. Todos os nossos problemas estão não resolvidos, mas agravados, devido aos interêsses dos políticos. Não se faz previsão de coisa alguma e ninguém procura continuar uma tarefa iniciada. Em todos os setores da administração, tudo está por fazer. Na nossa terra, ninguém faz se preocupa com estatísticas. No parte de saúde, que lhe interessa, si estão se algarismos ou atrasado o nosso colossal atraso. Por exemplo, o coeficiente da natalidade brasileira é o mais elevado do mundo; mas, para contrabalançar essa vantagem, nunca estamos a bater o record mundial de mortalidade infantil. Por um país de 45 milhões de habitantes, o número anual de população deveria ser de 2 milhões, entretanto mal atinge 800 mil. Na Capital Federal, na popular Cidade Maravilhosa, a tuberculose mata, por ano, 13 pessoas para cada mil habitantes, ao que é um record americano. Só estão acima do Brasil, a China e a Índia... E convém lembrar e abandonar em que vivem as populações ratos que trazem quadros de miséria e de sofrimento pelos processos agrícolas mais atrasados, que datam do tempo do Brasil-Colonial, e que por falta de uma alimentação científica e sem assistência de espécie alguma, são criadores de doenças pelas doenças endêmicas, cuja lista é um desafio à operosidade e inteligência dos nossos dirigentes. Dizer-se, Dr. Osvaldo, que o movimento da região do rancil do Paraná foi interrompido pelos trabalhos do um cientista brasileiro e vendo o desolador panorama nacional em matéria de Saúde, temos que reconhecer que a improvidência, o desleixo e a falta de patriotismo são as leis que nos governam.

E para encobrir o fracasso de nossa administração e o nosso atestado de povo inculto e inchaçado, aplicamos a terapêutica do ufanismo, espalhando estrondosas mentiras patrióticas: temos o maior rio do mundo, nosso território é riquíssimo e ocupa metade da área da América Meridional, e o Rio de Janeiro é a cidade mais linda do universo.

O grande brasileiro, muito surpreendido, respondeu-me: — "Vou promover uma reunião com os meus inseparáveis amigos Fleming, Gorgas e Reed para estudar uma vasta campanha para sanear o Brasil."

Repliquei então com respeitosa incredulidade: — "A intenção é louvável, mas o esfôrço será inútil. Veja o que está sucedendo com o Prof. José de Castro. É um cirurgião talhado para ser um brilhante sanearista das suas realizações. Escrevera dois notáveis tratados sôbre alimentação que obtiveram enorme êxito nos círculos científicos do exterior. O nome do José de Castro foi citado diversas vezes na O. N. U., e, indo aos Estados Unidos, êste ilustre brasileiro manteve uma palestra de duas horas com o Presidente Truman e o atual Presidente Eisenhower, por sugestão de seus livros, declarou que um renovêmio da Rússia com as democracias, na base de uma alimentação racional, faria desaparecer mais da metade das preventivas antagônicas.

Aqui, no Brasil, apesar das referências elogiosas dos jornais e do nome de José de Castro orgulhar muitos brasileiros, os livros em questão não tiveram a menor procura aceitação. A administração não tomou nenhuma medida para debelar os males apontados e nem programou um plano científico de alimentação, que os livros apreciam pelo prisma racional e humano. E êsse ilustre cientista é mais uma vez que clama no deserto"...

— "Por Deus! Caro Murillo, não seja tão pessimista! Saúde e alimentação não são problemas insolúveis que entravem o progresso de u'a nação. Hoje a medicina tem mais recursos que no meu tempo."

— "Dr. Osvaldo Cruz. A verdade é sempre dura de se ouvir. O Brasil está muito doente. Padece de uma moléstia repulsiva que tem o nome de candidíssima. E os germens infecciosos dessa doença são os administradores mesquinhos, os mãos políticos e os participantes dos grupos econômicos que dominam o govêrno, prejudicando o progresso do país. E o Ser, como clínico moderní que é, compreenderá melhor que ninguém, que não podemos combater a desbonestidade administrativa, as vergonhosas acumulações dos políticos e o egoísmo dos capitalistas, uma geração superficial e materialista, com vacinas, injeções de penicilina, desinfecções e outros preventivos indicados pela Patologia. E em um país qualquer quando as almas estão gastas e doentes compete ao Senhor dos Mundos aplicar uma terapêutica regeneradora."

O ilustre higienista sorriu alegremente, levantando-se para sair. E como novíssimo com fôlo para doutrinar mais, explicou-me com bondade:

— "Meu amigo, já é tarde e os insetos também dormem."

Arrumou então os bolígrafos exemplar de um craveiro, que minha esposa pela com carinho, e entregou-o dizendo:

— "Aceite isso como lembrança de sua visita."

O grande cientista colocou o cravo na lapela, apertou-me a mão e murmurou fazendo um gesto de despedida:

— "Que Deus abençôe o Brasil!"

— "Assim seja!" repeti com emoção e fiquei no portão até desaparecer aquêle homem de bela cabeleira branca a que o luar dava um realce original.

Ten. Cel. **Murillo Teixeira Barros**
Do Centro Cultural "Euclides da Cunha"
13 de Junho de 1955
Ponta Grossa.

— ooo —

Tobias Barreto visto por José Veríssimo

Tobias Barreto de Menezes nasceu em Sergipe em 7 de junho de 1839, e a 20 do mesmo mês de junho de 1889 faleceu no Recife, em cuja Faculdade de direito se formara e onde principalmente exercera a sua atividade literária.

Não obstante o dispersivo, o incoerente e até, de algum modo, o extravagante dessa atividade, que não lhe permitiu deixar qualquer direção em que se exerce, mais que uma obra fragmentária e incongruente, certo é êle uma das figuras singulares das nossas letras. Tinha grande talento, memória acaso ainda mais grande, rara aptidão para línguas como para ciências, e decidida vocação para o estudo, era servida, era prejudicada, pelos seus entendos desencontrados de sofrego curioso e sabedor.

Orador nativo, amava a pompa dos grandes gestos e das grandes frases. Apesar a sua educação roceira e rudimentar aumentava e amortecia esta sua predileção pelo estilo oratório, que não raro chegava ao chulismo da expressão, em que o rús-

(Conclue na página 12)

- AMOR DE SELVAGEM -

O luar, do alto, bem alto, ainda à Taba derrama,
solenemente triste, a extrema-unção de um beijo!
Arde em meio da noite apenas uma tabaua,
que é fúnebre, é profunda, é dolorosa e energia.

Dos índios, uns na rôda, outro caído à terra,
tremem-se de um pavor, de uma medo que assombra!
Curvos, brancos no peito, olhos cêos a serva,
perscrutando Tupan, que se escondeu na sombra!...

Pequeninos, chorando, a buscar as mamãnhas
dos índios, pobres mães, de olhos esbugalhados,
tremem, se escondem, como as tiuídas rolinhas,
quando vêem no campo os sacrifícios malvados.

O Pajé, que mal pode ínu passos dar, parece
ter no peito apertado a emoção; ofegante,
ergue os braços ao céu, e, em voz baixa, mas prece,
para depois cair na relva, soluçante.

E aquela tribu forte, indomável guerreira,
que talvez a Anhangá lançam um desafio,
a tristeza prendera, tomou de tal maneira,
que... tanto! nem sequer ouve-se um murmúrio...

É o silêncio mortal do deserto, o mutismo
tremendo, avassalar, de uma aldeia invadida!
Só o Luar, do alto, bem alto, parece do romantismo,
sondá à Taba o seu beijo, e conta uma balada...

E que acaba, na relva, a flexa, a imbiba, a um canto,
jaz Cacambo, o rei bom, o guerreiro implacável...
Deixa-lhe à fronte o beijo sonso gelado, pranto,
e, embora! ainda sorri à morte invisível!...

Caribu, a favorita, a índia, mãe de seus filhos,
lembe-lhe os frios pés como um réptil, e chora
as guerras de outro tempo, as grandes proezas brilhos
daquele que ali jaz, exhaustando, agora...

Notando a Morte chegar, a do marido aos poucos,
vai arrastando, enfim, os últimos da Dita,
abre o peito amoroso, ao seio, aos braços, loucos,
turbando a santa paz do instante da Agonia...

Atira-se, violenta, no índio moribundo,
Larga-o, sai, desvairada a Taba inteira corre...
Enquanto desgraçada em o bosque profundo,
Cacambo os olhos cerra e, finalmente, morre!...

Procurem, logo após, a pobre da Caribu,
sendo fortes horrís, por entre a noite verde!
Caem vozes, ecos, à Serra, rio arrito,
gritos, uivos! "Caribu!" e o eco ao longe se perde!

Meses, anos talvez... Índios, um dia, à caça,
encontram, afinal (desfalque sem nome!)
do famoso Caribu apenas a carcassa!
Quiz morrer de saudade entre as garras da fome!...

BRITO MACHADO
(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

—DA IMPORTANCIA DE MEDIR—

ENO THEODORO WANKE
Eng. Civil
(Do Centro Cultural Euclides da Cunha, de Ponta Grossa)

I — A Gênese das Ciências

As Ciências nascem da medida. Pois Ciência é pesquiza de leis, e quem diz pesquiza, diz comparação, medida. Que é medir ? Medir uma grandeza é compará-la com outra grandeza conhecida da mesma espécie, convencionalmente considerada Unidade.

O próprio ato de pensar participa de perto da natureza da medição. Quando raciocinamos, comparamos dados desconhecidos com padrões pré-estabelecidos para depois chegarmos a uma conclusão.

Daí a importância da medida na existência do Pensamento.

Quando comecou o Homem a medir ? Por qual Ciência começou ? Pela Matemática, é claro. A "invenção da medida", ou seja a noção conciente de que uma cousa é maior que a outra, a distinção clara entre Unidade e Quantidade, naturalmente não maravilhou o peludo caçador, pois tinha mais que fazer e não compreendia o alcance da descoberta. O número 1, noção imediatamente posterior à de quiz-idade (pares de objeto, por exemplo), foi o primeiro tijolo do edifício matemático. Depois é que veio a noção mais complexa de zero. A de infinito já é incomparàvelmente mais moderna.

Lentamente, os números foram surgindo. A primeira representação numérica : Os dedos humanos. Instintivamente, a quantidade de objetos a contar eram comparados com a quantidade de dedos correspondentes.

Milhares de anos passaram. O homem evoluiu, sempre medindo. Novas necessidades criavam novos meios de medida.

A Geometria teve impulso quando houve a necessidade, anualmente renovada, de se demarcarem novamente os lotes que o Nilo fertilizava para os agricultores egípcios, destruindo os marcos do ano anterior.

A Astrologia dos antigos babilônios surgiu da necessidade que o homem teve de se orientar no deserto. E se transformou na Astronomia moderna porque, olhando para o Céu, os astrólogos descobriram os movimentos dos estrelas e os mediram, procurando explicações.

É claro que a Aritmética (Os números, as propriedades a êles pertinentes, como soma, multiplicação, etc.) se desenvolveu quando começou o regime de trocas, de divisão do trabalho. E quando apareceu a Moedade (Unidade do valor das coisas, de aceitação universal, como boi, ouro, prata, cigarros — na última guerra), essas propriedades tiveram um avanço só superado quando os árabes introduziram o "valor de posição" na escrita numérica. Foi então que nasceu a Álgebra, a quem devemos todo o progresso mecânico dos últimos tempos.

E a Física ? Era um amontoado algo confuso de afirmações e especulações filosóficas antes que Galileu tivesse a idéia tão simples de olhar para a realidade e medi-la. Será que Newton, que era um filósofo e gostava de especular com a Lógica, teria tido idéia tão simples ?

A Química também só conseguiu ser Ciência depois que Dalton sistematizou, pôs uma ordem no caos, de fenômenos reais, misticismos e charlatanismos que a Alquimia juntára depois da secular procura da Pedra Filosofal.

E por que é que a Sociologia e a Moral não podem, a rigor, ser consideradas Ciências (Apesar de assim classificadas por Comte ? Porque não se conseguiram instrumentos suficientemente precisos para medição dos complexíssimos fenômenos sociais e morais.

II — Medindo o Universo

Resulta do exposto um corolário : Se a técnica tanto progrida nestes últimos tempos, é porque cada vez medimos mais. Estamos vivendo num mundo onde tudo é medida : Medimos quantidade de gazolina que gasta o carro por quilômetro, comparecimento ao estádio de futebol pela renda bruta, prejuizos causados por um cataclisma, calorias diárias que deve consumir um gordo candidato ao emagrecimento, medimos idade, altura da pessoa humana, e nos preocupamos quando o nosso filho não se desenvolve de acôrdo com a tabela de pesos e idades, dividimos livros e páginas, numeramos episódios, edições e imagens, o aproveitamento do aluno por meio de notas periódicamente atribuidas a exames realizados, tudo é medida, tudo só tem uma significação depois de medido.

E a maior angústia humana, sem dúvida, é a impossibilidade de não poderem nossos meios de medida abrangerem o Infinito. Que não daria o Homem para medir a Idade, a Massa, e o Espaço Universal ?

E, diga-se a verdade, nunca progredimos tanto neste sentido como durante o último meio século. Vale a pena nos determos um pouco neste ponto. Verdadeiramente simples é o "relógio" representado pelo Urânio para a medida da Idade do Universo. Os materiais radioativos, como sabemos, são "suicidas". Seus átomos (um aqui, outro ali) vão paulatinamente deixando "escapar" eletrons da coiota externa, transformando-se consequentemente em outro elemento. O Urânio, por exemplo, transforma-se em Chumbo. E êsse "suicídio" obedece a uma curiosa lei : Em determinado tempo **t** (variável de material para material), a metade da substância se transforma. Transcorrido novamente **t**, é ¼ da massa primitiva que resta. E assim por diante. Generalizando : A um tempo **nt** corresponde uma massa ½**n** do material radiativo.

Para o Rádio, t igual 1.600 anos. Para o Urânio, t igual 4.500 milhões de anos (45 seguidos de 8 zeros). Agora, é fácil deduzir como o Urânio serve como Relógio do Universo. E só pesquisar nas jazidas desde tempo a quantidade de Chumbo existente, e depois armas uma simples regra-de-três : 4.500 está para ½ assim como **x** está para a razão Chumbo Urânio encontrada.

Para Fritz Kahn, x é 3.500 milhões de anos. Esta seria a idade da Terra. Lincoln Barnett dá 5.000 milhões de anos para a idade do Universo. Gamow já admitia que esta idade poderia ir de 1,6 a 10 milhões de anos. Sempre já dá para fixar idéias.

Eis ai a surpreendente conclusão da Era atômica.

Quanto ao Volume, ao Espaço ocupado pelo Universo, nada temos assim tão preciso. Os sábios vivem atiraidados no meio de teorias e suposições. Há indícios pronunciados (Como o efeito Dopler — "desvio para o vermelho" — mostrado pelo espectroscópio para as galáxias mais distantes) que o Universo se expande como uma bolha de sabão, com tremenda velocidade, igual ou pouco inferior à da luz. A coisa se passa como se tudo fôsse resultado de uma tremenda explosão. As partículas que adquiriram maior velocidade estão na periferia. Os mais moderno telescópios (Palomar) alcançam ver coisas até a distâncias superiores a 2 mil milhões de anos-luz. Calcula-se atualmente a existência de um bilhão de ... estrelas ? Qual : **Um bilhão de galáxias !** (Galáxias, semelhantes (maiores ou menores) à nossa Via Láctea, onde o Sol com todo seu magestoso séquito não passa de um grãozinho de poeira.

Podemos por enquanto admitir (Barnett) que o Universo, como resultado da explosão, ultrapassa o bilhão de anos, no mínimo, mas não mais que 5 mil milhões de anos-luz, porque, como já vimos, o "início" deve ter se dado há 5 mil milhões de anos. Desde então, as galáxias mais remotas percorrem o espaço à velocidade não superior à da luz, pois esta, segundo a Teoria da Relatividade, é a maior possível.

Por outro lado, a teoria da Relatividade no apresenta uma solução para o problema. Na época em que foi formulada a Teoria Geral (1915) ainda não era bem conhecido o fenômeno da "expansão" citado Einstein, como se sabe, admitia o Universo como um contínuo espaço-tempo (quatridimensional, portanto). Ora, todo corpo celeste "cria" em tôrno de si um campo, ou seja, "distorce" um pouco o contínuo. Um raio de luz, por exemplo, que passe perto de um astro é "atraido" por êste, ou seja, segue as linhas de campo criadas pelo astro (ou conjunto de astros).

Isso conduz, em consequência, a uma "curvatura geral do contínuo espaço-tempo". Ou seja : O Universo é finito e esférico, e sua curvatura só depende da densidade da massa Universal. Tal densidade foi calculada por Hubble, do observatório Monte Wilson, e revelou para o raio do Universo um valor aproximado de 35 mil milhões de anos-luz. Um raio de luz voltará ao ponto de partida 200 mil milhões de anos depois, após descrever um imenso círculo cósmico neste grande contínuo espaço-tempo que é o nosso Universo.

E quem nos diz que o nosso Universo é o único existente ? Quem nos poderá afirmar, com segurança, que êle não constitui simplesmente uma molécula de algum super-Universo ...? E antes da Explosão, que terá sucedido ?

Iríamos longe, por êste caminho. O melhor é parar por aqui, senão acabamos como Omar Khayyam :

— E de onde viemos nós ? Vamos para onde ?...
Oh, quem pode dizer ?... Meu corpo, recinde
com teu licor divino essas perguntas impertinentes, que ninguém responde !

III — As limitações da medida

Mas a mais importante conquista da Ciência atual, a meu ver, é que começam a aparecer os limites da possibilidade de medir.

É claro, a impossibilidade física da medida exata já era conhecida há muito tempo. Decorre da imperfeição de nossos sentidos, dos instrumentos de medida, e da própria grandeza a medir. Quando se mede um comprimento, por exemplo, sempre há um limite (milímetros, décimos de milímetros, etc.) para a precisão dos resultados. Intervêm as imperfeições de gravação dos traços na régua, a grossura dêstes, o ângulo visual em que se coloca o observador, as irregularidades dos bordos do objeto medido, as condições atmosféricas (Temperatura, Gráu higrométrico, etc.), enfim um sem-número de fatores impossíveis de corrigir completamente.

Mas era um êrro controlável. Restava sempre o recurso de aumentar a precisão da medida por intermédio de precauções especiais, de aperfeiçoamento nos meios de medida, e do expedinte de repetir dezenas, centenas de vezes, a mesma medida, usando mais de um observador, e aplicando aos resultados o notável instrumento matemático da estatística, para se chegar a resultados mais que satisfatórios. Pódia-se, com absoluta segurança, afirmar : Este corpo mede no máximo x e no mínimo y unidades. Mais : No intervalo y-x (êrro), há tal probabilidade de que a medida seja tanta. E assim por diante.

Para os felizes cientistas do século passado, tudo ia maravilhosamente bem, num mundo formado exclusivamente de pressões, tensões oscilações e ondas, tudo mensurável, tudo no seu lugar, tudo redutível a um modêlo mecânico ! A Física poderia reproduzir, explicar qualquer fenômeno, bastando para isto apenas paciência, pesquisa e progresso da técnica. A Ciência era uma Salomé dançando os Sete Véus para os homens. A cada véu que caía, a nudez da Verdade melhor se revelava aos olhos dos cientistas maravilhados. Nem Deus tinha mais lugar no mundo. O Positivismo era Filosofia e era Religião.

E foi então que "algumas coisinhas" começaram ma fugir do tão bem projetado modêlo. Coisinhas onde as explicações se tornavam complexas, se perdiam, calavam. Michelson e Morley, não conseguindo determinar a velocidade absoluta da Terra em relação ao éter por meio da célebre experiência física, foram um golpe estonteante na confiança dos mecanicistas. A rediquitividade era francamente inexplicável.

E em 1905, um moço de 26 anos, chamado Einstein, deu o goupe de misericórdia na segurança com que os físicos entravam a medida dos fenômenos. A Teoria da Relatividade estabelece definitivamente, que não podemos medir (tempo, espaço, massa) em números absolutos.

A medida depende, e afetada, pelo estado de movimento do corpo.

Que golpe para o orgulho do homem! Como o sêr humano ticou insignificante depois desta descoberta ! A maior glória nossa era justamente a nossa incessante ascensão no sentido da Divindade. Iamos, por intermédio da Ciência, aproximando-nos, cada vez mais, dos deuses olímpicos. Não fôramos então feitos à imagem e semelhança de Deus ? Agora, sabemos que nunca mais poderemos afirmar em caráter definitivo : "Isto mede tanto". Qualquer mudança imprevista no estado de movimento de nossa Via Láctea, do nosso Sol ,ou mesmo de nosso mísero planeta traria modificações tão profundas à nossa Física que (Na remota hipótese de escaparmos ao cataclisma) teríamos de começar tudo de novo !

Tobias Barreto visto por José Verissimo

(Conclusão da página 12)

ico transparecia sob o letrado. Fazendo filosofia, crítica, sociologia e ainda poesia, frequentemente se lhe revela êste vício de origem ou temperamento.

É justamente o contrário do **honnête homme** consoante La Rochefoucauld. A sua fama, um pouco facticia, a deveu mais às suas brigas e polêmicas, por via de regra desconsiderantes, ao seu prego temerário de discípulos, que propriamente à sua obra, de fato muito pouco lida. Como filósofo que presumiu ser ou pretenderam fê-lo, como crítico, como sociólogo, foi sobretudo um negador de nomes existentes da nossa intelectualidade, um contentor sistemático da cultura francesa e portuguesa e um pregoeiro e vulgarizador da cultura alemã. Tinha ao menos a desculpa de que sabia perfeitamente o alemão, — a puerilmente se desvanecia de o haver aprendido consigo mesmo, — o que não aconteceu talvez a nenhum outro dos seus discípulos, presunçosos germanistas. Como jurista, nada mais fez que recomendar, com o descomedimento que é um dos traços do seu temperamento literário, as novas idéias jurídicas alemãs, contrapondo-as baixamente às idéias clássicas aqui vigentes.

Se o pensador e o jurista em Tobias Barreto tem à cultura germânica, tratada, embora por êle mais lírica que objetivamente, o seu temperamento estético, em música e em poesia, revê demais o mestiço luso-africano.

Como poeta, é simultaneamente um sentimental, um orador sem algo da profunda ingenuidade da poesia alemã. Em música, não obstante a sua, ao que parece, grande ciência desta arte, confessa êle próprio que não compreendia senão a italiana. Não é incontestável que fôsse o introdutor do hugoismo na nossa poesia. Tal invento, aliás, não bastaria para afamá-lo. De parte a sua inspiração política, social, objetiva em suma, a poesia de Hugo influiu aqui, ainda nos seus melhores discípulos, muito mais pelos seus aspectos exteriores e pelo defeito da sua feição oratória, que pelo profundo lirismo íntimo e alto sentimento poético que acaso a sobreleva entre tôda a poesia do século.

Muito menor foi o renome e a influência de Tobias Barreto como poeta do que como pensador. Eclipsou-lhos Castro Alves, seu feliz émulo no condoreirismo e seu triunfante rival em tôda a poesia. O lirismo de Tobias Barreto, no que tem de melhor, é em suma da mesma espécie do comum lirismo brasileiro, amoroso ou ansioso namorado, sensual, dolente, abundante em voluptuosidades ardentes e queixumes melancólicos. Se alguma coisa o distingue é, de um lado, o tom oratório, ainda épico, em que oscila entre as extravagâncias dos **Voluntários pernambucanos** e quejandos poemas e os belos rasgos do **Genio da Humanidade**; de outro, a nota popular simples, vulgar, mesmo trivial, que às vezes lhe dá a cantiga um sainete particular e, ocasionalmente, encantador. Mas dessa nota abusa, bem como barateia e vulgariza o estro em glosar notas, à moda dos poetas seiscentistas e arcádicos, e em celebrar com muita facilidade de admiração e trivialidade de emoção a quanto cabotino ou cabotina acertava de passar pelo Recife.

(Páginas 274 a 276 de "História da Literatura Brasileira", Rio, 1.954).

— CONVIVÊNCIA —

Daily Luiz Wambier

O nosso companheiro Daily Luiz Wambier, por ocasião da posse da nova Diretoria do Clube Pontagrossense, proferiu a seguinte oração, em nome dos seus colegas:

"É conceito que não comporta mais controvérsia, a afirmativa do filósofo de que "o homem nasceu para conviver e não para viver". Simplesmente vivendo, o homem se limita a existir. É mero algarismo das estatísticas demográficas. Um pêso morto em face da Pátria, em relação à Sociedade e no que tange à Família.

Quem apenas existe não é útil a ninguém. O contrário ocorre com os que procuram e sabem conviver.

Geralmente, os que não convivem têm o seu comportamento delineado ao sabor das suas mãs inclinações e sob o domínio das suas paixões inferiores. Essas inclinações e essas paixões, de quem se limita a existir e não é útil a ninguém, são o fermento que faz crescer o egoísmo, que todos nós trazemos desde o berço, quando reclamávamos de nossos pais todas as atenções, todos os cuidados e todos os carinhos, como exclusivistas prepotentes.

A busca da convivência vem de longos anos. Da aurora do Mundo. O nosso ancestral, que se abrigava nas cavernas, depois de procurar a companheira para cumprirem a sua destinação terrena, logo tratou de buscar outros sêres, para com êles estabelecer a convivência, isto é, criar o meio pelo qual cada criatura, estancando um pouco do seu egoísmo, possa tornar-se útil aos demais. É esta convivência mais se assinalava quando o troglodita se defrontava com crises graves para a sua existência.

Como ainda hoje acontece, o indivíduo se planta no egocentrismo que lhe é inato, quando vê a sua vida escorrer, suavemente, em leito macio e livre dos percalços que o forçam a apelar para a convivência.

Um defeito, por conseguinte, que o homem carrega há milênios, sem que a poeira dos séculos haja podido encobrir.

É de se crer que o Inferno está cheio de egoístas, eis que se trata de gravíssimo pecado ,da fonte maldita de onde deflui, as catadupas, tôda a lodosa torrente de maldades, — essas sombras escuras a que os agrupamentos humanos estão sujeitos, — que pontilham de negro a história da humanidade.

Forjando um sistema de vida perfeito, o homem fixou a seguinte trajetória para si mesmo. Saído do seio materno, onde o indivíduo implantou uma ditadura pessoal, vai à escola primária, para seu primeiro ensaio de convivência. Dali em diante tudo nos sugere convivência, tudo constitui um convite à companhia dos nossos semelhantes, tudo nos força e nos conduz a buscar contacto com os outros. O mau sentimento de egoísmo, com o qual se nos abrimos os olhos para a vida, foi comprimido, mas não extirpado. Foi reprimido, mas não extinto. Às vêzes êle explode em ruindades, ao primeiro descuido nosso, no ensêjo primeiro que se lhe apresenta. Outras vêzes permite que a bondade alfa, espiritualidade de renúncia e compreensão, para as grandes e insopitáveis realizações humanas, para os magníficos empreendimentos de interêsse de todos, para os nobres cometimentos de benefícios gerais. E quando o desprendimento se casa com o espírito de sacrifício e transforma o homem num sêr que pôde transpôr os limites da vulgaridade para se aproximar do seu Criador.

Daí, pois, essa exigência imperiosa, que chama e conduz o indivíduo à convivência cada vez mais acentuada. Daí as sociedades de todos os tipos, para que se ponha em contacto com outras criaturas e se convença de que a verdadeira vida, afinal de contas, é conviver e não viver. Pois é da convivência que brotam as realizações de interêsse geral. É da convivência que provêm as eficazes decessidades ao bem comum. É da convivência que derivam os cometimentos úteis a todos, afirmando o dever ou a necessidade de o indivíduo não se isolar nem viver individualmente, desprutindo, assim, a principal razão de sua jornada terrena.

Santo Agostinho, com essa precisão que apenas os eleitos possuem, já afirmava: "se os egoístas compreendessem as vantagens que tem o ser homem de bem, seriam homens de bem por egoísmo". Pois nenhum indivíduo pode reivindicar para si o título de homem de bem, ou melhor, de criatura útil aos seus semelhantes, se não se preocupar em reprimir as manifestações deletérias do seu egoísmo.

O Clube Pontagrossense, que é uma dessas magníficas afirmações de crença, de fé e de esperança no trabalho executado pelos homens animados do propósito de ser útein, está varando essa fase delicada de sua longa caminhada. Sem sede própria, onde agrupar as pessoas para conviver mais intimamente, está a sociedade, neste instante, formulando caloroso apêlo, no sentido de que se faça sentir, entre nós, a solidariedade de que todos carecemos para empreendimentos dessa natureza.

Solidariedade compreensiva e confortadora, como que varando essa que o estado preclaro patrício e prezado amigo, Dr. João Vargas de Oliveira, ilustre Secretário da Agricultura, acaba de empresta ao nosso jovem e esperançoso Presidente, Dr. Orlando Justus, dizendo que está pronto a dar todo o amparo moral e material, de que o velho Clube de sua e de nossa terra carece, para construir a sua nova sede social.

As dificuldades que nos defrontam são grandes. Não as escondemos. Como não ocultamos a enorme responsabilidade que estamos assumindo.

Teodomiro Santiago ensinava que "as dificuldades existem para se nos vencê-las", transformando-as em realidades de interêsse comum. O ensinamento nos serve. Será o nosso roteiro. A bússola a guiar as nossas ações. A crise será vencida, por certo. Crise aleia, porque não está circunscrita às combalidas finanças do Clube, considerando-se o que precisa e deve realizar, Essa crise é, igualmente, de solidariedade social. De compreensão. De convivência. Crise aléria, como dissemos. Parodiando Santiago, diríamos que as crises nascem para que o homem as supere e derrote com a sua disposição de trabalho e com a sua imensa capacidade de pelejar e sentir.

Por isso, começamos pedindo. Com empenho, com insistência, com vigor e com veemência. Pedimos um crédito de confiança aos associados. Pedimos cooperação indistinta. Pedimos auxílio e ajuda de todos. Só não pedimos socorro, nem o pediremos, como náufragos que se perdessem entre as ondas bravias do oceano encapelado e raivoso. Porque a tal extremo Ponta Grossa não permitirá que cheguemos, nesta luta, que principia agora, de darmos uma sede para o Clube Pontagrossense, uma sede que não será nossa, mas da cidade e do seu povo.

A diretoria que terminou o mandato, com exclusão do nome do obscuro de quem vos fala em nome da Diretoria que começa outro mandato, realizou muita coisa. Pagou dívidas. Regularizou vários assuntos de monta.E fez o principal : Jogou por terra o tabú pertinente ao velho edifício, que não mais servia aos fins para os quais fôra construído. Destruindo o antigo casarão, essa diretoria construiu a estaca zero da nova sede. A ela, na pessoa de Arthur Nadal, Ildefonso Imthon, Enio Doná e outros, as nossas homenagens.

Permití, agora, que vos fale na primeira pessoa gramatical :

Orlando Arthur Justus, novo Presidente do Clube, é um legítimo valor da nova geração pontagrossense. Sua excessiva modéstia esconde uma firmeza de propósitos incomum. Tem capacidade realizadora. Constranjo-o com estas palavras, mas isso não me importa. Conheço-o de longo tempo. Conheci-o bem quando trabalhávamos juntos na Faculdade de Filosofia de nossa cidade, sob as ordens do imenso e insubstituível Joaquim de Paula Xavier. E sendo Orlando Arthur Justus uma robusta esperança, justo é que lhe não neguemos apôio, amparo e solidariedade. O que Arthur Nadal começou Orlando Arthur há-de concluir, se Deus quiser, desde que lhe sejam deferidos os elementos de que precisa".

— La historia y el espiritu de los vascos —

(Conclusão da página 8)

donado a su destino de sombras o a la ambición de otros pueblos de la tierra.

Los primeros movimientos democráticos que tuvieron por fin alcanzar leyes liberales ? justas nacieron de principios políticos que se llamaron "comuneros". Nada tenían que ver con los antiguos rebeldes derrotados en Villalar. Tampoco entran en este cuadro los comuneros de la actual Colombia. Hablamos de los comuneros del Paraguay, cuya monumental historia estamos escribiendo poco a poco. Sus ideas populistas tienen lejanos arranques de Santo Tomás y el más puro espíritu de Vitoria y de Fray Martín de Apilcueta, otro vasco. La doctrina comunera es la misma que imperó en Buenos Aires cuando hubo que resolver el futuro de América en Mayo de 1810. El sistema de las Juntas, que en España resolvió el problema de la acefalía real, era un sistema vasco : el mismo de las Juntas de Guernica. Un vasco, Martín de Alzaga, fué el primero que lo adoptó en el Río de la Plata e hizo crear la primera Junta de estas regiones, en Montevideo, el 21 de septiembre de 1808, y estuvo a punto de crear otra Junta en Buenos Aires el primero de enero de 1809. Alzaga se había propuesto, según refiere, entre otros, Cornelio Saavedra, desmembrar esta parte de América — el virreinato del Río de la Plata — de la corona de España. Debía hacerse un Congreso con delegados de todos los Cabildos del interior y en este Congreso se decidiría qué rumbos tomaría el pueblo soberano. Dos años después, el 18 de mayo de 1810, el virrey Cisneros puso en práctica las ideas del partido de Alzaga llamando a Cabildo abierto y convocando a los delegados, conforme había propuesto e intentado hacer Alzaga dos años antes. Moreno, íntimo amigo de Alzaga, escribió bellas páginas sobre el Congreso y convocatoria. El Congreso terminó en Asamblea que, en 1813, preparó la verdadera independencia de la Argentina, y se hizo, más tarde, Congreso de Tucumán. La raíz vasca de estos hechos no puede negarse. Es una corriente historica e ideológica indiscutible que explica los orígenes de instituciones y resoluciones con una claridad y unas pruebas que, en otros tiempos, no se concebían.

La historia de los vascos en América, como ayer y como hoy, merece estudios cada vez más hondos y reserva riquezas espirituales extraordinarias.

" DEIXA DISSO, HOMEM " —

OTTOKAR HANNS
(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

Estávamos todos contando vantagens no bar, enquanto esperávamos o penúltimo chopp. Éramos em cinco, cada qual mais sedento e mentiroso que o outro.

A certa altura dos debates (os quais passavam por perto pensariam que estávamos decidindo os destinos da nação), um de nós levantou a questão de ordem de que a paz era o supremo da existência humana. Achava êle que as brigas (internacionais ou questiúnculas) deviam ser resolvidas com a calma possível, com a máxima diplomacia, e intervindo sempre com palavras de harmonia, quando dois ou mais estivessem empenhados em impôr a socos suas opiniões.

"A Diplomacia é tudo" — disse êle, e sorriu todo satisfeito de sua resplendente filosofia, cliente de que fôra inteiramente acatada pelos demais.

Mas a tese foi rejeitada por um dos presentes, o Antonio dos Prazeres (nome complexo para um desiludido da felicidade humana) que, tomando da palavra, fez a seguinte alocução :

— "Meu caro amigo, você vai me desculpar o aparte, mas eu sou forçado a divergir de sua opinião. Se vocês quiserem ter a paciência búdica de me ouvir, contarei as origens dessa minha afirmativa. . . "

Está muito claro que aceitámos, uma porque êle é um ótimo conversador (como pescador não existe outro igual), e outra porque o homem do bar veio avisar, há pouco, de que havia faltado gás na bomba de choppe, e que nós, intransigentes tomadores de chopp de colarinho, teríamos de esperar um bocado pela loira e cativante companheira.

E Antonio continuou a explanar seu ponto de vista :

"Antigamente, quando tudo ainda era rosa em minha mente, não quando eu não tinha preocupações de espécie nenhuma, nem de ordem financeira nem moral, quando eu já possuia a leve e prematura descofiança de que essa história de cegonha, conto da carochinha, eu ainda acreditava em paz e em harmonia. Era de se ver e admirar a minha cara despreocupada, cheia de animação e de convicção.

Até que um dia . . . nem é bom contar ! Mas, pela cara crença de vocês todos, creio que estão interessados em saber como foi que perdi a convicção do pacifismo.

Certo dia (oh, como dói a lembrança de maus momentos), eu passava por uma rua, quando vi um homem surrando u'a mulher. Ela revidava, mas era fraca demais para sustentar luta com um homem desproporcionado. Aquilo era demais para um homem da minha compleição mental.

Separei-os com bons modos, exortando-os a que resolvessem a questão com harmonia; assim, não haveria ferimentos e a questiúncula seria resolvida da mesma forma.

Pensam vocês que êles me atenderam ? Qué nada ! Os dois, marido e mulher, ficaram bem repentinamente, e se viraram contra mim. Puxa, como apanhei aquêle dia. É horrível lembrar.

Fui arranhado, socado, pisoteado, enfim, queriam me transformar numa pangaréa humana.

A muito custo consegui fugir daquelas duas fúrias. Apanhei como cachorro vadio, mas consegui que os dois fizessem as pazes. Eis aí por que acredito que nada se consegue com paz e harmonia : isso porque as brigas também resolvem a situação.

Eu era um ferrenho adepto da turma do "deixa-disso", mas mudei radicalmente. Agora digo como aquêle filósofo-beberrão que encontrei certa vez em São Paulo : "Êles são brancos, que se lasquem".

Eis, portanto, a minha filosofia. Não fazço questão que vocês a sigam. Apenas quis explanê-la para vocês, e mais nada.

Desculpem-me agora, se os deixo a sós com o chopp, que por sinal ainda não veio. Vou-me embora para não discutir com o homem do bar. Não sou de briga. Prefiro ir dormir sossegado a ter que levar uns socos na fachada. Uma experiência na vida chega para esclarecer o homem e a lhe mostrar o caminho a seguir. Até a vista."

E lá se foi o Antonio dos Prazeres, curvado pelo pêso de sua angústia interior de homem desiludido da vida.

Pouco depois, chegou o dono do bar, com as "bolas" de chopp. Indagou do Antonio. Nós lhe contamos a história. O homem riu gostosamente, dizendo : "Quê nada, isso tudo aí é história. O fato é que êle apanhou a tal surra porque andava arrastando a asa para a tal mulher, e o marido, que é ciumento como quê, desconfiou da coisa, e começou a surrar a mulher em plena rua sem antes perguntar se ela estava incriminada. Antonio interveio, na suposição de que, salvando a mulher das garras do marido, conseguiria dela as boas graças que pretendia. Mas ambos perceberam a artimanha, e se uniram contra o inimigo comum. E tem mais uma : Antonio saiu ligeirinho daqui porque viu que eu me preparava para vir até aqui; pensou que eu lhe vinha cobrar a conta da pinga que tomou ontem . . . "

Depois de dizer tudo isso, o homem do bar foi atender a outros fregueses, que também esperavam como nós, as suas atenções. Ficamos a matutar no assunto, e vimos claramente que tôda a história é uma faca de dois gumes; nunca se sabe qual o lado que está mais afiado. Afinal, cansados de tanta filosofia barata, enfiamos as caras chopp a dentro. Isso sim é que era filosofia batuta, digna de todos os nossos encômios.

E, quando encerrámos a sessão, foi com um arrepio que constatámos o quanto a filosofia choppiana nos havia alentado: oscilávamos a valer, como navios jogando em mar aberto.

Isso sim é que era filosofia . . . e o resto é história ! . . .

TRADUÇÕES PORTUGUESAS

Por **FLAVIO GUIMARÃES** (Ex-Senador da República)

O eminente Senador Marcondes Filho, quando regressara da Europa, solicitou-me a atenção para a incumbência que lhe dera um dos nossos Conselheiros diplomáticos em Lisboa para que fossem excluídos com urgência, do regime de licença prévia, as obras traduzidas por escritores portugueses, em Portugal.

Estavam excluídas do regime da licença prévia: mapas, livros, jornais, revistas e publicações similares que tratem de matéria técnica, científica, religiosa, didática ,literária, redigidas em língua estrangeira. Assim como obras impressas em Portugal, em português, quando de autores lusos ou brasileiros. Assim, por êsse dispositivo, ficavam subordinadas à licença prévia de importação, as traduções de obras estrangeiras impressas em Portugal.

Escutei atentamente a exposição do Senador Marcondes Filho, muito clara e muito justa, e expus o problema aos companheiros na Comissão de Educação e Cultura do Senado Federal.

Lembrei à douta e brilhante Comissão que, por acaso conheci o Professor Leite de Castro, que me fôra apresentado pelo meu eminente amigo Presidente Artur Bernardes, quando eu falava ao grande Presidente a respeito de uma conferência que houvera lido de Lamartine em que o escritor francês declarava o seu encanto na leitura da Bíblia, como sendo a melhor e mais profunda literatura humana.

Octogenário, maravilhosamente lúcido, Leite de Castro prontificou-se a dar-me noções de Bíblia, por êle perlustrada há mais de quarenta anos. Comparecia aos sábados e escutava a profundeza de conceitos que derramava na literatura de vários trechos do livro sagrado.

Faça-me alguma pergunta, declarou o velho eruguendo no ar a pequenina e trêmula mão.

Perguntei-lhe : — Que é que há na Bíblia com relação à ciência da nutrologia que sòmente tomou maior impulso de 1920 para cá, com a descoberta das vitaminas ?

Abriu tranquilamente a Bíblia e mostrou-me o seguinte:... "os alimentos devem ser comidos crus".

As melhores traduções da Bíblia eram de escritores portugueses. E as de Cândido de Figueiredo, de Maeterlink, A Vida das Abelhas, A Vida das Formigas através de irrepresnível vernáculo e as de Chateaubriand, traduzidas por Camilo Castelo Branco. E a sedutora tradução de Eça de Queiroz ? E as de Moliere, de Shakespeare, traduzidas por Castilho.

As obras de Flaubert, irrepreensíveis, traduzidas por João Barreira; as de Zola feitas por Barros Lobo. E as modernas subscritas por Aquilino Ribeiro, Jaime Cortezão, Vitorino Nemésio, Adolfo Casais Monteiro, João Gaspar Simões.

E declarei ainda que, além de impedir o acesso ao público brasileiro dessas traduções primorosas, aquele dispositivo veda o contacto com as traduções de obras contemporâneas, cujos direitos de tradução para a língua portuguesa são exclusivamente a editores lusos. É o caso do livro A Vigésima Quinta Hora, por exemplo, cujos direitos pertencem exclusivamente a livrarias portuguesas.

Tradução cuidadosa feita por Vitorino Nemésio não pode ingressar no Brasil pela dependência da licença prévia, que o Banco do Brasil não concede.

E terminei a minha justificativa : Mais ainda : as traduções de obras estrangeiras impressas no Brasil (com direitos para a língua portuguesa cedidos exclusivamente a editores brasileiros) circulam livremente em Portugal e representam fator material importante no respetivo comércio do livro.

E apresentei o projeto de lei número 35, que modifica o artigo 3.º da Lei 842 de 4 de Outubro de 1949, do seguinte e inteiro teor :

Artigo primeiro. Inclua-se na letra d do artigo terceiro da lei 842 de 4 de Outubro de 1949 o seguinte... ou obras traduzidas por escritores portugueses em Portugal.

O meu projeto foi apresentado em 26 de Agôsto de 1952, com parecer favorável, unânime da Comissão de Justiça. Acontece que o Senador Ferreira de Souza apresentou substitutivo que destruiu a limpidez, o objetivo primordial da proposição que visava a que as grandes traduções portuguesas não ficassem à margem da cultura do Brasil tipicamente, arraigadamente luso-brasileira. E ficou a dormir na penumbra de qualquer Comissão sem maior interêsse pelo patriótico projeto, que é a ligação cada vez mais viva entre o Brasil e Portugal.

OOO

APONTAMENTO PARA UMA VISÃO DO ALENTEJO

Nos versos de Florbela

Poema de **Mário Mota**

À distinta camaradagem literária de Almeida Fischer, grande prosador brasileiro; e ao Poeta Hernani de Lencastre autor dos **"Jardins Suspensos"**

Venho falar-te do meu Alentejo
— essa planície imensa
e diferente
na qual deixo o meu olhar
a viver com a sua gente !
Falo-te de longe da charneca
e da campina sempre bela,
mas tenho
bem junto a mim
versos lindos de Florbela.

Só isso me bastaria
para ludir os meus olhos :
A Charneca é sempre linda
mesmo longe dos nossos olhos...

Vejo agora
carros e no montado ao longe
lá no fim, ao longe,
O casario branco, caiado de novo
e pela estrada, andando,
cada badanal com a sua manta.
Perto, uma nora chiando.

É assim o Alentejo, êsse Alentejo
do meu sentir saudoso...

Caminhos sem fim,
lendas que eu sinto,
sonhos que eu sinto...

E a terra é imensa
por ali e por além...

Só sonha quem pensa
e na planície extensa
não se vê ninguém.

(Inédito)

Guilherme Martins Adegas

OOOO

AQUARELA

O sol dardeja chapadas de fogo, quando ela passa. É Julho ardente, e na brisa e no ar anda um efluvio de bálsamos divinos, pairando.

Bate-lhe o sol em cheio, sôbre o vestido de sêda azul, dum azul-claro, que a cobre e que lhe dá às formas um relêvo perfumado e apetitoso. Saltitantes, os seus seios opulentos, que têm maciezas de setim, parece que querem saltar fora, voar, como duas rôlas meigas.

Sob as frondes das tílias em flôr, há bailados amorosos de abelhas, que zumbem, que zumbem, idílios musicais de abelhas doiradas, que beijam e sorvem os pólens, enquanto no ar se derrama uma deliciosa sinfonia de perfumes que embriagam estranhamente.

E ela passa sorrindo, feliz, tão jovem e tão linda, pequenina, roliça, mulher-menina que é um botão de carne, miudinha e fre como uma pena, apetitosa como um beijo, como os beijos da sua bôca, que devem ser doces, da sua bôca que parece um grande açafate de cravos côr de sangue quente, a arder, explodindo em rubis...

Fico a olhá-la, no bulício da rua — e os meus olhos gulosos pàrecem dois faunos que desejassem mordê-la.

Perde-se na multidão, ondulante, miudinha, apetitosa, provocante no seu andar gelatinoso de fêmea virgem.

No ar, continuam os idílios das abelhas, que namoram e beijam as flores, num enleio voluptuoso, zumbindo — e o seu zumbido lento e leve assemelha-se a um som de frauta, distante...

A. Garibaldi

MIGALHAS DE LITERATURA PORTUGUESA

A literatura portuguesa começou com o alvorecer da nova nacionalidade.

Já D. Afonso Henriques, empenhado nas conquistas aos moiros, para alargamento do condado que herdara de seu pai, tinha os seus trovadores.

Nos arraiais do Rei, os trovadores, depois de combaterem denodadamente contra os inimigos, recitavam as suas trovas em que descreviam as façanhas dos heróis, de Celina e de outras heroínas lusitanas.

E D. Afonso Henriques escutava-os enlevado, enquanto descansava das refregas dos combates para entrar de novo, corajosamente, na sua tarefa de reconquista.

Êle mesmo tinha casado com D. Mafalda, filha do Conde de Saboia, cidade que recebia a influência de Provença irradiadora duma cultura que se havia de espalhar por novas nacionalidades. E com o casamento do segundo rei, D. Sancho I, com D. Dulce, filha de Beranger IV, conde de Provença, afluem a Portugal inúmeros trovadores, segreis e jograis que divertiam a família real, durante as refeições, com as suas composições de sabor francês e provençal.

Assim a poesia trovadoresca precedia a prosa. Esta sòmente apareceria nos fins do século XIII com todo o vigor no romance (romanço).

A poesia provençal reuniu-se à corrente popular nacional e assim aparecem as primeiras canções já com um cunho acentuadamente peninsular.

A primeira canção portuguesa que chegou até nós é a de Paay Soares de Taveiros; dirigida à **Ribeirinha**, amante de D. Sancho I que foi raptada por um fidalgo da família Viegas de Riba Douro que deu assunto para o romance de Rebelo da Silva, **Odio Velho não Cansa.**

As viagens de D. Afonso III pelo estrangeiro, antes de ser chamado para governar, muito contribuiram para o desenvolvimento da poesia trovadoresca **em Portugal.**

Êste Príncipe escolheu dos melhores mestres europeus para instruirem o seu filho Denis que deveria ser o futuro rei de Portugal. Dentre êsses mestres destacam-se os sábios Aymeric de Ebrard e D. Domingos Jardo. E a semente caiu em tão bom terreno que D. Denis foi considerado um dos soberanos mais sabedores do seu tempo e a sua côrte foi frequentada pelos melhores trovadores e jograis da Galiza, (a) Castela e de Leão.

Êle próprio deixou-nos cêrca de 138 composições suas, umas de carácter religioso e outras de carácter profano.

À sua iniciativa é atribuida a tradução de diferentes obras e os seus filhos D. Afonso Sancho e D. Pedro, Conde de Barcelos, foram também bons cultivadores da poesia.

Além dêstes são dignos de menção : João Aires, João Lobeira, Aires Peres Cristóvão, D. Gil Sanches, D. Fernando Garcia Ésgaravunha e tantos outros.

Para aperfeiçoamento da Cultura Portuguesa, D. Denis fundou o Estudo Geral em Lisboa o qual pouco depois foi transferido para Coimbra com o nome de Universidade; baniu o uso do latim bárbaro nos documentos públicos os quais passariam a ser escritos em língua nacional.

O que êle talvez nunca supôs, é que a língua que êle tanto aperfeiçoou viria a ser falada em meados do século XX por cêrca de oitenta milhões de habitantes espalhados por tôda a Terra...

Nota (a) Alguns imigrantes portugueses, de pouca cultura, agastam-se quando no Brasil lhes chamam galegos em tom depreciativo.

Galegos são habitantes da Galiza, herdeiros duma cultura das mais antigas e elevadas da Península Ibérica. Ainda noutros lugares da Península os habitantes estavam num grande atrazo e já a cultura Luso-galaica era notável.

Guilherme Martins Adegas

EVASÃO

Por **A. Vicente Campinas**

Do porto da minha vida,
numa evasão destemida,
parte um barco aventureiro,
em busca de outras paragens,
de sedutoras miragens
do meu sonho marinheiro.

Como um Velho do Restelo,
fico muito tempo a vê-lo,
até sumir-se, distante.
Olho, sem amor, o mar.
E, depois, fico a pensar
no meu sonho navegante...

Mares do Sul. Outros mares
e paisagens invulgares
namoram o meu veleiro !
E a grande insatisfação,
do meu sonho-exaltação,
não o deixam prisioneiro !

Percorre, assim, todo o Mundo.
E não consegue um segundo
de franca felicidade !
Forte barco, barco forte :
— a que mares, a que norte
pertences, barco-ansiedade ?!

Não há mares pra o meu barco !
Em tôda a parte há um marco,
um limite, um rumo, um porto,
que sustêm seus movimentos.
— Barco esquecido dos ventos,
barco morto, num mar morto...

Fico rendido do excesso,
de tanto sonho inclemente
que sonhei, que quis viver.
. Quando a mim mesmo regresso,
sinto-me sempre diferente
daquilo que julgo ser !...

Do livro "A Ilha dos Sonhos Malditos ?",
a sair brevemente.

OOOO

CANÇÃO PERDIDA

Por **A. Vicente Campinas**

Quando, à noite, a lua cheia
vem namorar, de mansinho
restos que a luz da candeia
perdeu nos pés do caminho;

Quando o temor, encoberto
nas asas da escuridão,
faz do longe, e faz do perto,
o monstro da solidão;

Ou quando ,no céu, a "Estrela
de Santiago" brilha mais,
pondo a noite iluminada
com archotes siderais,

Eu venho, pra te falar,
longe dos olhos, mas perto
do coração — um lugar
onde o sonho joga ao certo...

E pergunto, à meiga brisa,
pelo meu amor distante.
E ela responde, imprecisa :
— Mora, pra além de mim, a tua amante...

E pergunto, à voz do mar,
por novas da minha amada.
E êle diz, no seu lutar :
— Não sei nada, não sei nada...

E interrogo a tempestade,
por novas do meu amor.
— Mora no fim da saudade,
pra além dos umbrais da dor...

Fico perto e fico ausente,
dentro de mim, a penar :
— Por que mente, se é que mente,
o belo sol do sonhar ?

...Quando, à noite, a lua cheia,
vem namorar, de mansinho,
estes restos de candeia
perdidos no meu caminho;

Eu lanço, no fundo poço
da perdida mocidade,
o grito : — Posso ? Não posso
fazer brilhar a saudade ?

Mas o mar perdeu o rio,
quando abarcou suas águas...
— A Saudade é longo fio
do possante rio das mágoas !...

Do livro "A Ilha dos Sonhos Malditos ?",
a sair brevemente.

EL DIVORCIO VINCULAR DE MATRIMONIOS BRASILENOS . . .

(Conclusão da página 5)

monio celebrado en nuestra República y declarada la separación personal en el Brasil por mutuo consentimiento, o sea por una causa no admitida por nuestra ley, pronunciándome contrariamente a la pretendida inscripción solicitada de dicha sentencia, precisamente por este último motivo y no ser de aplicación los Tratados de Montevideo de 1889 que no ligan al Brasil. —((3).

4). Se invoca esa sentencia extranjera de separación personal para alcanzar el efecto que la nueva ley argentina núm. 14.394 permite a la de igual clase o similar, es decir, también de separación personal, que puede decir al juez argentino. Se quiere aprovechar, diremos así, de esa primera etapa: la tramitación de la separación personal que ha tenido lugar en el extranjero, para lograr ahora ante el juez argentino aquel efecto: la ruptura del vínculo matrimonial (divorcio absoluto), segunda etapa, y ante quien habrá que acreditar lo exigido por dicha ley .. 14.394. — La sentencia extranjera de separación, por consiguiente, se extraterritorializa o mejor, estamos ante un problema de extraterritorialidad de una sentencia extranjera. Se invoca ésta para alcanzar aquel efecto jurídico, lo que implica su ejecución con aquella finalidad.

Siendo así se impone en consecuencia el llamado procedimiento previo o "instancia de exequatur" sin que baste acompañar ante el juez argentino el simple testimonio legalizado de esa sentencia que emana de jurisdicción extraña. (4).

El trámite a seguirse en esa "Instancia de exequatur" está indicado en los diversos códigos procesales provinciales y en el de la Capital Federal, que establecen también los requisitos a cumplirse a tales efectos y que deben observarse a falta de tratados con los países de procedencia de esas sentencias que prevean sobre el particular. (5).

De modo que llenados los requisitos que establezca el código procesal vigente en el lugar del domicilio de la parte demandada o sea contra quien se pretende hacer efectiva la sentencia, acreditados aquéllos ante el juez de dicho domicilio que sería el competente, se obtendrá la resolución aprobatoria, la homologación o exequatur de la sentencia extranjera, que importa investir a ésta, tal como ha sido dictada, de los mismos efectos que tienen las sentencias pronunciadas por los jueces argentinos.

Y lograda esa homologación que es previa en mi opinión, sería ante el mismo juez por ser el del domicilio de la persona contra la que se quiere prevalerce o hacerse efectiva esa sentencia extranjera de separación personal para conseguirse la disolución del vínculo — divorcio absoluto o vincular — que admite nuestra ley 14.394, que habría que justificar haberse cumplido los requisitos que esta ley exige, a saber: a) el transcurso de un año desde la sentencia que declaró el divorcio relativo o separación personal o sea desde que ésta quedó firme o pasó en autoridad de cosa juzgada se sobreentiende; y b) que ambos cónyuges no hubieren manifestado por escrito al juzgado que se han reconciliado. Sólo entonces, ante la petición de cualquiera de los cónyuges, culpable o inocente, para que declare disuelto en vínculo matrimonial, el juez hará dicha declaración sin más trámite y esta declaración autorizará a ambos cónyuges a contraer nuevas nupcias. Art. 31, ley 14.394). Tal como se ha legislado, el magistrado actúa automáticamente, sin más trámite: ante un escrito peticionando aquella declaración presentado por cualquiera de los cónyuges y ante la inexistencia de una manifestación por escrito de ambos cónyuges hecha durante ese año, de que se han reconciliado, el juez requerido hará dicha declaración. (6).

(1). El Decreto-ley n.º 4657 de Setiembre 4 de 1942 (Lei de Introdução ao Código Civil Brasileiro) en vigencia está desde el 24 de Octubre del mismo año por el Decreto-ley de Setiembre 17 de 1942, n.º 4707, en su artículo 7, párrafo 7, en sentido concordante, "que salvo el caso de abandono, el domicilio del jefe de la familia extiéndese al otro cónyuge."

(2). Estas causas son: 1) Adulterio de la mujer o del marido; 2) tentativa de uno de los cónyuges contra la vida del otro, sea como autor principal o como cómplice; 3) provocación de uno al otro a cometer adulterio u otros delitos; 4) sevicia; 5) las injurias graves; 6) los malos tratamientos aunque no sean graves cuando sean tan frecuentes que hagan intolerable la vida conyugal; 7) abandono voluntario y malicioso.

(3). El caso era el siguiente: El día 18 de Julio de 1896, en el pueblo de Alvear (Provincia de Corrientes, Argentina), contrajeron matrimonio Joaquín Cunha y Victoria Sussisi, quienes luego, el 19 de Mayo de 1919, se divorcian por mutuo consentimiento (separación personal) de acuerdo co nlo dispuesto en el art. 318 del Código Civil Brasileño, en el distrito de Itaquy, Estado de Río Grande del Sud, República del Brasil, donde habían fijado su domicilio conyugal. La esposa luego constituye su domicilio en la Capital Federal, Buenos Aires, y se presenta ante un Juez de ésta, para que de acuerdo a lo dispuesto por el art. 105 de la Ley de Mat. Civ. se libre exhorto al Juez en turno de la Ciudad de Corrientes a fin de que en el acta de matrimonio se ponga la nota marginal correspondiente a dicha sentencia de divorcio separación. A esto se opone el Agente Fiscal, porque la causa que dió fundamento a ese divorcio, no está enumerada dentro de las especificadas en la ley argentina. El Juez de primera instancia no hace lugar a la inscripción marginal solicitada, atenta la prohibición del art. 66 de nuestra Ley de Mat. Civ. que desecha el mutuo consentimiento, aunque equivocadamente tanto este magistrado como aquel funcionario también razonan en base a lo dispuesto por el Tratado de Montevideo de 1889, de derecho civil internacional. El Fiscal de Cámara dictaminó en favor de la inscripción solicitada, por considerar que la sentencia de divorcio-separación dictada en el extranjero los efectos de la separación personal de los cónyuges, entre nosotros, argumentando erróneamente en base a lo dispuesto por el art. 1 de dicho parte del citado Tratado internacional de Montevideo de 1889, sosteniendo expresamente ser éste de aplicación en el caso por ser signatario del mismo el Brasil. "Enorme error! — La Cámara de Apelaciones sostuvo que según reiterada jurisprudencia era juez competente para entender en los casos de rectificaciones o adiciones de las partidas del estado civil, el del lugar donde está situada la oficina y no el del domicilio de la persona; debía ocurir el interesado, entonces, ante quien correspondiera. A esto concretó su pronunciamiento, sin decidir claramente sobre la procedencia de la inscripción.

(4). Sóbre la materia "Efectos extraterritoriales de la sentencia" o ejecución de sentencias extranjeras, me refiero específicamente en mi obra **"Derecho Internacional Privado**, tomo II, capítulo XXXIII, página 886 y sigtes, párrafos 51 y sigtes.

(5). En un interesante estudio comparado de los códigos procesales de las provincias argentinas, José María Videla Aranguren, los ha agrupado en la siguiente forma: En defecto de tratados:

1). Códigos que exigen que la ejecutoria reúna los requisitos necesarios para ser considerada como tal en la Nación en que haya sido dictada o sea que se trate de sentencia firme.

2). Que si en la Nación en que haya sido dictada se exigiese para darle efecto otras condiciones que las necesarias de la República, se considerarán incorporadas a la legislación local.

3). Que la ejecución se solicite ante el juez de primera instancia que corresponda.

4). Que debe ser traducida al idioma nacional cuando no fuera redactada en castellano.

5). Que se debe dar vista al Fiscal antes de ejecutarla

6). Que debe sustanciarse o darse vista al interesado.

7). Se acuerda acción para que el demandado repita el pago de lo indebido ante el juez de la ejecución, aunque por las reglas generales de la competencia no tuviera jurisdicción sobre el ejecutante.

8). Que no invada la jurisdicción de los tribunales del país o sea que el magistrado que la dictó sea competente en la esfera internacional.

9). Que no se haya dictado en rebeldía o que la parte demandada haya sido notificada en forma siempre que se domiciliara en la República.

10). Que la obligación o relación jurídica que haya dado lugar a la sentencia sea válida según nuestras leyes.

11). Si se ordena la ejecución, deberá hacerse del mismo modo que para las sentencias locales.

12). Que a falta de tratados, las sentencias tendrán en la provincia el mismo efecto que las sentencias argentinas tengan en la Nación de que se trate, o principio de la reciprocidad sobre la materia.

13). Que la ejecutoria esté munida de los recaudos de estilo o de la transcripción íntegra de los artículos pertinentes en que está fundada la sentencia.

14). Que se trate de ejecutorias dictadas a consecuencia de una acción personal.

15). De la resolución que se dicte que pueda apelarse.

Vé: Videla Aranguren, **Derecho Internacional Privado en la Reforma Procesal**, en "Revista Argentina de Derecho Internacional", 2.° sección, t. III, núm. 3, año 1940, pág. 525 y siguientes).

(6). "No hay nuevo juicio ni reexamen de las cuestiones falladas" como dice Bibiloni en su nota fundando el artículo 644 de su Anteproyecto que hemos recordado anteriormente. **Reforma del Código Civil. Anteproyecto de Juan Antonio Bibiloni**, tomo I, año 1939, Ed. Kraft Ltda., Buenos Aires, pág. 260).

"El magistrado, sin más trámite, ante la falta de noticia de la reconciliación, debe hacer la declaración de disolución que autoriza a los cónyuges a contraer nuevo matrimonio. Como se ve, el procedimiento es esquemático y concreto. Sin trámites inútiles ni pérdida de tiempo. Con un escrito y una resolución se ha cumplido la finalidad del legislador". (Opinión del Juez en lo civil de la Cap. Fed. Dr. Ismael Segovia en la encuesta de la Revista "El Hogar" sobre la ley de divorcio).

"No se juzgará a las partes, ni se entrará a examinar quién fue declarado culpable o inócente: el magistrado requerido para la declaración actuará automáticamente dictándola o no según que se hayan cumplido los únicos requisitos exigidos por la ley, es decir, la inexistencia de una manifestación hecha ante el mismo por los esposos denunciando su reconciliación y el transcurso de un año desde la sentencia de divorcio relativo". (Carlos Alberto Lazcano, **La disolución del matrimonio argentino en la ley 14.394, en La Ley**, suplemento diário de 23 de Abril de 1955, tomo 78).

NO PAÍS DAS CEREJEIRAS

(Fanny Luiza Dupré)

Em extensão territorial aproximada a 229 022 quilômetros quadrados, se estabelece uma população de 85 500 000 habitantes, dando um cálculo de uma densidade demográfica de duzentas e trinta e duas almas por quilômetro quadrado. Cêrca de vinte e três vezes maior que o Japão, o Brasil conta com apenas sete habitantes na mesma fração de território, o que demonstra quanto o solo japonês é menor que o brasileiro.

A costa nipônica delinea-se por 26 089 quilômetros, em pitorescos recortes geográficos.

De clima variado, a temperatura média anual é de 7° a 16° c. e as quatro estações do ano são bem definidas, trazendo no seu bôjo a scaracteristicas próprias de cada uma delas. Na primavera as cerejeiras rebentam em magnífica florada rosa, pelas montanhas, vales, parques, ao longo das ruas e à margem dos rios, que as refletem na tranquilidade de suas águas límpidas.

O poeta comovido com o esplendor do espetáculo que a natureza lhe oferece, compõe o seu "haikai", que é sugerido pela estação presente.

Pensando também assim, o vate brasileiro Jorge Fonseca Jnr., autor de "Roteiro Lírico", escreveu:

Nesta primavera
já as flores das cerejeiras
saúdam o Japão!

Um lapso de três semanas, entre a primavera e o verão, é o período das chuvas. Nêle o agricultor transplanta as mudas de arroz.

Após êsse espaço de tempo, o país entra na estação pròpriamente dita. É nela que se iniciam as distrações da temporada. Banhos de mar, alpinismo, fogueiras e bailes. O agricultor que enfeitam o céu nas tardes de verão, com seus motivos vários, são as diversões favoritas.

Chega o outono; a temperatura se torna mais amena. A estação abrange o período de setembro a dezembro. A vida do campo se ativa com a colheita do arroz e a paisagem transforma-se em um quadro de côres vivas, onde prevalece o colorido variado das fôlhas e o amarelo dourado dos crisantemos.

Por todos os recantos do país, mesmo nos mais longínquos, ouve-se o rufar dos tambores, anunciando festas. Bandeirolas de diversas côres flutuam no ar, pondo motivos vivos na paisagem alegre.

Por essa ocasião, grandes festas religiosas são realizadas e atraem de tôdas as regiões do país, milhares de crentes e turistas. Entre elas, as de mais destaque são, a de "Oeshiki", no Templo Hommonji, em Tokyo e a Festa de "Jidai Natsuri", do Santuário Neian, em Kyoto.

Depois vem o inverno. Ah! esta estação triste do ano que em certa ocasião, sugeriu ao poeta Horigoutchi esta "tanka", transcrita em prosa:

"Inverno,
Meu jardim de amor está sepultado,
sob as fôlhas mortas da saudade".

É o período em que nossa alma se recolhe em profunda meditação. A saudade se faz presente, as árvores despidas exibem seus tristes galhos nús e o céu côr de cinza estende uma nuvem de melancolia sôbre a noite silenciosa e deserta.

Mesmo nessa estação, as atividades do povo japonês não cessam no campo das diversões. As regiões montanhosas, cobertas de neve, abundam e oferecem excelente oportunidade para a prática do ski.

O Ano Novo, a maior festa tradicional, é celebrado com rituais e grande júbilo.

O japonês é possuidor de finíssimo espírito artístico. Tôdas as manifestações, nos diversos ramos de arte, já o provaram fartamente.

A música tenuíssima que mal chega aos ouvidos, penetra suàvemente em nossas almas e lá se transforma em algo de melodioso, enchendo-a de ternura.

A dança, a pintura, a literatura, a escultura e a arquitetura, libertaram-se de influência chinesa e tomaram personalidade genuinamente nacional.

O Distrito de Yamato, Prefeitura de Nara, é o berço da movimentada e heróica história do Japão que teve início na distante Era Neolítica, há milhares de anos A. C.

A presença de velhos túmulos e habitações corroidas pelo curso dos séculos, atesta a fixação humana ali, já naquela época.

— o o o —

NOTA BIBLIOGRAFICA

Union del Espiritu y la Materia

TEORIA MICRODINAMICA

Para "Tapejara"

El Profesor Dr. Francisco Cordero Quiros, de San José, Costa Rica, ha publicado una obra que lleva por título Unión del Espíritu y la Materia, en la que, aparte las lecciones de anatomía y fisiología, didáctica y magistralmente explicadas, ofrece una teoría sugerente y cautivante, la que, analizada a la luz de las investigaciones y descubrimientos en los dominios de la física y la química contemporáneas, proporciona consideraciones filosóficas propias de Leibnitz, Carrel, Ingenieros, y toda una pléyade de hombres de ciencia de la Humanidad.

Por medio de un agente, el microdinamo, verdadero motor de las actividades vitales, el Dr. Cordero Quiros, por su penetración de filósofo y de científico, da al lector brillantes conclusiones de sabiduría médica, de analista y de orientador, todo lo cual, para una mente alerta, significa un catecismo de moral, un breviario de conocimientos útiles para comprender los fenómenos de la vida y de la muerte.

F. Pablo Labombarda

Doctor H. C. en Ciencias Biosóficas

— EUCLIDES DA CUNHA —

Conferência pronunciada em São José do Rio Pardo, por ocasião do Cincoentenário dos Sertões)

Pelo Gal. **Inácio José Veríssimo**

A primeira condição social do homem é a de ser útil aos seus semelhantes. Útil pelo comportamento, pela capacidade criadora e pelo que de humano e de simples contém o seu coração. Mas, nem sempre êsse homem é um tipo histórico; uma personalidade lembrada pela sua comunidade. Porque, para tanto, se impõe que êsse homem apareça à sociedade como um providencial, um fator decisivo no progresso da nação; um elemento destacado de sua defesa, um agente distinto na sua cultura, etc...

É o caso do Tenente Antonio João, Militar de vida ignorada e humilde, mas que, num determinado instante — o instante Dourados, se faz histórico.

Por que?

Porque ali, em poucos minutos, acompanhado de 12 soldados anônimos, êle foi o representante do Brasil, o símbolo do seu brio, a afirmação de seu orgulho nacional. E pôde estabelecer, assim, de pronto, uma ligação de utilidade entre êle e a sociedade brasileira, tornando-se o homem providencial e a expressão moral, dessa sociedade, no seu sentimento de oposição ao paraguaio que invadia terras da pátria.

E Euclides da Cunha?

Que fez êle para justificar esta romaria anual à memória de seu nome e de sua obra?

Fez-se também histórico?

Há algo dele na evolução política do Brasil?

Há. Porque Euclides escreveu um livro que, à semelhança dos Lusíadas, ligou a vida do autor à sua gente. Os Lusíadas por haver aparecido na hora de Portugal decadente, absorvido pela Espanha, humilhado pelo domínio estrangeiro e nêsse abastardamento, buscando a fé no passado recente que aquele livro exaltava e fazia glorioso. E tornando-se, assim, um aglutinador necessário à Nação Portuguesa; um excitador de suas energias abatidas; um símbolo de suas possibilidades latentes — que a anexação espanhola subjugara mas não destruira. E os "Sertões" tendo para a nossa sociedade um caráter de mensagem, de alerta. Porque, êsse livro, avisou aos brasileiros que existe mais de um Brasil; que a sua cultura não é homogênea e que a gente que o povoa, sofrendo a influência dos fatores geográficos, se modelou em tipos diversos, díspares e, até certo ponto, antagônicos.

Que é impossível deixar de levar em conta, na política do país, essas condicionais impostas pela terra e pela gente que vive nela. Que afinal as instituições exigem uma infraestrutura social, função de cultura e economia que forma a parte anímica delas.

Por fim há um dever, uma dívida moral, do homem da civilização para o homem da barbárie, do brasileiro da costa para o do sertão. Êsse livro foi, assim, o o ponto de partida de uma nova concepção política do Brasil, visto de frente, objetivo e lógico. E, por isso, um Brasil real, tangível. Cujos relevos se percebem e que era, antes de Euclides, pouco conhecido. E dai a surpreza do livro. O seu poder de contágio. A expressão cultural e política dêle. E daí também o tom de revelação, de inéditismo que as suas páginas contêm.

Mas, nos "Sertões", não há apenas o mérito da comunhão entre o autor e a sociedade brasileira, o mérito de nova interpretação da nossa sociologia. Há igualmente o drama que Euclides assistiu e soube transmitir com a mesma vibração e a mesma intensidade daqueles instantes terríveis. E por isso o livro nos irmana, também, à terra do sertão e nos associa aos homens que o habitam. E nos faz, inesmisteriosamente, compreendê-los melhor e advinhar até onde existe a nossa culpa na rudeza da vida, no primitivismo de sua cultura e até na agressividade de sua alma.

E nessa nova comunhão tomamos outra posição que é um misto de compreensão e de responsabilidade; de aprovação a Euclides e de reconhecimento dos erros que êle aponta.

E, assim, êsse livro tocou o mundo brasileiro por dois aspectos distintos: Primeiro: levou a elite brasileira a se debruçar sôbre o Brasil. A vê-lo frontalmente; a estudá-lo como um todo; a compreendê-lo como expressão complexa da história, de cultura, de economia, e de geografia; e sentí-lo povoado por homens diversos pela cultura, pela economia, e pelo tipo racial. E a perceber que se impõe uma nova postura filosófica na interpretação do país e, em consequência, o dever de rever os estudos sôbre êle. Depois, o livro dirigou essa elite cultural a vibrar com o autor em tôrno do drama de Canudos. A irmanar-se às dores que êle sofreu e sentir-se comprometida nos êrros que êle apontou. Mas ninguém atendeu os "Sertões" sem atender Euclides. Sem compreender o seu espírito. Sem descobrir o homem que êle foi. Sem acompanhar a sua vida. Sem levar em conta o seu temperamento triste, a sua inadaptação social:

Porque nêle havia êste paradoxo: o social atraia o pensador mas repelia o homem. E o repelia porque Euclides não era um exotérico, um transbordante: um homem que precisasse se projetar noutros homens. Ao contrário, Euclides tinha a capacidade de viver no seu eu — no mundo das suas idéias, recolhido ao íntimo de seu coração. E isso sem a culpa dêsse coração, que era manso, que era capaz de todos os afetos. Mas, apenas por culpa de seu psíquico. E, criado assim, na mesmo criatura, duas personalidades opostas: uma que vive à margem da sociedade e outra que vive debruçada sôbre ela, preocupada com ela, sofrendo por ela. Uma é Euclides temperamento — outra Euclides coração.

O MILITAR

Da vida de Euclides a gente pode destacar:

— O militar.
— O engenheiro
— O poeta-humanista
— O escritor

Porque aí estão os seus pontos acentuados. As etapas de seu curriculo "vitae".

Vejamos primeiro Euclides da Cunha como militar.

Havia nêle adaptação psíquica a essa carreira?

É fácil concluir que não. Nela Euclides se sente estranho. Mais ainda: Se sente contrafeito, em oposição a ela, às suas exigências, às restrições da disciplina, ao que de limitador ela encerra. E isso mostra que Euclides não tinha espírito militar. Era bravo. Era capaz de lutar em defesa de um princípio, a bem de uma idéia que lhe parecia justa. Mas sempre só.

E é o que distingue o espírito guerreiro do espírito militar. Porque o guerreiro existe em todo homem de brio. E a capacidade ao sacrifício. E o poder de teimar numa atitude de combate; é, em fim, a aptidão a não fraquejar diante do perigo. Mas isso no campo individual. Como homem dono de si próprio.

O espírito militar é mais amplo. Pressupõe o sentido de grupo, uma alma de time, uma consciência de conjunto que leva a renunciar àquilo que é pessoal em benefício daquilo que é coletivo. Isto é, em alienar da gente muito do próprio, para dar ênfase àquilo que é da comunidade a que se pertence. E, por isso, no militar, a primeira condição de utilidade, de ordem funcional, é a capacidade de compreender a disciplina como elemento de coesão do instituto a que pertence e não como fator de diminuição de sua personalidade. E é essa compreensão que cria o orgulho do uniforme, a aptidão ao cerimonial da hierarquia, os privilégios da procedência e o pundonor de classe.

Por isso nenhum militar merecera êsse nome se não conseguir ver, nos homens que o precedem e nos homens que o sucedem, as diferentes funções de um organismo. Isto é, se não souber que êsses homens são elos de uma cadeia, são elementos necessários ao funcionamento ordenado da comunidade em que êle se acha. E poder, assim, como um ator no palco, viver em duas pessoas: na dela e na do personagem que representa. Isto é, transfigurar-se em representante de uma função logo que essa função exija a sua presença, sem deixar de ser, fora dela, êle mesmo.

Ora, em Euclides não havia essa capacidade. As suas cartas estão cheias de confissões sinceras de seu mal estar como militar. A espada lhe pesava. O fardamento lhe tira a naturalidade. A disciplina, os exercícios, as obrigações regulamentares o constrangem. Mas, afinal, por que Euclides — penetra na Escola Militar e, uma vez expulso dela, volta para terminar o curso?

Eu creio que a explicação foi dada por Umberto Peregrino — nós mostrando, os dois grandes equívocos de Euclides.

— o que o faz deixar a Escola Politécnica e entrar para Escola Militar.

— e por fim o que o faz, na euforia da Proclamação da República, voltar àquela Escola.

Porque, diz Umberto Peregrino — "Euclides se lançou à Escola da Praia Vermelha não como estudante de engenharia, nem como militar, mas como poeta, como sonhador, como que tocado pelo prestígio acadêmico da 'Velha Escola'. Foi o idealista já interessado no movimento republicano que se aproximou do centro irradiador de suas idéias. E por isso a Escola não era o vestíbulo de uma vocação ou sequer de uma carreira. Era o Templo de sua deusa, onde um conjunto de crentes vivificavam, com entusiásmo, o fogo da mesma fé.

Mas — começa aí o primeiro equívoco de Euclides. Lá não estava só o ideal, a idéia renovadora, o foco da ressurreição nacional. Lá estavam também as regras disciplinares, o sentido de classe, a alma de colmeia, coisas avessas a êle, em conflito com o seu individualismo, em choque com o seu temperamento afirmativo, que o fazia um inadaptável. Porque, na realidade, Euclides era indiviso. Não podia viver repartido em graus de hierarquia e de restrições. Isto é de alienar algo de si em benefício das necessidades da comunidade militar.

Umberto Peregrino — observa que Euclides da Cunha era um dispético. E que, talvez, essa dispepsia explique, em muito, a sua irritabilidade, o seu mau humor, a tendência ao isolamento, e a ausência dele a tôdas as tertúlias, às escaladas ao Pão de Açúcar, às noites de serenata, às reuniões da Sociedade Acadêmica, ao riso e à alegria da mocidade que o cercava. E talvez, por isso, anotá ainda Umberto Peregrino, os seus colegas de turma, como Tasso Fragoso, como Rondon, como Moreira Guimarães — não tinham guardado dele senão, três ou quatro traços mais salientes: o arredio, o estudioso, o calado, o irascível.

O segundo equívoco de Euclides é a sua volta para o exército, logo após a vitória da revolução republicana. Porque voltar à farda era, naquele instante, o renúncio do cruzado e não a vocação de um profissional. Do cruzado que descobria no Exército, naquela hora incerta da República, o guardião de sua fé e o instrumento de ação de sua ideologia. E êle se enfeitiça por essa posição ideológica sem preocupações utilitárias. E é arrebatado pelo ambiente, pela embriaguez da vitória, pelo que de contagioso e perturbador havia nela. E daí (como observa Umberto Peregrino) o novo equívoco de Euclides. Permanece no Exército de 19 de novembro de 1889 a 13 de julho de 1896 e nesses poucos anos — gasta dois terminados o curso; passa um mês como coadjuvante de ensino da Escola Militar; dois mêses praticando na Estrada de Ferro Central do Brasil; quatro meses em serviço de construção das fortificações no litoral da cidade durante a revolução da Armada; quinze meses em Minas (Campanha) construindo um quartel e um ano, como agregado (em virtude de seu estado de saúde). E por fim é reformado por ter sido julgado, na inspeção de saúde, incapaz para o serviço do Exército.

Como vemos, nada o fixou no Exército. Nem foi coadjuvante de ensino; nem adquiriu prática suficiente na Central do Brasil; nem se demorou nos trabalhos de defesa da cidade.

Mas, curioso é assinalar que nêsse homem, no qual faltavam as qualidades mínimas para se integrar à carreira das armas e cujo feitio moral e condicionais psíquicas faziam um avêsso à disciplina de grupo e ao coletivo das exigências de quartel, houvesse, em alto grau, o senso de historiador militar. Isto é, de interpretador das causas que explicam as operações militares; do analista que estuda a influência do terreno sôbre elas; do comentador que descobre as servidões impostas pelo aprovisionamento, e o influxo da ação dos chefes, e da disciplina da tropa e de sua moral, de sua instrução, do grau de adaptabilidade da sua organização ao tipo da luta, etc. E isso se descobre em inúmeras páginas do "Sertões" e mesmo no resto de sua obra — no estudo sôbre a ilha de Martin Garcia, sôbre o Kaiser, sôbre os Caucheiros, etc. E, por que, êsse aparente paradoxo?

Apenas, porque, no historiador militar, está o pensador que era Euclides. A inteligência inclinada à pesquisa sociológica e a indagação das causas que explicam o fato político. E em Canudos existe um complexo de fatores sociais e políticos. Existe a geografia que impõe uma acomodação especial às operações; existe um nomem, o jagunço, que possui um tipo de cultura afeito à terra e capaz, pela adaptação a ela, de explorá-la ao máximo, de ajustar-se às asperezas, de tirar partido de sua singularidade. Há problemas de transporte, de comunicações, de reabastecimento, que modificam as regras rígidas das operações clássicas. Há, por fim, os conceitos de vida de dois grupos humanos que ali se encontram e representam duas civilizações, dois estágios de cultura, duas consequências sociais.

E para observar tudo isso Euclides está bem colocado. Há nele o pensador político, o sociólogo, o poeta e humanista. E assim, há nele, em síntese, tôdas as qualidades intelectuais que permitem surpreender naquela luta, as saliências mais características dela — e revelá-las a todos nós, naquele livro admirável que é os "Sertões". E são essas qualidades que fazem de Euclides um historiador militar e que levaram o Ten. Cel. Umberto Peregrino, em estudo original e erudito, a destacar, da personalidade de Euclides, êsse aspecto singular. Aspecto que parece paradoxal; que dá a impressão de estar em oposição, em conflito, com o militar frustrado que Euclides foi — mas é, na realidade, mais uma prova de que nele vivia um pensador puro. Um pensador profundo a quem faltava espírito prático — para se acomodar à realidade econômica da vida — mas que possuia, em grau elevado, o poder de descobrir nos homens e nas cousas, os impulsos mais recônditos e as cousas mais imperceptíveis. E ser assim um analista militar, um crítico histórico militar, embora, em conflito com a própria profissão militar.

(Continua no próximo número)

(OO)

TROVAS

de **Luiz Otávio**

Férias . . .

Nessas férias, bem ou mal,
trabalhei da mesma sorte...
Férias boas, afinal,
só temos depois da morte...

Rimas . . .

Há nas palavras mistérios
de um sentido bem profundo:
Por que rima **Terra** e **guerra**,
e **imundo** rima com **Mundo** ?! . . .

Apêlo . . .

Teu coração dá-me logo,
que é de minha precisão.
O meu, roubaste-me há muito!
Vou morrer sem coração...

Engraçado . . .

Tens o teu, o meu, de muitos...
Isso é engraçado, pois não ?!
— Como é que ainda te tornam
de mulher sem coração...

Ao travador Batista Nunes

Vendo-te dar milho aos pombos,
tão sereno e tão feliz,
não sei porque me lembrei
de S. Francisco de Assis...

Despercebidas . . .

Só mesmo na Mocidade
nos passam despercebidas:
as tristezas dêste Mundo
que irão encher nossas vidas...

Pequenina . . .

Uma trova pequenina,
tão modesta, tão sem glória,
bem pouca gente imagina
ter também a sua história...

Tantos ! . . .

Tanto amigo estou levando
... ao cemitério... Que dó!
Na minha vez, eu receio
ter ficado quase só...

Para o Dia das Mães

Já que as três Mães que ganhei
uma a uma Deus levou,
fico hoje irmão dos meus filhos,
doce Mãe que me restou...

Para o Dia dos Pais

Na vida sobe-se, às vezes,
e algumas vezes se cai...
Na subida, há muito amigo...
Na descida, um só: é o Pai...

LOS FUNDAMENTOS DE LA ESTÉTICA — ARISTOTELICA —

(Para la Revista "Tapejara", del Brasil) Por M. A. Raul Vallejos

Aristóteles consideraba que el arte debe imitar en lo posible a la naturaleza, pero no por ello dejaba de reconocer que el arte es una labor altamente espiritual y en tal forma valoraba, el eminente filósofo, esa actividad estética.

En distintas ocasiones se advierte que vertió al concepto de arte un contenido distinto a la acepción común que se le presta, es decir, viéndolo como una tarea intelectual, compatible con una ciencia o una disciplina y eso es lo que aprecia en algunas de sus obras.

Si bien el discípulo de Platón declaraba que el arte es una imitación de la naturaleza, a la cual se acerca todo lo posible, pero no por ello desconoce el papel que le corresponde y reconoce que él consigue transformar lo imitado, embellecíendo en grado apreciable lo representado y elevando al tema al grado de categoría estética, como es su verdadera función. En esto se pone de relieve la mentalidad del Estagirita, que, al menos, determina el papel de arte, con ajustada precisión y consciente de su misión transcendental.

El desarrollo de la literatura, la arquitectura y la pintura, adquiere una plenitud esplendorosa en los griegos, que se incorporan con sus modelos a los más admirables y eximios representantes del arte clásico universal.

La definición del fundador del Liceo sirve para demonstrar que, en la Hélade, ya el arte ocupaba un lugar definido y superior, en el mundo social de la antigüedad y así alcanzó un extraordinario brillo, que colocó al espíritu griego como los creadores de todos los cánones de las artes plásticas.

Como pocos pensadores de su tiempo, el Estagirita demuestra que comprende la tarea del artista, que le es propia, y que consiste en enriquecer con elementos del entendimiento y de la imaginación el objeto o el tema, que solo de tal manera cobra su nivel artístico, que debe alcanzar cualesquiera obra de arte que anhele definirse como tal.

Al mismo tiempo, es de advertir que el ilustre discípulo de Platón destaca la significación de la tarea personal y temperamental del artista, lo asienta en el plano que le corresponde dentro de los elementos que juegan sus papeles principales en la obtención de una obra artística y en la inteligencia del filósofo griego se comprende que reconoce la transcendencia de su misión creadora.

Por eso, los primeros conceptos que surgen para crear una filosofía del arte, adquieren contornos precisos en el Estagirita, y sus definiciones sobre el problema merecen parangonarse a la altura de las más completas que acerca de la teoría y filosofía ha encontrado la humanidad en su vida cultural.

Ningún filósofo griego ha señalado con mayor claridad el papel creador del individuo humano en la realización de la obra artística, de manera que el filósofo de Tracia destaca una modalidad del arte que, en realidad, sólo en el pensamiento de los siglos posteriores ha sido considerada con todo detenimiento. En los siglos de grandes concepciones artísticas que enorgullecen y glorifican la marcha de la cultura, el pensador extraordinario de la POLITICA se detiene para observar uno de los aspectos más discutidos del arte, que es el arte como creación humana y como el producto legítimo de la actividad estética del hombre.

En el mundo antiguo, estas formulaciones del insigne pensador, revelan el vigor de sus razonamientos y se adelanta a discutir problemas que solamente una moderna filosofía del arte aspira a interpretar con toda agudeza.

También Aristóteles reconoce que la obra de arte es algo completamente distinto de la naturaleza, a la cual imita, pues la sobras adquieren distinta categoría y tienen una fisonomía especial, frente a lo imitado o copiado. Surgen, evidentemente, otros elementos, la actividad individual y temperamental, la transformación del tema artístico, la preparación del autor y su imaginación, pues el individuo le confiere una virtud artística, que eleva al arte a una categoría de belleza, ajena y superior a la misma naturaleza y que el arte, por su profunda presencia, transforma en categoría estética.

Con respecto a la concepción de la belleza, el Estagirita expresa que para que ella exista, es necesario, como condición fundamental, la proporción, atributo que domina en todas sus concepciones plásticas que enorgullecen a la cultura helénica. Aristóteles hace resaltar las condiciones preponderantes de lo bello, y se revela como un observador sagaz del arte incomparable que floreció en sus tiempos.

Otra de las observaciones más agudas del eminente pensador es que lo bello se descubre particularmente en las formas, en sentido muy amplio; desde las formas plásticas hasta la musical, como un medio innegable para llegar a lo artístico, al espíritu humano. Pero, al mismo tiempo, exige que esas formas tengan la debida proporción, para estimar el grado de belleza que se manifiesta através de las mismas.

Por lo tanto, se comprende que, sin las formas y sin las proporciones, el alma del Estagirita, no concebía lo bello, ni el carácter de lo realmente hermoso. Además, cabe agregar que concebía a la belleza, dominada por un exacto sentido de equilibrio plástico.

Para el filósofo griego, no existía la belleza, donde no se encontraba la proporción, en los distintos tamaños, medidas y volúmenes que constituyen la obra de arte. Esto nos revela que el genio de la Antigüedad sostenía, por aquel entonces, una filosofía fundamentada de la belleza.

Los elementos que señala el fundador del Liceo resultan imprescindibles en toda apreciación de la belleza y nos dan una idea definida de la riqueza de sus observaciones para concebir una filosofía de la belleza, concordante con el espíritu de la cultura humana.

El principio de la proporción es fundamental, en el pensamiento de Aristóteles y determina la medida en que su genio comprendió la belleza y trató, de tal suerte, de examinarla através de la importancia de la proporción. No existe belleza donde no impera el equilibrio de las diversas partes, con sus respectivas dimensiones ajustadas al conjunto total, a la armonía integral, que resplandece en todo lo bello.

Sin duda alguna, en la mentalidad de Aristóteles domina la noción de lo bello, adquirido através de las formas y la proporción con su correspondiente equilibrio, y esto revela que el Estagirita buscaba una definición ajustándose a la manera en que lo bello o la belleza hiere más profundamente nuestra sensibilidad.

De esta manera, toma a la proporción como uno de los elementos que dominan en el conjunto de la belleza, pues, sin ella, no puede revelarse lo artístico. En el campo de las artes plásticas, los helenos dieron muchas obras inmortales, lo que permite apreciar que el pensamiento del discípulo de Platón partió de la observación de esas obras, para expresar el valor de uno de los elementos dominantes y triunfadores en la escultura.

El concepto de lo bello de Aristóteles tiene especial aplicación en lo que concierne a las artes tal, como la escultura, pintura y arquitectura, con una mayor fuerza lógica. Aunque también en la música y en la poesía es menester asi mismo la proporción, este elemento adquiere un mayor esplendor en todas las obras artísticas que se extienden por las tres dimensiones del espacio, tales como la escultura y la arquitectura. También se estima con su fuerza vital, en los cuerpos y volúmenes plásticos donde vibra el ritmo de belleza de las grandes figuras de la escultura helénica.

Desde luego y para la comprensión del msimo Aristóteles, hay que observar que en toda obra bella, sea producto de la naturaleza o de la actividad artística del hombre ,impera la proporción en los diversos elementos que constituyen en concreto un todo armónico. Es decir, que, contemplando la escultura, arquitectura, pintura, para el sabio fundador del Liceo, no existe belleza sin la proporción, en el sentido del equilibrio de las distintas partes que concuerdan para ofrendarnos lo bello o la belleza.

Es de advertir, este principio de la proporción es básico a los efectos de definir la belleza en Aristóteles, nacida ella de la forma y el volumen que glorificaron los inmortales artistas griegos. En realidad, destaca un principio de elemento tan fundamental que se puede afirmar, sin temor a mayores equivocaciones que toda la vida de la belleza se concreta allí. Nace todo lo bello de la proporción y el equilibrio de todas las partes, de acuerdo a la estética del genial pensador de la POETICA.

Por su parte, Augusto Guillermo Schlegel, (1767-1845), en su obra intitulada TEORIA E HISTORIA DE LAS BELLAS ARTES., dice lo siguiente, con respecto al glorioso filósofo griego: "Aristóteles, que con sus vastos conocimientos ha procurado abrazar el mundo entero, material e intelectual, no ha tratado más que de la poesía y de la retórica, sin generalizar la idea de lo bello; y los demás filósofos de Grecia lo han considerado de una manera menos satisfactoria. Los griegos formaban un pueblo de artistas, y estaban tal vez demasiado cerca del arte y de sus obras maestras para hacer abstracciones razonadas" (Obra citada, 7, Edición Tor, nro. 126, Buenos Aires, 1943)

Como ya es posible advertir, este destacado crítico alemán no es del todo exacto al considerar la labor que, para fundamentar la estética, desarrollara el eminente autor de la POETICA. Sus definiciones y principios de lo bello, su estimación de la obra artística en general, tienen una amplia significación y es valedera en cualesquier tipo u orden de belleza. Especialmente, el Estagirita se dedicó con Profundidad filosófica en destacar los elementos formales, que constituyen lo bello, remarcando la preeminencia de la proporción, el equilibrio y la medida para concebir lo estético.

Debemos reconocer que el discípulo de Platón estudió la estética, dándole la importancia y toda la atención que ella se merece y, por lo tanto, sus ideas no tienen esa carencia de generalización, que anota el historiador alemán. Para ello, no olvidemos que dos de las características que figuran en el genio del Estagirita son la generalización y la sistematización.

Por lo tanto, hay que reconocer que, frente a los conceptos vertidos por el filósofo maestro de Teofrasto, tienen una significación universal, para la belleza, el arte y la misma estética.

Frente a la belleza de lo corporal, o la belleza de los volúmenes plásticos, el eminente griego manifestaba que no existía el atributo de la belleza, sino se daba la proporción correlativa a todo el conjunto y a sus diferentes partes.

No por ello se debe admitir que Aristóteles, en su concepción de lo bello, simpatizaba puramente con la simetría y geometricidad de las partes. Consideramos, muy al contrario, que el concepto de la belleza, sostenido por el Estagirita, es muy distinto y que su mentalidad no la extrajo partiendo de un orden lineal o de la proporción de las figuras simétricas.

En realidad, supera fácilmente esos planos y, por ello, nos dedicamos a la grata tarea de exaltar su idea de la belleza, basada en la proporción que ofrece el justo desarrollo de los distintos elementos de la estética. Por ello, no es conveniente sobrevalorar su importancia, para colocarlo en un plano preferente en el terreno de los cánones de lo bello, pues el inmortal pensador se caracteriza por haber destacado, en forma lógica, los elementos fundamentales del objeto bello, que nos ofrece el goce espiritual pleno, frente a nuestra sensibilidad y a nuestro entendimiento.

Santa Fé (Argentina).

— AS TRADIÇÕES DO NATAL —

Por Vicente de Oliveira e Silva

Todo ano, por esta época, ao avizinhar-se a data natalícia do Grande Nazareno — o unigênito do Pai Eterno, — os povos de todo o universo voltam-se para a sequência intérmina das solenidades do nascimento de Cristo.

Nos "fronts" de guerra, planejam os contendores a trégua em homenagem ao glorioso acontecimento que já ôrça pelos dois mil anos!

Vem aí o tradicionalíssimo dia da Cristandade segundo de perto pela passagem do bastão do ano que aqui se vai, acalcionante para muitos povos e tantos lares, ao porvindouro que se apresenta de modo geral cheio de ventura, prosperidade, esperança e felicidade para os que vivem no momento da vastidão terrena dêste malogrado Planeta.

De certos anos para cá, isto é, da segunda guerra mundial, a vida se vem tornando cada vez mais difícil, chegando mesmo a ameaçar a popularidade dos festejos universais da grandiosíssima família cristã — Natal e Ano Novo. Para os que vivem de salários e suas modalidades, jamais poderão esquecer-se com a acerbidência assustadora dos meios de vida, e nessa impossibilidade equilibrista do orçamento caseiro está o fenecimento paulatino da tradição religiosa do Natal, consagrada como a FESTA DA ALEGRIA. Sim, porque, no mais modesto dos lares, há um imperativo misterioso que força quebrar a monotonia dos demais meses do ano, porque em DEZEMBRO tudo é festa e alegria em todo o mundo e, por conseguinte, as despesas são bem maiores... Os governos de tôdas as nações do orbe e empregadores em geral, deveriam contribuir de maneira pronta e eficientemente para a estabilidade dêsses festejos, incluindo nos seus orçamentos verbas especiais para que tôda humanidade trabalhadora, no 12.º mês de cada ano, tivesse um pouco de felicidade, o que lhe serviria de estímulo para a nova jornada que se aproxima, consolidando dessarte, as tradições milenares do advento do Salvador do Mundo.

Vem aí o Natal e Ano Novo... O Comércio totalmente se abastece dos variados artigos destinados aos festejos comemorativos das alviçarenias efemérides e bem poucos estão em condições de adquiri-los...

Eis chegada a época dos presentes! Os que podem, já os adquiriram ou tomaram as devida sprovidências para êsse fim, assegurando, como nos anos anteriores, a tranquilidade dos entes queridos nessa quadra de ALEGRIA, digna de ser comemorada e festejada por todos os sêres humanos e não apenas pelos bafejados da sorte, ocupantes do primeiro degráu na vida material.

Em outro plano, vêm os que aguardam uma oportunidade milagreira para, dentro da modêstia que os cerca, atender aos inocentes pedidos através da bondosa simbolização de Papai Noel, e se consegurem essa graça, irão, por certo, comprar mais caro, muito mais caro do que os felizardos. São êsses os componentes da classe intermediária — o funcionalismo em quase sua totalidade, que for fôrça de leis é obrigado a trajar-se decentemente, sem demonstrar através do vestuário as legítimas condições de miserabilidade, sim, porque miserável é todo aquele que não ganha o suficiente para a sua manutenção. Contudo não se deve desesperar! Aqui temos as sábias palavras do filósofo que diz quase nestes termos: "Quando quiseres desesperar, olha para trás e verás, em piores condições que a tua, uma legião de sêres necessitando de tua proteção..." É essa a pobreza pròpriamente dita, que nunca soube do significado da palavra confôrto, desde o nascer à última morada, sendo nessa ocasião confundida para a eterna eternidade com os demais, no cumprimento da determinação do Criador, dizendo: "Ês pó e em pó te tornarás".

A vida, como as outras cousas, tem a sua compensação. As classes sofredoras, por virem seguindo mais de perto os exemplos de humildade deixados por Jesús Cristo, nascendo nas mesmas condições de precariedade que o Messias têm por motivo doses originais de, maior dose de confôrto espiritual, dando-lhes mais alento para que possam viver e brotar em meio dos portentosos da raça humana, cumprindo a sacrossanta sentença do "Crescei e multiplicai-vos". E terão com os padecimentos da pobreza, as privações do vil metal (que tudo compra, menos a salvação da alma), a resignação das condições de inferioridade frente aos considerados felizes, a mortificação da carne pelo estafante esfôrço cotidiano para manutenção da prole, já tendo sofrido e padecido o necessário para a purificação da alma, agraciando, por isso, a decisão favorável do Supremo Juiz, na compensação dos seus sofrimentos na vida terrestre.

Vitória, 8 de dezembro de 1955.

Vicente de Oliveira e Silva
(Dos Centros Culturais "Humberto de Campos" e "Euclides da Cunha")

O LIVRO DE EUCLIDES DA CUNHA

Fidelis Reis (Da Escola d e Engenharia da U. M. G.)

Coube ao deputado Nelson Omegna a mais oportuna, feliz e louvável das iniciativas : a apresentação à Câmara de um projeto, mandando abrir crédito para publicção da obra de Euclides da Cunha, já quase tôda esgotada. Não houve quem não batesse palmas e aplaudisse o ilustre representante pelo serviço inestimável prestado ao Brasil. A obra de Euclides é dessas que precisam ser cada vez mais lida, estudada e meditada. Como assim regatear-se encômios à semelhante iniciativa ?

São já decorridos vários decênios da morte de Euclides da Cunha e por todos os recantos da terra brasileira ressoa o nome do grande escritor, pensador e esteta que foi o autor dos Sertões, o nosso Luziadas. Lê-lo, para fazê-lo sempre vivo, amado e admirado, é o dever que se nos impõe. O culto de Euclides honrará as gerações que nos hão de suceder. Euclides encheu de luz e vibração a dias que viveu. Escritor de recursos extraordinários, ainda que por vezes áspero e rude como a terra que descreveu e a campanha que narrou. Era nobre, grave e suntuoso dentro da verdade, no estudo do homem e na averiguação dos fatos.

Foi o escritor que mais fez vibrar a geração do nosso tempo. É lendo-o e exaltando-o, que procuro solver a dúvida imensa que ainda bem moça contrói sôbre o escritor insigne, o artista de paineis inimitáveis que me iniciou no culto da beleza e alvoroçou em estos de fé vibrante e entusiástica o meu entranhado amor pelo Brasil. A mim e a tôda geração do meu tempo.

Foi em Campinas, por volta de 1903, que vi Euclides pela primeira vez. Do interior, era o centro de mais desenvolvida cultura, a cidade em que naqueles dias se fariam os mais belos prélios intelectuais. Euclides fôra levar à apreciação de Coelho Neto, o escritor ilustre que acabava de disputar em concurso a cadeira de literatura, os "Sertões", já em prova de composição.

Notáveis eram a êsse tempo os artigos de Euclides na Imprensa paulistana, para não se falar na recente reportagem de tamanha sensação sôbre a campanha de Canudos de que o incumbira Julio Mesquita. Qualquer que fosse o tema sôbre que discorresse alteava-se Euclides de modo impressionante. Até hoje, sinceramente lamento não ter correspondido ao gentil convite que me fez Cesar Bierrembach, o festejado orador e meu desventurado amigo, para ouvir em sua residência, na companhia de Coelho Neto, José de Campos Novaes, Angelo Simões e outros, a leitura do trabalho de Euclides. Revezando-se na leitura, o sarau prolongou-se noite a dentro e a impressão foi de deslumbramento, ao que no dia seguinte me referia Bierrembach. Seria um dos motivos de ufania na minha vida ter participado dessa reunião.

Meses depois, era lançado à lume o livro excepcional. Em tôda nossa existência até hoje, nenhum acontecimento literário teve proporções iguais, de tanta sensação. Era a maior festa da inteligência no Brasil. A crítica escarafunchadora não opusera uma restrição sequer ao merecimento da obra. Euclides atinge com ela às máximas alturas, culmina na admiração do país.

Acima de qualquer julgamento, porque saudados e aclamados pela opinião imânime, apareciam os "Sertões". Euclides alcançava, de golpe, a maior das consagrações, com direito a tudo pretender e aspirar num país em que tanto escasseiam os valores dêsse timbre. Era, entretanto, um desambicioso, um tímido, um retraído.

Candidato à Academia Brasileira de Letras, ouvi de Gabriel Valadão, seu amigo, o que foi em emoção para Euclides o dia do pleito. Em comissão do govêrno, encontra-se êle em São José do Rio Pardo, cidade paulista, na direção de obras de engenharia. O fato era recente e por todos comentado. Em verdadeira tortura transcorreram-se-lhe as horas. Passou-as inquieto e apreensivo. Não parou um momento em casa. Andou pelas ruas todo o tempo. Receava pelo resultado. Não tinha confiança na vitória. Temia não ser eleito : êle dos primeiros no consenso da crítica, da imprensa, da nação inteira.

Na Academia, recebido por Silvio Romêro, sucede a Valentim Magalhães, cujo perfil literário retraçou em discurso de funda resonância. O nome de Euclides ecoava por tôda a parte, em alvorada festiva de bênçãos e aclamações. Na pasta dos Exterior, no auge do prestígio, está o barão do Rio Branco. Historiador e geógrafo, bem aquilatando os méritos de Euclides, Rio Branco confia-lhe a chefia da Comissão encarregada da discriminação das nossas fronteiras na extrema setentrional do Brasil. Sôbre a missão relevante, escreve Euclides trabalhos a todos os títulos de altíssimo valor. Os repositórios do Itamaratí se lhe abrem de par em par até o gabinete do Chanceler, que o recebia com preterição dos gros-bonnets, da política da época, que naquela casa contemplam a entrada triunfal de um homem sem nenhuma investidura ou cargo representativo e a quem só o merecimento recomenda e valoriza. E o consultor técnico ouvido e acatado de Rio Branco, para os problemas da delimitação territorial do Brasil, cuja solução lhe haveria de cooriar o nome de glória.

Em Euclides da Cunha está o militar incidentalmente, mas no fundo, o engenheiro de visão aquilina, o estudioso versado no conhecimento da matemática, das ciências físicas e naturais, da botânica, da geologia, conhecimentos que o habilitam à elaboração de uma obra formidável. Espírito de aguda observação, alicerçada na mais extensa e sólida cultura, havia de ser o pensador e sociólogo dos livros imperecíveis que escreveu. Sem o lastro dessa cultura, que os problemas que abordou, êle não seria o escritor que foi. Só com palavras e imaginação, não realizaria a obra de eterna beleza que nos legou.

Esbarrondou, aliás, a errônea versão, em alguns arraigada, de que o estudo da matemática, na sua suposta aridez, esterileza e embota as faculdades imaginativas. O contrário e o que se dá. A desmentir a infundada versão e de modo eloquente, estariam o próprio Euclides, Paul Valery, Poincarré, Latino Coelho e quantos outros. Sem essa cultura é que dificilmente se chegará a ser um escritor do porte de Euclides.

A êsse tempo, sustenta memorável concurso para a cadeira de Lógica no Pedro II. A opinião acompanha emocionada as atitudes e os gestos de Euclides.

De memória, estou a recordar-me da prova oral que fez sôbre "a idéia do Ser", ponto que lhe caiu por sorte e que tanto o surpreendera, distanciado como era o assunto das suas cogitações habituais, afeito que estava ao estudo do cálculo, lidando com Gauss para as determinações astronômicas ou perquerindo os problemas que tanto o fascinavam.

Mas, como convocação e fecho a tudo isso, a essa seriação luminosa de episódios, vem-nos a notícia golpeante do assassínio de Euclides. Eu estava na Vitória do Espírito Santo, em missão técnica do Ministério da Viação ao tempo de Miguel Calmon. A nova, na sua crueza, siderou-me. Perdi por instantes a capacidade de pensar e agir. Fiquei perplexo ante a catastrofe. O acontecimento, no mais vasto de exacerbação, assumia proporções cósmicas. Era como um mundo que desmoronava. Foi a custo que recobrei ânimo e saí para colher os pormenores e ter de várias fontes a confirmação do fato terrível.

Nunca mais se me apagou da memória aquela manhã de agôsto em que o telégrafo transmitia para todos os recantos do país, a morte do maior escritor que já produziu o Brasil.

(OO)

NOTAS E NOTÍCIAS CULTURAIS

(Conclusão da última página)

versas autoridades, o corpo docente da referida Faculdade, bem como numeroso público. Foi oradora da turma a Snra. Idalina Bueno de Magalhães, que produziu belíssima oração, tendo falado, em seguida, o paraninfo da mesma, Dr. Silvio L. Zan, que discorreu brilhantemente sôbre **a ciência astronômica e a cultura contemporânea**, e finalmente, o Snr. Lourenço M. de Araujo que saudou os licenciados em nome do Diretório Estudantil dêsse estabelecimento de ensino superior. Foi patrono da turma o Senador Moisés Lupion.

"Tapejara" deseja aos novos professores um porvir cheio de magnas realizações.

A LÍNGUA BRASÍLICA

O Govêrno Federal, através de recente decreto, tornou obrigatório o ensino da língua tupí.

Aos espíritos galhofeiros comuns, nada mais ridículo e inútil, por certo. Entretanto, um pouco que nos demoremos na análise de tal iniciativa, bem claro se nos afigurará o seu benéfico resultado.

Primeiramente, temos que o tupí-guaraní é língua de muitos milhões de argentinos, paraguaios, bolivianos e, mesmo, brasileiros, pois além das províncias argentinas de Corrientes, Chaco, Formosa, etc., é êle de uso generalizado na República do Paraguai, nalgumas províncias da Bolívia, nas zonas limítrofes do Brasil e, em forma de nheengatú ou tupí moderno, na Amazônia e planalto central. No Amazonas, até os próprios estrangeiros o aprendem para negociar com o elemento caboclo.

Em seguida, há o fator cultural, principalmente literário.

No Paraguai e na Argentina, muitas são as obras escritas inteiramente em guaraní. É principalmente no terreno da poesia que se lhe revelam as enérgicas e inconfundíveis qualidades Narciso R. Colman, Luís Acosta, Marcelino Pérez Martínez, Ponce de León e inúmeros outros, tanto paraguaios como argentinos, contribuem a que se unam e estimem cada vez mais duas nações aparentemente distintas.

Mas, o Brasil sempre teimou em trilhar o caminho da falta de compreensão. Em vez de procurar explorar o lastro comum ameríndio que nos liga aos povos de fala castelhana, fecha-se dentro de pretensos ufanismos ou coisa pior, como se não fôssemos um povo mestiço, em que os elementos formadores são três.

Finalmente, existe ainda a razão de ordem utilitária mais imediata, que é a de conhecimentos práticos, relacionados com a nossa vida cotidiana. Ministrar lições de tupí-guaraní é ensinar ao brasileiro geografia, zoologia, botânica, história, folclore, vocabulário português de origem indígena e mais amor à sua Pátria, pois o aluno volta a considerar-se caboclo e a ter orgulho em possuir êsse extraordinário sangue dos mamelucos bandeirantes de Piratininga, que deram novos Brasis ao Brasil.

E nem se diga que se trata de idioma primitivo. Tomado em si, o tupí, apesar de se parecer com as línguas chamadas primitivas, é no entanto, de uma riqueza assombrosa. O nheengatú do Amazonas tem 30.000 vocábulos, e a coisa mais fácil nessa língua é formar novas palavras : seus prefixos e sufixos proporcionam meios para que o façamos, à vontade e sem recorrer a alheios elementos.

Não admira, pois, que tenhamos uma vasta literatura, mesmo dentro do Brasil : lendas, fábulas e contos de procedência ameríndia, literatura jesuítica dos séculos de catequese, literatura moderna, produzida pelos eruditos e amantes do idioma, consistindo em versões, versos e discursos comemorativos, enfim, o próprio material selvagem da Amazônia, aliado ao que nos apresenta o caboclo civilizado.

Assim, longe está, o ensino dessa língua, da inutilidade que se lhe pretende atribuir, como alguns atribuem ao latim, com que se sobrecarrega a rapaziada dos ginásios.

Além de veículo de cultura, é precioso encorajador do verdadeiro panamericanismo, que significa paz, progresso e colaboração entre os países do Continente de Colombo.

PENSAMIENTOS "PSICOMENTESOFICOS" Y DE "MEDICINA ESPIRITUAL"

Para "Tapejara"

La belleza está relacionada con las grandes intenciones que mueven la vida de los espíritus selectos, comprensivos, siempre capaces de de orientar a los demás por los grandes senderos del porvenir y de la evolución.

En la Medicina Espiritual aparecen todas las concepciones para refinar y suavizar las almas que necesitan de su auxilio mas inmediato. La Medicina Espiritual complementa la terapeutica y cura muchos males del alma.

Todos los Pensamientos "Psicomentesóficos" marcan itinerarios venturosos. La "Psicomentesofía" proyecta luz y vida sublime, enalteciendo las virtudes humanas. Es una ciencia del alma, de la mente y de la vida que va forjando elevadas disciplinas de vida substancial.

Para aquilatar méritos y personalidad, es necesario trabajar con toda intensidad y utilizar convenientemente la mente como el mejor instrumento de paz y buena voluntad.

Son muchos los hombres que desperdician su precioso tiempo ; parece que ignoran lo que vale el tiempo bien empleado. Los que aprovechan sus días y horas logran superarse y hacerse valer en sus dotes y personalidad.

El buen uso de la inteligencia reposa en la maduraeión del espíritu. El que estudia siempre refirma sus pensamientos y los adopta como pujanza moral para todas sus acciones.

La Filosofía Humanista acude para consagrar las virtudes pensantes de los grandes hombres; nos alecciona y nos fortalece intelectualmente. La Filosofía es conclusión científica para la marcha normal de las acciones.

Todas las etapas de la vida se resuelven por ecuaciones; los que no calculan con medida su tiempo y sus acciones, no lograrán jamás la solución de sus problemas vitales, no encontrarán la incógnita.

Un Maestro de verdad es el que sabe aseverar con sus lecciones ideales que marcan grandes perspectivas para elevar el nivel moral y espiritual de la juventud y de todos nuestros semejantes.

Los Ideales de "PAZ", son sentimientos tos que se predican para imponer nuevas y substanciales disciplinas que crean un luminoso clima de amistad, fraternidad, buena voluntad y comprensión.

Para entender mejor la "AMISTAD", es necesario recuperar los sentimientos abandonados para encauzarlos por esta nueva trayectoria. La "AMISTAD", es la gran expresión afectiva que acerca y vincula a los hombres de todo el mundo.

Las "RELACIONES HUMANAS", acercan y unen a los hombres y mujeres de todas las distancias; los ponem en contacto intelectivo y espiritual para poder luchar en conjunto, por todo lo que se vincula con la evolución humana. También fortalecen y confortan las almas que entienden de Relaciones Humanas.

El Egoísmo es maldad; la envidia es mediocridad; y la maledicencia, insignificancia; la calumnia, temple obtuso y personalidad nula. Hay gente que emplean estas armas de la falsedad para anularse de pie a cabeza.

Prof. Doctor **Soli S. Iconicof**
Buenos Aires; 1955 - (Argentina)

(OO)

MEUS VERSOS

Para "Tapejara"
(Inédito)

Os meus versos descorados,
Frouxos, feios, apagados,
Quais flôres murchas, no chão;
São feitos de singeza,
De saudade e de tristeza,
Pois nascem do coração !

São minha glória infinita
Pois traduzem d'alma aflita
Tôda a mágua, tôda a dôr...
Êles falam do passado
Que hoje vive sepultado
Num fugaz e triste amôr...

São farrapos de saudade
Da risonha mocidade
Nos bons tempos de ilusão;
Êles me falam de amores,
De sonhos bons, multicôres,
Do meu pobre coração !

São tristes cabelos brancos,
Revelando os sulcos,
As máguas, os dissabôres;
Meus versos ! Cruel desdita !
São a saudade infinita
De todos os meus amores !..

Alberto Isaías Ramires

— NOTAS E NOTÍCIAS CULTURAIS —

MUSEU DOS CAMPOS GERAIS

Nestes últimos meses, várias foram as doações feitas ao Museu dos Campos Gerais, que é um departamento do Centro Cultural "Euclides da Cunha". Eis a lista: 1 gamela de barro, indústria guaraní, oferta do Snr. Carlos Oetting; 1 capacete constitucionalista da Revolução de 1.932, gentileza do Prof. João Alves dos Reis; diversas cédulas monetárias paraguaias, contribuição da Srinha. Guila Jaira Wambier; 1 pedaço de borracha bruta, oferta do Snr. Alberto Pimenta; uma ponta de flecha, arte guaraní, contribuição do Prof. Paulo Grott; várias fotografias de índios caingangs e guaranís, oferecidas pelo Snr. Dr. Gabriel Bacila; fotografias antigas de Ponta Grossa, gentileza do Sr. Odilon Ribas; vários insetos e aracnídeos, já preparados pelo Sr. Felipe Justus, e 5 vidros contendo várias espécies de cobras, material colhido pelo Snr. Zurich Lins.

A todos a Diretoria do Museu apresenta os seus sinceros agradecimentos.

ELEITO PARA A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS O PROF. MAURÍCIO MEDEIROS

Uma notícia que nos encheu de júbilo foi, incontestàvelmente, a da eleição do Prof. Maurício de Medeiros para a Academia Brasileira de Letras. Se havia alguém credenciado, já pela sólida e variada cultura, já pelo talento e incomum integridade de caráter, êsse era o nosso querido Mestre e amigo, de quem só temos recebido encorajamento e exemplo de independência intelectual.

A veneranda Casa de Machado de Assis os nossos parabens pela acertada escolha.

PROF. DR. JOAQUIM DE PAULA XAVIER

Acontecimento doloroso, profundamente doloroso, a morte do Dr. Joaquim de Paula Xavier.

Figura de real projeção no mundo educacional e personalidade das mais conceituadas na sociedade paranaense, o incomparável companheiro deixou uma vaga lìfeilmente preenchível. Tanto no magistério superior, como nos outros setores da atividade cultural, ou, ainda, no seio da família pontagrossense, o seu nome será sempre lembrado como sinônimo de correção, competência e sadio empreendimento.

A congregação da Faculdade de Filosofia, de que foi êle o primeiro Diretor, querendo homenagear-lhe a memória, inaugurou, há poucos dias, o seu retrato na Biblioteca da mesma. Falou, em nome dos homenageantes, o Dr. Farís Michaele, seguido pelo aluno José Taques, representante dos estudantes, havendo, finalmente, o Prof. Olímpio de Paula Xavier, em nome da família do finado mestre, produzido belíssima oração de agradecimento.

"Tapejara" se solidariza com os promotores dessa justa e tocante homenagem.

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

A Academia Paulista de Letras acaba de inaugurar a sua sede própria.

Semelhante acontecimento se reveste de uma importância das mais transcendentais, porquanto, ninguém ignora o papel que o nobre sodalício paulista vem desempenhando no cenário da cultura nacional. Sem falarmos nas realizações várias, consistentes em cursos, publicações e certames intelectuais, não devemos esquecer que a entidade dirigida pelo conspícuo homem de letras — Dr. Altino Arantes, constituiu prova cabal e irrefutável de que o paulista, mais do que ninguém, representa o verdadeiro brasileiro, no que êste tem de fraternal e compreensivo. Bastaria lembrar que, fato único em tôda a História do Brasil, ai, na Academia, se confundem, de maneira exemplar, filhos de vários Estados, como Sergipe, Minas Gerais, e Santa Catarina, num desmentido flagrante ao chamado bairrismo paulista.

Nossas felicitações efusivas aos imortais de Piratininga.

PALESTRAS E CONFERÊNCIAS

Nestes últimos meses, Ponta Grossa tem vivido instantes de intensa agitação cultural. Não só as conferências, palestras e tertúlias têm sido muitas, como também, inegàvelmente, importantes os temas e abalisados os conferencistas. Assim é que, sob os auspícios do Centro Cultural "Euclides da Cunha", houve as seguintes: Prof. Pedro Pereira Martins, que falou, brilhantemente, sôbre "Eça de Queiroz e sua Epoca"; Prof. Nicolau Meira de Ângelis, que discorreu sôbre "O Realismo na Literatura Brasileira", assunto de que se mostrou senhor, confirmando, por outro lado, a fama de mestre da linguagem e do estilo, e o Snr. Otto Batinga, que relatou, elegante e eficientemente, as suas peregrinações pelo "São Francisco e Nordeste". No Centro Cultural da Mocidade Pontagrossense, fizeram-se ouvir o Prof. Bruno Enei, que desenvolveu, magistralmente, o tema "O Homem na Filosofia da Renascença", o Dr. Mário Pereira Araujo, que falou eruditamente sôbre Alquimia e o Dr. Leônidas Justus, que se aprofundou em considerações a respeito da "Idéia de Número". Outras conferências estão programadas, a cargo de intelectuais de renome, como os srs.: Prof. Dr. Mário Lima Santos, Prof. Dr. José Virgílio Castelo Branco Rocha, Dr. Fernando Teixeira, Prof. Teódoro D'Albuquerque, Desembargador Lauro Fabrício de Mello Pinto.

CARLOS D'ÁVILA

Com a morte do Dr. Carlos d'Ávila, perde a União Panamericana um de seus mais zelosos e eficientes elementos.

Com efeito, quem quer que lhe tenha seguido a brilhante trajetória, logo se dará conta de que o continuador de Rowe e tantos outros constituia, no quadro das atividades da digna entidade de Washington, um ponto de referência que tudo possibilitava, de maneira leal e compreensiva, unindo, assim, mais e mais, os diversos povos da América.

Nossas condolências ao mundo cultural americano.

SEMANA DE CAXIAS

A Semana de Caxias tem o condão de unir, pelo coração, a militares e civis.

Já se tornou tradicional a participação dos eucledianos nas festejos dos nossos irmãos militares. Êste ano, o Centro Cultural "Euclides da Cunha" se fez representar pelos srs. Dr. Ovídio Gasparetto e Prof. Dr. Mário Lima Santos, além da contribuição do Exmo. Sr. Cel. Murilo Teixeira Barros, Vice-Presidente da agremiação eucliduna. O Dr. Gasparetto proferiu elegante oração em praça pública, enquanto que o Prof. Lima Santos, dando prosseguimento às comemorações, em sessão especial, realizada na Rádio Clube Pontagrossense, produziu um magnífico trabalho, em que pôs em relêvo o papel legalizante do Exército, sempre pronto a combater a anarquia e a falta de civismo. O presidente do Clube dos Advogados foi muito cumprimentado.

ÉRICO VERÍSSIMO

Segundo carta dirigida ao nosso Diretor, deverá estar, logo, no Brasil o eminente intelectual — Dr. Érico Veríssimo — que exerce, nos Estados Unidos, as elevadas funções de Diretor do Departamento de Intercâmbio Cultural da União Panamericana, de Washington.

Ao nosso distinto patrício e amigo, que tanto tem sabido elevar o bom nome do Brasil, os nossos votos de feliz regresso e permanência em sua cidade natal.

PRESIDÊNCIA PERPÉTUA

Aproveitando a data natalícia do Dr. Farís Michaele, os eucliduns houveram por bem realizar uma sessão de dupla finalidade. Ao mesmo tempo que se homenageava o aniversariante, e generosamente se lhe concedia, por aclamação, a presidência perpétua do Centro, também, por outro lado, agradecendo a visita do Exmo. Sr. Gal. Nelson de Mello, era entregue ao ilustre e distinto cabo de guerra um Diploma de Sócio Honorário do Centro Cultural "Euclides da Cunha".

A sessão foi muito concorrida, tendo sido presidida pelo Tte.-Cel. Murilo Teixeira Barros, que, após rápidas e significativas palavras, concedeu a palavra ao Prof. Pereira Martins, que saudou o aniversariante. Em seguida, profundamente comovido, fêz uso da palavra o Dr. Farís Michaele, que agradeceu a homenagem, enaltecendo, por sua vez, as qualidades do General amigo, a quem teve a honra de conceder o referido diploma. O Digno Comandante da 5.ª Região Militar apresentou, então, aos intelectuais que haviam comparecido à homenagem as suas mais sinceras e sensibilizadas palavras de louvor e agradecimento, pela maneira como era recebido.

Encerrando a sessão, o Tte.-Cel. Murilo concitou os presentes a sempre propugnarem pela bela causa da cultura e do civismo, base, sem dúvida, do progresso espiritual de nossa terra.

SEMANA EUCLIDIANA

Como acontece todos os anos, realizou-se, de 9 a 15 de agôsto último, a semana Euclidiana de são José do Rio Pardo. As festividades foram inúmeras, salientando-se as maratonas, discursos, palestras e conferências em geral. Foi conferencista oficial o Snr. Cel. Umberto Peregrino, uma das mais lúcidas expressões do nosso Exército. Discorreu sôbre **Euclides Militar**. Em Ponta Grossa, houve várias solenidades, sendo, também de destacar os artigos que os eucliduns Tte.-Cel. Murilo Teixeira Barros, Otokar Haans e Tte. João Alves dos Reis escreveram na imprensa local.

O euclidianismo é, sem dúvida, uma chama que jamais se extinguirá.

HOMENAGEM AO POETA TASSO

Tasso da Silveira, mais do que ninguém, representa o poder criador do paranaense.

A sua poesia, profunda e sugestiva, tem contribuído para o prestígio da intelectualidade do nosso Estado, pelo Brasil afora. Primando pela originalidade e bom gôsto literário, as suas composições deixam sempre transparecer, num inegável fundo místico, acentuados traços de identificação com os entes e coisas, para, com êles, elevar sinceros cânticos de fé e beleza, ante o maravilhoso espetáculo que a finalidade dos elementos cósmicos nos proporciona.

Justa, portanto, muito justa, a homenagem que o Centro de Letras do Paraná houve por bem prestar ao cintilante espírito de Tasso Silveira, e que já conta com a adesão de inúmeras entidades culturais do Paraná.

"Tapejara", traduzindo o pensamento dos euclidianos pontagrossenses, congratula-se com o Diretório do renomado Centro e lhe apresenta a sua mais irrestrita solidariedade.

SUBVENÇÕES AO CENTRO CULTURAL "EUCLIDES DA CUNHA"

Graças à dedicação do Ex-Senador Flávio Carvalho Guimarães, o nosso Centro vinha, anualmente, recebendo subvenções de 50.000,00, concedidas pelo Govêrno Federal. Para êste ano, foi-nos consignada a importância de Cr$ 20.000,00, devida à iniciativa do Deputado Federal Newton Carneiro.

Por outro lado, a Câmara de Vereadores de Ponta Grossa, contando com a bôa vontade da Prefeitura, também nos reservou uma ajuda de Cr$ 12.000,00, anuais.

Aos ilustres patrícios o nosso reconhecimento por essa prova de cultura e compreensão.

O 4 DE JULHO NO CENTRO CULTURAL BRASIL-ESTADOS UNIDOS

A data Magna dos Estados Unidos, que é o "Independence Day", foi comemorada condignamente, êste ano. O Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, a cuja testa se acha o talentoso Snr. José Hyanor Rodrigues, promoveu uma sessão literomusical, que contou com a colaboração de alunos e professores. Vários foram os oradores, destacando-se um belo trabalho, alusivo à data, da autoria do Snr. Prof. João Alves dos Reis. Encerrando a sessão, pronunciou eloquente discurso o incansável presidente da entidade brasileiro-americana, que tanto tem feito pela aproximação entre as duas maiores nações da América.

DOADO AO CENTRO UM IMPORTANTE DOCUMENTO EUCLIDIANO

Do nosso eminente Mestre e Amigo — Prof. Dr. Plínio Ayrosa — recebemos, como doação, um importante documento, consistente numa carta, escrita em 1.901 por Euclides da Cunha, e endereçada ao diretor do Departamento de Obras Públicas de São Paulo, do qual era engenheiro auxiliar.

Como não podia deixar de acontecer, a referida doação muito nos sensibilzou, pelo que, mais e mais, nos põe em débito para com o insigne catedrático de Tupi-Guaraní, da Faculdade de Filosofia de São Paulo.

Ao Prof. Ayrosa aqui reiteramos as palavras de agradecimento que lhe enviamos, há poucos dias.

ORQUESTRA SINFÔNICA DE PONTA GROSSA

Ponta Grossa conta, agora, com uma notabilíssima Orquestra Sinfônica.

Graças ao espírito de sacrifício e ao inegável idealismo de certo número de amadores da música, conseguiu-se, enfim, sob a regência do renomado maestro Tte. Paulino Martins Alves, concretizar um velho sonho dos pontagrossenses. Já vários concertos foram realizados, com êxito integral.

Aos componentes da Sinfônica os nossos parabens mais sinceros e calorosos.

DON RAFAEL LARCO HERRERA E O PRÊMIO NOBEL DE PAZ

Não há na América quem não conheça Don Rafael Larco Herrera e sua obra de transcendental importância.

Estadista dos mais vivos e eficientes; intelectual de vigoroso pensamento e aprimorada cultura geral; idealista, enfim, em quem não se sabe que mais admirar, se a infinita bondade de coração, ou a amplitude incomparável dos anseios de fraternidade e compreensão entre os homens, ou, ainda, a maneira tôda peculiar e persuasiva de promover a aproximação das mentes e conciliar as mais díspares tendências.

É que êle, em tudo, revela desprendimento, ilimitada sabedoria e indubitável sinceridade. Não admira, pois, que se esteja ariculando um movimento no sentido de se lançar a sua Candidatura ao Prêmio Nobel de Paz.

O Centro Cultural "Euclides da Cunha", desde já, está inteiramente solidário com os intelectuais indoamericanos que tiveram tão nobre quão oportuna idéia.

1.ª EXPOSIÇÃO DE PINTURA DOS AMADORES PONTAGROSSENSES

A 15 de Novembro último, Ponta Grossa viveu momento de intensa vibração artística. E que, nos salões da União Síria Pontagrossense, pela primeira vez entre nós, se realizava uma exposição de pintura, inteiramente de amadores. Graças ao zêlo e dedicação de Da. Hilda Cadilha de Oliveira e mais alguns companheiras, a cidade podia, enfim, orgulhar-se de mais uma iniciativa de ordem cultural, que muito irá engrandecê-la lá fora.

Convidado pelos promotores da exposição, fêz o discurso inaugural o nosso incansável diretor e companheiro. A solenidade contou com a presença do Exmo. Sr. Dr. João Vargas de Oliveira, Secretário da Agricultura, Exmo. Sr. Dorival de Arruda Moura, Presidente da Câmara de Vereadores e jornalista Prof. Borel du Vernay, representante do Exmo. Sr. Dr. Petrônio Fernal, Prefeito Municipal.

Nossas congratulações aos promotores da exposição.

SOCIEDADE PONTAGROSSENSE DE AMADORES DE ASTRONOMIA

A Sociedade Pontagrossense de Amadores de Astronomia acaba de eleger a sua nova Diretoria para o período 1.955-1.956, a qual está assim constituida: Presidente: Luiz Carlos Blanc; Vice-dito: Dr. Farís Michaele; 1.º Secretário: Snr. Manoel Machuca; 2.º Secretário: Prof. Olavo Soares; Tesoureira: Senhorinha Daisy Durski; Bibliotecário: Prof. Rafael Taulíle; Diretores Técnicos: Sr. Elício Mezzomo e Sr. José Schronk; Diretor Científico: Dr. Sílvio L. Zan; Diretor Social: Prof. Nestor I. Bueno; Diretor de Publicidade e Relações Culturais: Snr. Tte. João A. dos Reis. Conselho Fiscal: Dr. Eurico Batista Rosas, Snr. Aldilo Holzmann e Prof. Frederico W. Lange.

Nossos agradecimentos e votos de feliz gestão.

DR. ALERANO DE BARROS

Ocorreu, há poucos dias, na capital cearense, o falecimento do Dr. Alerano de Barros, digno genitor dos snrs. Tte.-Cel. Murillo T. Barros e Dr. Luiz de Barros, nossos prezados confrades e companheiros.

Figura de real projeção nas letras e magistratura, o pranteado colaborador de "Tapejara" já se havia imposto, também, à nossa admiração e respeito, mercê de suas preciosas produções intelectuais, que deixavam ressumar primorosa cultura e cintilante inteligência, por sua vez, denunciadoras de invulgar inteireza de caráter.

A família enlutada as nossas condolências.

FACULDADE DE FILOSOFIA DE PONTA GROSSA: COLAÇÃO DE GRAU

A turma de licenciados de 1.955 da Faculdade de Filosofia de Ponta Grossa, colou grau no dia 9 do corrente mês, no Cine-Teatro Ópera.

Estiveram presentes à solenidade di-

(Conclue na página anterior)